

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO  
COMUNICAÇÃO SOCIAL – PRODUÇÃO EDITORIAL

Júlia Gomes Fagundes dos Santos

**“CRISTÃOS CONTRA O FASCISMO”: A CIRCULAÇÃO DE  
DISCURSOS RELIGIOSOS NA AMBIÊNCIA DE POLARIZAÇÃO  
POLÍTICA NO FACEBOOK**

Santa Maria, RS

2019

**Júlia Gomes Fagundes dos Santos**

**“CRISTÃOS CONTRA O FASCISMO”: A CIRCULAÇÃO DE  
DISCURSOS RELIGIOSOS NA AMBIÊNCIA DE POLARIZAÇÃO  
POLÍTICA NO FACEBOOK**

Trabalho apresentado ao Curso de Comunicação Social – Produção Editorial da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para a obtenção do título de **Bacharela em Comunicação Social – Produção Editorial**.

Orientadora Prof<sup>a</sup> Dra. Aline Roes Dalmolin  
Co-orientadora: Francys Albrecht

Santa Maria, RS  
2019

**Júlia Gomes Fagundes dos Santos**

**“CRISTÃOS CONTRA O FASCISMO”: A CIRCULAÇÃO DE  
DISCURSOS RELIGIOSOS NA AMBIÊNCIA DE POLARIZAÇÃO  
POLÍTICA NO FACEBOOK**

Trabalho apresentado ao Curso de Comunicação Social – Produção Editorial da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para a obtenção do título de **Bacharela em Comunicação Social – Produção Editorial**.

**Aprovado em 04 de dezembro de 2019:**

---

**Aline Roes Dalmolin, Dr<sup>a</sup>. (UFSM)**  
(Presidenta/Orientadora)

---

**Francys Albrecht, Me. (UFSM)**

---

**Rejane Pozzobon, Dr<sup>a</sup>. (UFSM)**

---

**Marina Martinuzzi, Me. (UFSM)**

Santa Maria, RS  
2019

## AGRADECIMENTOS

É emocionante olhar para quatro anos atrás e perceber o trajeto que foi feito para se chegar até aqui. Ao longo da graduação, tive a chance de expandir meu conhecimento, pude aprender não só através das aulas formais - nas quais os professores foram tão importantes, mas principalmente com o aprendizado de outras pessoas com quem convivi. Mudar para Santa Maria não foi um processo fácil, exigiu amadurecimento, causou dores, custou perder momentos em família, custou não ver meus irmãos se desenvolvendo, mas, por meio dessa experiência, eu pude me transformar, pude ter contato com pessoas distintamente maravilhosas que talvez eu nunca tivesse. Essas fizeram parte dessa caminhada e tornaram-na suportável.

Agradeço primeiramente a Deus, pela sua grandiosa paciência, pelo seu sustento, pela sua benevolência e, sobretudo, pelo seu imensurável amor. Sem Ele de nada eu seria. Agradeço também por ter posto, em meu caminho, anjos em forma de pessoas, que me auxiliaram, apoiaram, abrandaram meu coração durante as tempestades e por permanecerem ao meu lado.

Agradeço aos meus pais, Raquel e Paulo, os quais tão dedicados e tão complacentes me ajudaram, me sustentaram, me apoiaram e tornaram possível meu ingresso na graduação. Foi, através do sacrifício de vocês, das horas cansativas de trabalho, das noites não dormidas, que me permitiram cursar uma graduação. Obrigada pela paciência que tiveram não só durante o TCC, mas ao longo de toda a minha vida. Obrigada pelo amor de vocês, pelo apoio, por sempre acreditarem em mim, mesmo eu, às vezes, não acreditando. Vocês são e sempre foram pais exemplares, dos quais eu me orgulho de ser filha. ILY!

Agradeço a todos os meus amigos, pelo apoio, pelo amor, pela paciência que tiveram comigo durante meus momentos de ansiedade e tristeza, pelas palavras de carinho e, muitas vezes, de consolo. Agradeço às Penteras, Camila, Isa, Laura, Regis e Thati, por serem minha segunda família. Vocês me fazem lembrar o quão bom é andar ao lado de amigos. “É melhor ter companhia do que estar sozinho, porque maior é a recompensa do trabalho de duas pessoas. Se um cair, o amigo pode ajudá-lo a levantar-se.” (ECLESIASTES, 4:9).

Agradeço à Morgana, por ter conseguido me aturar durante esse momento crítico na vida de qualquer universitário, porém, mais do que isso, obrigada pelos conselhos, pelas conversas, pelas terapias informais, pela paciência, pelos seus elogios, pelo seu amor, pela

sua amizade tão preciosa. Obrigada por não me deixar colocar tudo que eu tinha feito fora achando que estava horrível!

Agradeço à Jéssica, pela sua amizade repleta de beleza e arte. Obrigada por me fazer olhar para a vida e para as pessoas de outra forma. Obrigada pelas risadas, pelas companhias no café, pelas parcerias nas festas, nos momentos bons e nos ruins. Obrigada, acima de tudo, por estar junto comigo nessa luta como uma cristã que não tolera as formas de opressão e por não me deixar sentir que estou sozinha nessa luta.

Agradeço à Chris, pela sua amizade, pelo seu carinho, pelo seu amor, pelos conselhos e pelas palavras de paz. Por meio de ti, aprendi mais sobre o amor de Deus e a Graça que emana Dele. Obrigada por ter me apoiado e caminhado comigo durante esse tempo que estivemos juntas.

Agradeço a minha orientadora, Aline, que brilhantemente me orientou e esteve presente na realização deste trabalho. Obrigada pelos auxílios, conselhos e orientações.

Agradeço à Francys que tão pacientemente me co-orientou e, muitas vezes, acalmou meus anseios, através de uma palavra de tranquilidade.

Por fim, agradeço à Universidade Federal de Santa Maria, essa instituição que pode me proporcionar a experiência incrível da graduação e por ser lar de tanto conhecimento. Agradeço a todos os professores, técnicos, funcionários, com os quais tive contato ao longo desses quatro anos, mas também aos que nunca tive a oportunidade de conhecer, pois sei que o trabalho de cada um torna possível o funcionamento dessa universidade. Obrigada a todos vocês!

Ai de vocês, intérpretes da Lei! Porque  
vocês pegaram a chave do conhecimento.  
No entanto, vocês mesmos não entraram e  
impediram os que estavam entrando.

(LUCAS, 11:52)

## RESUMO

# “CRISTÃOS CONTRA O FASCISMO”: A CIRCULAÇÃO DE DISCURSOS RELIGIOSOS NA AMBIÊNCIA DE POLARIZAÇÃO POLÍTICA NO FACEBOOK

AUTORA: Júlia Gomes Fagundes dos Santos  
ORIENTADORA: Prof<sup>a</sup> Dr. Aline Roes Dalmolin  
CO-ORIENTADORA: Francys Albrecht

Durante o ano de 2018, no último período eleitoral, uma polarização política tomou conta do país, sobretudo durante o segundo turno disputado entre Fernando Haddad (PT) e Jair Messias Bolsonaro (PSL). Apesar de não ser novo, o fenômeno da polarização, antes tido somente como uma disputa bipartidária, progrediu para um profundo embate, fazendo com que o partido oposto fosse visto não só como adversário, mas como um inimigo. Nessa conjuntura, um movimento fundamentalista religioso tomou força e adotou um dos lados da polarização, defendendo a proteção e a restauração de valores cristãos, já que esses estariam supostamente “sob ataque”. Tendo em vista esse contexto e suas consequências nocivas ao processo de diálogo, o presente trabalho tem como objetivo analisar a circulação de discursos religiosos na página do Facebook do movimento ecumênico intitulado “Cristãos contra o fascismo”, procurando entender que sentido esses discursos adquirem em uma ambiência de polarização política. Como objetivos específicos, visou-se compreender (a) como ocorre o diálogo por meio de movimentos ecumênicos, (b) como se configura o fenômeno polarizado e (c) como esse é nocivo aos processos dialogais. Por fim, realizou-se a análise das postagens na página por meio da metodologia de circulação, através da qual se pode perceber (a) o ódio biopolítico direcionado à esquerda, (b) os embates travados pela concepção do que é ser cristão e de quem pode fazer uso dessa denominação e (c) o uso de um repertório cristão para aproximação entre os interagentes, criando possibilidades para o estabelecimento de diálogo.

**Palavras-chave:** Circulação. Diálogo. Ecumenismo. Polarização política.

## ABSTRACT

### **“CHRISTIANS AGAINST FASCISM”: THE MOVEMENT OF RELIGIOUS DISCOURSES IN THE POLITICAL POLARIZATION ENVIRONMENT ON FACEBOOK**

AUTHOR: Júlia Gomes Fagundes dos Santos

ADVISOR: Prof. Dr. Aline Roes Dalmolin

CO-ADVISOR: Francys Albrecht

During 2018, in the last election, a political polarization took hold of the country, especially during the run-off between Fernando Haddad (PT) and Jair Messias Bolsonaro (PSL). Although not new, the phenomenon of polarization, once seen only as a bipartisan dispute, has progressed into a profound rivalry, causing the opposing party to be seen not only as an adversary but as an enemy. At this juncture, a fundamentalist religious movement took strength and adopted one side of the polarization, advocating the protection and restoration of Christian values, as because they were supposedly "under attack." Given this context and its harmful consequences to the dialogue processes, this paper aims to analyze the circulation of religious discourses on the Facebook page of the ecumenical movement entitled “Christians against fascism”, trying to understand what meaning these discourses acquire in a ambience of political polarization. As for the specific objectives, we aimed to understand (a) how dialogue occurs through ecumenical movements, (b) how the polarized phenomenon is configured and (c) how it is harmful to of dialogue. Finally, we analyzed the posts on the page through the circulation methodology, through which we can perceive (a) the hate directed to the left, (b) the clashes held by the conception of being a Christian and who can make use of this denomination and (c) the use of a Christian repertoire to bring together users, creating possibilities for establishing dialogue.

**Keywords:** Circulation. Dialogue. Ecumenism. Political polarization.



## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Relação das postagens e suas informações.....	75
--	----

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Participante questiona se deve permanecer no grupo .....	33
Figura 2 - Usuários comentam publicação no grupo .....	34
Figura 3 - <i>Tweet</i> do presidente Jair Bolsonaro .....	38
Figura 4 - Edir Macedo em transmissão ao vivo no Facebook .....	47
Figura 5 - <i>Tweet</i> do presidente Bolsonaro a respeito da transferência da embaixada de Israel .....	49
Figura 6 - Frame retirado do audiovisual produzido pelo movimento “Cristãos contra o fascismo” e o Mídia Ninja .....	67
Figura 7 - Compartilhamento da campanha “A fé cristã” pela página “Quebrando Tabu” ..	68
Figura 8 - 12ª lição da campanha “Vamos iluminar o Brasil: 40 dias de oração e serviço” ..	70
Figura 9 - Post da campanha “Ainda dá tempo de mudar” .....	71
Figura 10 - Postagem de Tiago Santos no grupo “Cristãos contra o fascismo” .....	72
Figura 11 - Postagem “Aceita que o Bolsonaro te enganou Babaca” .....	73
Figura 12 - Postagem “Pelo fim da balbúrdia” .....	77
Figura 13 - Comentário do usuário conjecturando que o Deus dos cristãos comunistas é com “d” minúsculo .....	79
Figura 14 - Comentário do usuário criticando uma página cristã apoiando a esquerda .....	79
Figura 15 - Comentário do usuário afirmando que não nenhuma ligação entre cristianismo e a esquerda política .....	79
Figura 16 - Comentário do usuário afirmando que é inacreditável uma página cristã apoiar o comunismo e o socialismo .....	80
Figura 17 - Publicação da charge feita por Carlos Latuff .....	80
Figura 18 - Jair Bolsonaro ensina criança a fazer gesto de arma .....	81
Figura 19 - Comentário do internauta W.L. ironizando a página .....	83
Figura 20 - Comentário do internauta W.L. afirmando não ser cristão .....	83
Figura 21 - Publicação do <i>tweet</i> do vereador Professor Tulio (PSOL) .....	84
Figura 22 - Comentário do usuário comparando Bolsonaro ao anticristo .....	85
Figura 23 - Comentário do internauta afirmando que se admira Jesus, não admira Bolsonaro .....	85
Figura 24 - Comentário do usuário comparando crer em Jesus e concordar com as ações de Bolsonaro como tentar misturar água e óleo .....	85
Figura 25 - Comentário do usuário questionando sobre como ser comunista e cristão .....	86
Figura 26 - Comentário do usuário criticando cristãos que admiram o Lula .....	86
Figura 27 - Comentário do usuário criticando cristãos que admiram Jesus e Che Guevara ..	86
Figura 28 - Comentário do internauta criticando cristãos que apoiam o aborto .....	86
Figura 29 - Comentário do usuário respondendo como admirar Jesus e Bolsonaro .....	87
Figura 30 - Comentário de usuário que usa um versículo bíblico para justificar sua posição .....	87
Figura 31 - Comentário do usuário afirmando que não funciona o raciocínio de quem admira Jesus e Bolsonaro .....	87
Figura 32 - Comentário do usuário respondendo que não existe raciocínio em admirar Jesus e Bolsonaro .....	87
Figura 33 - Compartilhamento da campanha “A fé cristã” pela página “Quebrando Tabu” ..	88
Figura 34 - Comentário do usuário elogiando a postagem .....	90
Figura 35 - Comentário do internauta questionando sobre conhecimentos teológicos .....	90

Figura 36 - Comentário de internauta respondendo o outro com base em conhecimentos teológicos .....	90
Figura 37 - Comentário do internauta sobre membros de igrejas defenderem a morte de pessoas e crianças .....	91
Figura 38 - Comentário do usuário criticando a posição adotada pelo outro .....	91
Figura 39 - Comentário do internauta instigando o outro a respondê-lo com base em conhecimento bíblico .....	92
Figura 40 - Comentário dos usuários interagindo .....	92
Figura 41 - Comentário do usuário que afirma não precisa explicar a Bíblia para quem realmente a conhece.....	95
Figura 42 - Comentário do usuário afirmando que quem segue a doutrina real do cristianismo não concordaria com as propostas de Bolsonaro .....	95
Figura 43 - Comentário do usuário criticando quem se denomina cristão e defende o aborto	95
Figura 44 - Comentário de usuário proferindo ofensas contra a página.....	95
Figura 45 - Comentário do usuário afirmando que a página não é de cristãos, mas de comunistas .....	96

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2</b>	<b>PLURALIDADE, RELATIVIZAÇÃO E ECUMENISMO</b> .....	17
2.1	A PLURALIDADE E SUAS IMPLICAÇÕES NA MODERNIDADE .....	17
<b>2.1.1</b>	<b>Como a pluralidade muda a forma de tomar decisões?</b> .....	22
<b>2.1.2</b>	<b>A relativização da religião</b> .....	25
2.2	O ECUMENISMO E O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO .....	29
2.3	A LAICIDADE POSSIBILITA A PLURALIDADE E A LIBERDADE RELIGIOSA? .....	35
<b>3</b>	<b>POLARIZAÇÃO POLÍTICA EM UM AMBIENTE DE PLURALIDADE</b> .....	42
3.1	O QUE É POLARIZAÇÃO? .....	42
3.2	A POLARIZAÇÃO E OS PERIGOS PARA A DEMOCRACIA .....	51
3.3	FAKE NEWS E O FENÔMENO DA POLARIZAÇÃO POLÍTICA .....	57
3.4	COMO A POLARIZAÇÃO AFETA O DIÁLOGO? .....	59
<b>4</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	61
4.1	A MUDIATIZAÇÃO E A CIRCULAÇÃO DOS DISCURSOS .....	61
4.2	O MOVIMENTO “CRISTÃOS CONTRA O FASCISMO” E O CONTEXTO DE PRODUÇÃO .....	66
4.3	A CIRCULAÇÃO DE DISCURSOS NA AMBIÊNCIA DE POLARIZAÇÃO POLÍTICA .....	75
<b>4.3.1</b>	<b>Balbúrdia é...</b> .....	76
<b>4.3.2</b>	<b>#ChegaDeArmas</b> .....	80
<b>4.3.3</b>	<b>“Eu queria entender como funciona o raciocínio de alguém que admira Jesus e Bolsonaro ao mesmo tempo...”</b> .....	84
<b>4.3.4</b>	<b>Minha fé não combina com...</b> .....	88
<b>4.3.5</b>	<b>Embates a respeito da definição de cristão</b> .....	94
<b>4.3.6</b>	<b>Diálogo baseado em elementos religiosos</b> .....	96
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	99
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	103

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo do ano de 2018, durante o período eleitoral, viu-se um forte clima de polarização política tomar conta do Brasil, sobretudo na disputa travada no segundo turno, entre os candidatos Fernando Haddad (PT) e Jair Messias Bolsonaro (PSL). A polarização política, por sua vez, não é um fenômeno recente no país, posto que, desde 1994, havia um confronto histórico, durante as eleições presidenciais, entre o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). No entanto, o que se tratava, até então, de uma disputa bipartidária agravou-se para um fenômeno que reúne alto grau de animosidade, em que o partido opositor é visto não mais como um adversário, mas como um inimigo (BRAGA, 2019). Ademais, a polarização provocou não só uma cisão entre o eleitorado, mas também entre a sociedade ao acionar conflitos referentes à raça, religião, classe social e gênero (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018). Nas redes sociais, esse conflito se travou de forma ainda mais acentuada por meio do compartilhamento de *fake news* (notícias falsas), circulação de discursos de ódio e de intolerância, provocando prejuízos no estabelecimento do diálogo.

Aliado a isso, viu-se um movimento fundamentalista religioso cristão propagar-se no Brasil, adotando um lado no contexto polarizado. Tal fenômeno foi amparado por discursos de líderes religiosos e políticos, em que se inclui o atual presidente Jair Bolsonaro, que defendiam a proteção e o restabelecimento dos valores cristãos, que, para esses, estavam “sob ataque”. É possível perceber que há uma revitalização não só do protestantismo evangélico no Brasil, principalmente quando se trata da expansão neopentecostalismo<sup>1</sup>, mas de diversas religiões ao redor do mundo, contrariando o que sociólogos da religião apontavam como a queda e, conseqüentemente, a morte da religião na era moderna (BERGER; ZIJDERVELD, 2012). Para Peter Berger e Anton Zijderveld (2012), o fato de se viver em meio a uma profusão de religiões, cultos e seitas, demonstra

---

<sup>1</sup> Originado nos anos 70, nos Estados Unidos da América, o neopentecostalismo é uma vertente cristã surgida a partir do pentecostalismo, conhecida por ser uma denominação mais “fervorosa”, em que durante os cultos há a livre presença das manifestações do espírito santo como os dons de falar em línguas, de profetizar, de cura, de expulsão de demônios, entre outros. O neopentecostalismo apresenta-se em expansão constante no sul do Pacífico, da África, do leste e sudeste da Ásia e, sobretudo, na América Latina, da qual se destaca o Brasil (MARIANO, 2005). Diferentemente do pentecostalismo, o neopentecostalismo adota uma postura mais liberal e defende a chamada Teologia da Prosperidade, que se baseia na prosperidade econômica e material de seus adeptos (MARIANO, 2005). Dentre as igrejas brasileiras neopentecostais, estão a Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Internacional da Graça de Deus e a Igreja Renascer em Cristo (MARIANO, 2005).

que a modernidade não necessariamente seculariza, mas que ela pluraliza.

A tese concebida por Berger e Zijderveld (2012) defende que a modernidade, por meio da crescente urbanização, possibilitou que pessoas de diferentes grupos sociais, étnicos e religiosos entrem em contato, proporcionando interação social e paz cívica. Com a ampla variedade de religiões, estilos e modos de vida, o indivíduo é capaz de optar por diferentes concepções de mundo. Isso alterou a forma com que a religião é percebida e a maneira com que ela se estrutura na modernidade. Antes, seguir uma religião era concebido como uma obrigação, hoje é vista como uma escolha individual, sendo que o sujeito tem a possibilidade de optar por uma, duas, ou nenhuma religião. Do mesmo modo, a pluralidade, ao aproximar indivíduos distintos, fez com que esses dialogassem e pudessem trocar opiniões, percepções, cosmovisões – isto é, noções de mundo diversas -, causando o que Berger e Zijderveld chamaram de contaminação cognitiva (BERGER; ZIJDERVELD, 2012). Esse conceito é adotado pelos autores para explicar como hábitos, práticas e pensamentos de um indivíduo podem ser incorporados por outro através da convivência, fazendo com que se perca a visão de que as crenças do outro são nocivas.

Essas condições de pluralização tornaram favoráveis ao desenvolvimento de ações ecumênicas, ou seja, entre diferentes vertentes cristãs, e de diálogo inter-religioso, uma vez que mudaram a forma com que essas se relacionavam. Dentro desse contexto, encontra-se o movimento denominado “Cristãos contra o fascismo”, objeto de estudo deste trabalho. O movimento definido como ecumênico foi criado pelo teólogo e publicitário, Tiago Santos, em 2018, durante o período eleitoral. O “Cristãos contra o fascismo” teve como marco inicial a criação da página e grupo no Facebook que reúne pessoas de diferentes vertentes cristãs e até de outras religiões, com o objetivo fazer oposição ao discurso fascista que incita o ódio, a violência e a discriminação. Como o ecumenismo e o diálogo inter-religioso têm como características a comunicação e a busca por uma unidade que visa superar barreiras vistas muitas vezes como intransponíveis, entende-se que o objeto de estudo possui significativa relevância, tendo em mente o contexto atual, já que dá indícios de como superar essa polarização e os obstáculos que impedem o diálogo.

Julgou-se, então, relevantes os diálogos mantidos entre usuários através dos comentários, para compreender como circulam e quais sentidos adquirem os discursos religiosos em um ambiente de polarização política. Buscou-se, portanto, analisar essas publicações, tendo em vista o contexto em que a comunicação entre indivíduos de partidos, ideologias e posições divergentes é impossibilitado, uma vez que os indivíduos buscam

uma consonância cognitiva, afastando-se de posições que destoem do que eles acreditam (FESTINGER, 1975).

A teoria da consonância/dissonância cognitiva afirma que os indivíduos tendem a procurar materiais – livros, revistas, sites, páginas – que corroborem com o que eles acreditam. Logo, se um indivíduo adota uma posição política de esquerda<sup>2</sup>, ele irá ler jornais, revistas, blogs que tenham viés político de esquerda. Da mesma forma, esse sujeito curtirá páginas, terá amigos no Facebook e seguirá pessoas que tenham a mesma posição que ele, para que assim se preserve uma consonância entre o que ele acredita e o que ele faz (FESTINGER, 1975). Presumivelmente, os sujeitos tendencialmente irão buscar se afastar de conteúdos e pessoas que contrariem o que eles acreditam, distanciando-se de posições destoantes. Esse processo foi agravado na polarização política, graças à dinâmica das redes sociais que permitem excluir facilmente pessoas indesejadas na lista de amigos.

Do ponto de vista comunicacional, isso se tornou nocivo aos processos dialogais, visto que é mais fácil excluir aquele que tem posição política diferente do que buscar construir um diálogo com ele. Tendo em vista isso, chega-se ao problema central deste trabalho, que se trata de como se dá a circulação de discursos religiosos em uma página de um movimento social ecumênico, em um ambiente de polarização política, procurando entender quais sentidos adquirem esses discursos em uma ambiência de polarização política. O objetivo geral, portanto, é analisar a circulação de discursos religiosos na página “Cristãos contra o fascismo” no contexto de polarização política. Como objetivos específicos, visou-se (a) compreender como ocorre o diálogo por meio do movimento ecumênico, e (b) entender como se configura o fenômeno polarizado nessa legislatura e (c) como este é nocivo aos processos dialogais.

Para melhor compreensão e sistematização do trabalho, foi necessário dividi-lo em três capítulos. No primeiro, buscou-se discutir os conceitos de pluralidade, secularização, laicidade, ecumenismo e diálogo inter-religioso, que serviram de pano de fundo para o estudo e permitiram compreender como se constrói o diálogo pautado por movimentos ecumênicos, como os processos laicidade e pluralidade contribuem para um cenário que possibilita o ecumenismo e o diálogo inter-religioso e a relação estabelecida entre religião e

---

<sup>2</sup> No último período eleitoral (2018), observou-se que as compreensões de direita e esquerda conhecidas, até então, foram alteradas pelo fenômeno da polarização política. Fazendo com que uma atitude tomada por um eleitor fosse automaticamente associada a um dos lados da polarização política de forma automática. Por exemplo, um indivíduo, ao fazer oposição a Jair Bolsonaro, era enquadrado automaticamente como “de esquerda”, apesar desse não se identificar com essa linha política. Isso provocou alterações no modo como os vieses de esquerda e direita são percebidos.

política, sobretudo entre o protestantismo evangélico que ganhou notoriedade durante o último período eleitoral. Dessa forma, os autores que auxiliam na compreensão desses conceitos foram: Peter Berger e Anton Zijderveld (2012) numa primeira instância, Bosch Navarro (1995) e Jesús Hortal (1996) num segundo momento e, por fim, Cesar A. Raquetat Jr (2008), Roberto Blancarte (2011) e Ari Oro (2011).

A seguir, no segundo capítulo, procurou-se compreender o fenômeno da polarização política agravado pelo processo eleitoral de 2018, como ele se configura, quais as características associadas a cenários polarizados e a maneira com que esse afeta os processos dialogais, principalmente, quando se fala com pessoas de opiniões divergentes. Podem ser constatadas similaridades nos processos polarizados, que não se restringem ao contexto brasileiro, através da disseminação de *fake news*, o enfraquecimento dos meios de comunicação, o ódio biopolítico (DALMOLIN, 2019) e a circulação de discursos de ódio e intolerância nas redes sociais (BRAGA, 2019). Dessa forma, os autores norteadores são Nara Salles (2015), Carlos Ramulfo Fleix de Melo e Rafael Câmara (2012), Steven Levitsky e Daniel Ziblatt (2018), e José Luiz Braga (2019).

Por fim, no último capítulo, partiu-se para a análise das publicações selecionadas da página “Cristãos contra o fascismo” no Facebook, a fim de evidenciar como circulam os discursos religiosos na ambiência de polarização política. As postagens foram escolhidas com base nas que obtiveram maiores interações verificadas através do número de curtidas, comentários e compartilhamentos. Optou-se por trabalhar com quatro publicações, sendo que destas, três foram publicadas pelo perfil da página “Cristãos contra o fascismo” e uma tratava-se de uma publicação compartilhada pela página “Quebrando tabu”.

A última parte deste trabalho foi separada, então, em três etapas, sendo que a primeira explicita o percurso metodológico empregado na análise das postagens. A segunda parte descreve o contexto de produção e criação da página e do grupo “Cristãos contra o fascismo”, bem como das ações propostas por essa e as nuances percebidas desde sua concepção. Por fim, na terceira parte, realizou-se a seção analítica, na qual se pode perceber nos comentários o uso de argumentos<sup>3</sup> que incitam (a) o ódio biopolítico direcionado à esquerda, (b) os embates pela concepção do que é ser cristão e de quem pode apropriar-se dessa definição e (c) o uso de referências a ensinamentos, valores religiosos buscando uma articulação do diálogo e superação, portanto, das diferenças e desavenças agravadas pelo

---

<sup>3</sup> Neste trabalho, não se teve a pretensão de se referir a Teoria da Argumentação. Utilizou-se o termo “argumento”, nesse caso, como colocação usual para se referir as alegações levantadas pelos interagentes como justificativa de uma tomada de decisão/opinião durante a conversação.



processo de polarização.

A metodologia empregada foi de análise da circulação, por meio das contribuições dos autores José Luiz Braga (2006, 2012, 2018) e Antonio Fausto Neto (2010), que possibilita analisar como circulam os sentidos propostos pela publicação e as formas de interação entre os usuários nos comentários.

Nas considerações finais, foram retomadas as principais constatações e percepções feitas durante o trabalho.

## 2 PLURALIDADE, RELATIVIZAÇÃO E ECUMENISMO

Neste primeiro capítulo, discutir-se-á os conceitos de pluralidade, secularização, laicidade, ecumenismo e diálogo inter-religioso que serviram de pano de fundo para o presente trabalho e auxiliaram a compreender como (a) se constrói o diálogo pautado por movimentos ecumênicos, (b) como os processos laicidade e pluralidade contribuem para um cenário que possibilita o ecumenismo e o diálogo inter-religioso e (c) a relação existente entre religião e política, sobretudo no que tange ao protestantismo evangélico na última eleição. Através desses conceitos, pode-se chegar ao objetivo específico que visa compreender como ocorre o diálogo por meio do movimento ecumênico.

Fez-se necessário, portanto, dividir o texto em três momentos diferentes. O primeiro inicialmente aborda acerca das mudanças advindas do processo de modernidade que possibilitam a pluralidade, conseqüentemente produzindo implicações na sociedade, sobretudo no modo como a religião se configura durante o século XXI. Na segunda parte, investigar-se-á o movimento ecumênico, suas características, principais organizações ativas no Brasil bem como as ações desempenhadas por esses. Por fim, no terceiro momento, buscar-se-á entender as relações existentes entre religião e política, principalmente no que concerne ao protestantismo evangélico que ganhou protagonismo na última eleição.

Dessa forma, procurou-se aporte teórico que dê sustentação através de autores como Peter Berger e Anton Zijderveld (2012), em uma primeira instância. Em seguida, os autores Bosch Navarro (1995) e Jesús Hortal (1996) auxiliaram a compreender a configuração do movimento ecumênico. Por fim, no terceiro momento, analisou-se como o estado democrático, que tem como pressupostos a laicidade, a tolerância e a liberdade de expressão, torna possível a sustentação de um ambiente dialógico. Para isso, fez-se necessário entender o processo de secularização e laicidade, através da contribuição dos autores Cesar A. Raquetat Jr (2008), Roberto Blancarte (2011) e Ari Oro (2011).

### 2.1 A PLURALIDADE E SUAS IMPLICAÇÕES NA MODERNIDADE

Sociólogos da religião apontam para o declínio e perda do vínculo religioso diante do processo gradativo da modernidade. Tal teoria ficou conhecida como secularização e, dentre suas características, pode-se citar a perda da autoridade da religião no cotidiano, o desgaste de seus princípios, o afastamento da esfera pública – que posteriormente levou à

separação formal entre Estado e demais manifestações religiosas por meio da laicidade. A secularização se origina a partir do processo da modernidade, no qual se observa os valores religiosos, que antes eram fundamentais à organização social, perderem espaço (WILSON, 1969). A religião deixa de ser central na vida dos indivíduos e perde o seu poder no âmbito privado e cotidiano (PIERUCCI, 2000), conseqüentemente levando ao enfraquecimento das instituições religiosas, sobretudo da Igreja Católica. Em decorrência disso, na maioria dos países cuja principal instituição religiosa era a Igreja Católica, como é o caso de alguns países latino-americanos, tais como o Brasil, viu-se maior abertura à liberdade religiosa, conduzindo ao pluralismo religioso.

Dentre os autores que estudaram e estudam o conceito de secularização, Giacomo Marramao foi o que teve um empenho notável ao discutir sobre a origem do conceito secularização. Entre as obras do autor, destaca-se o livro *Potere e Secularizzazione*, ou Poder e Secularização, escrito em 1989, no qual o autor rememora a origem do processo de secularização. Inicialmente como um termo jurídico-político, a secularização expressava primordialmente a ação de expropriação dos bens eclesiásticos aos domínios do Estado. Era, portanto, uma mudança do poder espiritual sobre certas instituições ao poder profano (LUBBE, 1965). A segunda aplicação do conceito surge em meio aos conflitos existentes entre canônicos franceses, que diz respeito à redução de um clérigo ao estado laical, era a passagem feita de um religioso ao estado de padre regular, dessa forma surgindo a separação entre padre secular e padre regular. De forma geral, a secularização surge como uma ação jurídico-política, mas que, em seguida, produz implicações como a perda da força da religião na vida cotidiana.

No entanto, quando se investiga o cenário atual das religiões no mundo, percebe-se que há uma profusão de novos movimentos religiosos surgindo e a revitalização das antigas religiões. É possível perceber no cenário atual brasileiro, por exemplo, a expansão do protestantismo evangélico, sobretudo do pentecostalismo. Para Peter Berger e Anton Zijderveld (2012), esses fatores demonstram que a modernidade não necessariamente seculariza, mas pluraliza, já que se vive em meio a uma variedade de religiões, cultos e seitas. A pluralidade é conceito amplo que é expresso pela relação de diferentes grupos sociais, étnicos, religiosos, “que convivem em condições de paz cívica e em interação social uns com os outros” (BERGER; ZIJDERVELD, 2012, s.p.). Sendo de fundamental importância para essa concepção que haja paz cívica e interação social. Ora, se pode viver em uma sociedade plural formada por distintos grupos étnicos, mas em que um grupo

explora e oprime o outro. Da mesma forma, é possível viver em uma sociedade com uma ampla variedade de religiões, mas que não interagem entre si (BERGER; ZIJDERVELD, 2012). Esses dois tipos de situação são verídicas, mas contraria o que Berger e Zijderveld (2012) pensam ao falar em pluralidade.

Um dos fatores que contribuíram para que se viva em uma sociedade plural é a crescente urbanização advinda da modernidade. Em tempos anteriores, como na Idade Média, as pessoas pertencentes à mesma classe social interagiam entre si; dessa forma, compartilhavam um mesmo consenso cognitivo e normativo, isto é, entendiam da mesma forma o mundo e de como se portar nele. A comunicação entre diferentes grupos étnicos, raciais, sociais, era uma atividade laboriosa, quase inexistente, as exceções encontravam-se quando se tratava de relações hierárquicas e de vassalagem. No entanto, não havia diálogo como troca de opiniões.

Com a constante mudança para as cidades, essa realidade passou aos poucos a se modificar. Os indivíduos se encontraram em uma situação na qual passaram a conviver com maior proximidade de pessoas que não faziam parte do mesmo grupo social, étnico ou religioso. Aos poucos, os muros da segregação social começavam a cair (BERGER; ZIJDERVELD, 2012). Em sociedades anteriores, foi possível verificar exceções nas quais houve pluralidade. A exemplo disso, pode-se citar a Índia Mongol, a Sicília, a Andaluzia muçulmana, a cidade de Roma no final do período helenista. Todos tiveram espaços interacionais que fortaleceram o diálogo entre aqueles que pensavam de distintas formas (BERGER; ZIJDERVELD, 2012). No entanto, a pluralidade só alcançou proporções notórias com a passagem para a modernidade.

A constante relação entre grupos sociais, étnicos e religiosos distintos ocasionada pela modernidade proporcionou o que Berger (2012) chama por “contaminação cognitiva”. A contaminação cognitiva proveio da teoria que se originou na psicologia social elucidada por Leon Festinger, em seu livro “A Teoria da Dissonância Cognitiva” (1975). Essa contaminação ocorre quando se convive por muito tempo com uma pessoa ou grupo de pessoas, de tal modo que se acaba incorporando pensamentos, falas e ideias desses outros indivíduos. No entanto, antes disso, é necessário compreender o que é a cognição. A cognição é formada por elementos que representam “coisas que uma pessoa conhece sobre si mesma, sobre o seu comportamento e sobre o meio que a cerca.” (FESTINGER, 1975, p. 18). Esses elementos cognitivos são “conhecimentos” que as pessoas possuem que auxiliam a entender quem ela é, o que ela quer, o que deseja, do mesmo modo, conhecimentos sobre

o mundo ajudam a entender: “onde se está; o que leva a que; que coisas são agradáveis ou penosas ou inconsequentes ou importantes, etc.” (FESTINGER, 1975, p.18). Assim, o conjunto de elementos da cognição leva a entender a realidade. É como se juntasse todas as peças de um quebra cabeça para, desse modo, compreender a figura que forma.

Desse modo, a contaminação cognitiva proporciona compreender o que o outro pensa, como ele vê o mundo, e, conseqüentemente, aos poucos vai se perdendo a visão de que as opiniões, crenças e valores alheios são “perversos, nocivos ou insanos” (BERGER; ZIJDERVELD, 2012, p.10). Dessa forma, os indivíduos tendem a escolher com quem irão se relacionar, quem seguir no *Twitter*, quem adicionar no *Facebook*, quais celebridades seguir e assim por diante. Opta-se por ler jornais, livros, revistas que contribuam para a construção da opinião sobre um fato, do mesmo modo que se evita ler materiais que contradizem e criticam a opinião que se tem sobre algo. Existe coerência no que uma pessoa sabe, crê e o que faz (FESTINGER, 1975). Sempre se tenta ter um estado de coerência consigo mesmo. Ou seja, buscam sempre por explicações que justifiquem as coerências próprias, a fim de eliminar incoerências internas. Por exemplo, se um indivíduo é contra o cigarro, ele, portanto, não fumará.

No entanto, muitas vezes os sujeitos tomam ações que contradizem a sua coerência cognitiva, demonstrando uma incongruência com o que pensa. O próprio exemplo do cigarro pode ser utilizado novamente nesse caso. Se o indivíduo sabe que o cigarro é prejudicial à saúde, deveria, portanto, não fumá-lo. Contudo, sabe-se que existem fumantes que possuem conhecimento dos riscos para saúde, mas que mesmo assim continuam fumando. Tal incongruência é chamado na psicologia de dissonância cognitiva (FESTINGER, 1975). Nesse caso, a dissonância é a relação discordante entre cognições, já que se o sujeito tem uma compreensão de que o cigarro é nocivo e, mesmo assim, acaba por fazer o oposto do que ele deveria fazer, ocorre uma dissonância. Por outro lado, se esse indivíduo vivesse em uma sociedade que fumar cigarro é expresso como um ato positivo e a ser incentivado, fumar o cigarro não seria uma dissonância cognitiva, mas uma consonância, já que esse possui em sua cognição o cigarro como algo positivo. A existência da dissonância levará os indivíduos a tomarem uma série de ações que busquem diminuí-la, procurando mais informações sobre o assunto ou evitando tudo aquilo que possa aumentá-la (seja informações de um jornal com posição política divergente da sua, seja uma situação desconfortável como uma discussão em uma rede social sobre o partido opositor) (FESTINGER, 1975).

No contexto atual, é possível visualizar a situação de polarização entre esquerda e a direita<sup>4</sup>. Se um indivíduo é contra Bolsonaro, tendencialmente ele irá procurar informações que corroboram com a opinião de que o presidente é despreparado para o cargo, que suas ações reforçam preconceitos contra grupos minoritários, que suas medidas são feitas para benefício próprio, e assim por diante. Por outro lado, se esse sujeito define-se como bolsonarista, ele provavelmente irá ler artigos que elogiam as ações tomadas por Bolsonaro, notícias que comprovem as mudanças positivas que suas ações trazem para o país, procurará dados que contradizem os opositores, entre outras coisas. Esses dois indivíduos compartilharam essas informações nas redes sociais, reforçando sua opinião sobre o assunto, demonstrando consonância entre o que pensa e o que faz, neste caso, com o que compartilham. Como se evita situações que coloquem a consonância cognitiva em choque, evitar-se-á entrar em contato com pessoas de posição política oposta ou dialogar com essas pessoas.

Aqui se encontra um dos maiores problemas constatados em um ambiente de polarização política: a falta de diálogo. A comunicação na polarização é conflituosa, ela se torna um espaço de violência simbólica, do reconhecimento das diferenças e do afastamento do outro que pensa de forma distinta. As discussões presentes nas redes sociais, durante o período eleitoral em 2018, acentuaram ainda mais esse fenômeno. Graças à dinâmica de interação das redes é possível manter facilmente um senso de consonância cognitiva, já que é possível seguir, curtir páginas, figuras públicas, influenciadores digitais que possuam um posicionamento semelhante ao de si próprio. Do mesmo modo, mantém-se na lista de amigos e seguidores apenas aqueles que concordam com a sua opinião e que não discordariam de suas postagens compartilhadas, ou seja, aqueles que não viriam a causar nenhum tipo de constrangimento. O algoritmo presente nessas mídias também acarreta ainda mais em um fechamento para a possibilidade de opiniões e conteúdos discordantes entrarem em contato, uma vez que funciona através das curtidas e interações do usuário, selecionando assim apenas informações que se relacionem com esses dados. Cria-se, então, uma “bolha” na qual o indivíduo está protegido de uma possível dissonância.

Contudo, voltando à questão da contaminação cognitiva, no que concerne às religiões, a pluralidade na modernidade proporcionou que religiões distintas entrassem em

---

<sup>4</sup> Tal separação ficou conhecida como a divisão entre bolsonaristas e petistas, no entanto, as duas vertentes políticas não se resumem a esses dois partidos.

contato e pudessem desse modo dialogar, trocar opiniões, conhecimentos (BERGER; ZIJDERVELD, 2012). Ao compreender o que o outro pensa e o como ele vê o mundo, dois sujeitos de religiões distintas podem perceber que tem mais coisas em comum do que imaginavam e que as diferenças entre eles não eram tão destoantes. Assim, os dois perdem o olhar de que a crença do outro é negativa, pecaminosa, blasfêmia, proporcionando maior tolerância religiosa entre eles (BERGER; ZIJDERVELD, 2012). Os sujeitos mesmo que não tendo compreensão, estariam tomando atitudes ecumênicas e de diálogo inter-religioso. Na história, a contaminação cognitiva cruzada entre grupos religiosos foi percebida como sincretismo. Um dos casos mais memoráveis são os deuses gregos apropriados pela cultura romana, na qual Zeus passou a se denominar Júpiter, Afrodite passou a ser Vênus, Ares tornou-se Marte, etc. No contexto brasileiro, as trocas entre a religião da Umbanda e a Católica ficaram marcadas pela associação entre os orixás e os santos católicos, na qual Oxalá é Jesus Cristo, Oxum representa Nossa Senhora Aparecida, Ogum a São Jorge e assim por diante.

Percebe-se que a pluralidade proporciona o contato não só entre religiões distintas, mas também entre grupos étnicos, sociais, políticos divergentes que antes não se relacionariam; ademais, através do diálogo, eles acabam sendo modificados ao incorporarem aspectos uns dos outros, por meio da contaminação cognitiva (BERGER; ZIJDERVELD, 2012). No campo religioso, isso proporcionou a criação de ações ecumênicas e de diálogo inter-religioso que buscam o relacionamento entre diferentes vertentes cristãs e o diálogo entre religiões distintas, respectivamente. Desse modo, é compreensível entender que, com a passagem para a modernidade que trouxe a pluralização da sociedade, os indivíduos passaram a refletir mais acentuadamente sobre os seus valores, práticas, hábitos ao se defrontarem com outras crenças. Um indivíduo pode se considerar cristão, mas também acreditar nos preceitos de amor e solidariedade do budismo. Outro pode se considerar muçulmano, mas corroborar com os valores do cristianismo. Ou seja, a modernidade proporciona reflexionar acerca das atitudes, práticas, hábitos, religiões que os sujeitos tomam. Desse modo, a seguir, ver-se-á como a pluralidade afeta o modo de tomar decisões, sobretudo no campo religioso.

### **2.1.1 Como a pluralidade muda a forma de tomar decisões?**

A ampla variedade de religiões, culturas, estilos e hábitos de vida provocou na

sociedade uma grande dificuldade de escolhas. Na modernidade, sofre-se com o excesso de consciência (BERGER; ZIJDERVELD, 2012). Deve-se ou não usar canudo plástico, sabendo que esse prejudica o oceano e a vida marinha? Compra-se ou não uma roupa em uma loja que corrobora com a poluição ambiental e com o trabalho escravo ou deve-se encontrar uma alternativa sustentável como os brechós? Deve-se comer ou não alimentos de origem animal, sabendo-se que a indústria alimentícia proporciona dor e sofrimento aos animais? Perguntas rondam insistentemente as mentes dos indivíduos, pressionando-os a fazerem escolhas, a tomarem decisões e, sobretudo, a definirem uma identidade. Arhold Gehlen (1988), filósofo alemão que, em meados do século XX, estudou esse questionamento de uma forma intrigante, definiu que a consciência é formada por um *background* (plano de fundo) e um *foreground* (primeiro plano).

O *background* são as ações que se toma sem pensar, feitas de forma automática. Enquanto que no *foreground* para-se para pensar e refletir antes de tomar uma ação. Para Berger, o nosso *foreground* foi abalado pela modernidade (1988). Na atualidade, pensa-se mais sobre hábitos, práticas, estilos de vida que se tornam evidentes na crescente preocupação ambientalista, na moda consciente, na aderência ao movimento vegetariano e vegano, no estilo de vida minimalista, etc. No âmbito do *foreground*, tem-se o importante papel desempenhado pelas instituições (GEHLEN, 1988). A instituição social pode ser definida como o conjunto de regras sociais compartilhadas por um grupo em um determinado período de tempo que estruturam comportamentos, valores e práticas (BRAGA, 2006). Ou seja, ao contrário do que comumente se associa instituição com organização, a instituição social possui um sentido simbólico, tais como a política, a família, a justiça, a educação e a cidadania.

Além de possuir critérios de pertencimento, cada instituição possui um ideário, um sistema de normas, ideias, valores que legitimam modos de ser, de pensar, de agir e etc. As instituições nos oferecem esses modos de agir para que não se precise refletir a cada momento quem sou, o que quero ser e, dessa forma, elas oferecem “pacotes” compostos por crenças, práticas, normas a serem seguidas, como é o caso das religiões (BERGER; ZIJDERVELD, 2012). As instituições “[...] não são *a origem* das regras sociais, são antes *o resultado* instituído da busca de modos de enfrentamento de problemas socialmente ocorrentes” (BRAGA, 2006, p. 294). Esses atos que são reproduzidos tornam-se, por sua vez, “institucionalizados”.

Por outro lado, atitudes podem também serem “dessinstitucionalizadas” conforme



as mudanças na sociedade, por exemplo, através de movimentos como o feminista, o ambientalista, o LGBTQI+<sup>5</sup>, etc. Nesse caso, tem o exemplo de novas instituições como os novos movimentos religiosos que buscam “desinstitucionalizar” muitas ações e pensamentos religiosos. Essas instituições mais recentes são chamadas de instituições secundárias, uma vez que não exercem tanta influência quanto às instituições primárias. O movimento “Cristãos contra o fascismo” encontra-se presente nessa situação, visto que vai à contramão de diversos pensamentos, práticas e hábitos relacionados a práticas religiosas conservadoras, tais como o preconceito, o racismo, a lgbtfobia, o machismo. O movimento busca deslegitimar, criticar, produzir reflexões sobre eles para, enfim, virem a serem “desinstitucionalizados”.

Nesse sentido, é importante conceber que a religião é uma instituição social, tendo em vista que possui um conjunto de regras e normas que orientam e direcionam os indivíduos a agirem, pensarem e se portarem de tal maneira. Tais diretrizes fazem sentido dentro dessa comunidade, já que os indivíduos as aceitam e as reconhecem dentro de uma lógica. Essas normas não estão necessariamente explícitas ou escritas, mas são subentendidas, uma vez que já foram legitimadas e naturalizadas. Na religião cristã pode-se citar, por exemplo, o uso de determinadas roupas, os cuidados estéticos, o modo de se portar, o modo de falar, o modo de agir e assim por diante. Um indivíduo que nunca entrou em uma igreja pode não entender acerca de certas compreensões teológicas, mas tem ciência que não deve usar maquiagem escura em um culto de domingo de manhã, por exemplo. No entanto, quando indivíduos de uma religião passam a criticar, por exemplo, porque homossexuais não podem frequentar a igreja e congregar com os irmãos, ou porque as mulheres devem ser submissas aos seus maridos, percebe-se mudanças no *background* daquela religião. Ou seja, ações que antes eram naturalizadas e institucionalizadas, passaram a ser questionadas e ganharam um novo lugar no *foreground* da mente dos fiéis. Por isso, muitos poderão mudar de religião e optar por uma que corresponda aos seus valores ou, então, buscará “complementar” sua crença através do ensinamento de outras religiões (BERGER; ZIJDERVELD, 2012).

Ao se pensar em como a pluralidade afeta as religiões, fica claro que agora se tem uma variedade de religiões e a possibilidade de optar por uma ou por duas e quem sabe por várias. Um indivíduo pode frequentar uma igreja católica, ao mesmo tempo em que vai a

---

<sup>5</sup> LGBTQI+ sigla para lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queers, intersexuais e demais orientações sexuais e identidades de gênero.

um templo budista. A “[...] modernidade produz pluralidade. E a pluralidade aumenta a capacidade individual de escolher entre visões de mundo diferentes” (BERGER; ZIJDERVELD, 2012, p. 16). Esse contexto plural no qual se insere a religião mudou a forma como se a percebe e o lugar que ocupa na consciência dos sujeitos. Para entender isso, Berger e Zijderveld (2012) propõem que se pense em um diagrama na qual a consciência é dividida em três partes horizontais: (1) um nível profundo no qual habita todas as certezas, (2) um nível intermediário no qual há opiniões mais ou menos estáveis e, por fim, (3) um nível superficial no qual estão as opiniões facilmente intercambiáveis. É de se ressaltar que uma mesma questão pode se localizar em níveis diferentes para pessoas distintas.

Dessa forma, para o autor, a modernidade não alterou as religiões, mas o modo que se percebe na consciência dos indivíduos. Se antes a religião localizava-se no mais profundo nível de consciência, no *background*, hoje em dia, na era moderna, ela aparenta estar em um nível superficial, no *foreground*, já que é consenso que hoje se pode optar por uma religião que mais se relaciona aos preceitos e modo de ver a vida, ou por mais de uma religião, ou por nenhuma. A religião torna-se, portanto, uma associação voluntária não mais assegurada pelo estado confessional que determina uma crença oficial da nação, tampouco pela aceitação de forma natural (BERGER; ZIJDERVELD, 2012), sendo fundamental para a pluralidade funcionar com maior efetividade em Estados que asseguram a liberdade religiosa e a manifestação de cultos seja de qual religião forem. Nesse momento, entra-se na questão da laicidade como um elemento necessário à pluralidade e, sobretudo, à liberdade religiosa. Porém, antes de adentrar no conceito de laicidade, faz-se necessário compreender como a modernidade relativiza os conhecimentos e como isso afeta o campo religioso.

### **2.1.2 A relativização da religião**

Viu-se até aqui que com a passagem para a modernidade teve-se a pluralização da sociedade, na qual grupos distintos passaram a conviver com maior frequência, levando à contaminação cognitiva. Também se discutiu como a pluralidade afeta a forma de tomar decisões, visto que, há uma profusão de práticas, hábitos, estilos de vida, religiões, mudando temáticas que antes estavam no *background* para o *foreground* dos indivíduos (GEHLEN, 1988). Logo, a modernidade relativiza os conhecimentos (BERGER;

ZIJDERVELD, 2012). Se antes um indivíduo havia certeza absoluta sobre um fato, hoje ele já não pode ter tanta firmeza.

Sobre isso, Berger e Zijderveld expõem várias situações para refletir em seu livro “Em favor da dúvida” (2012). Imagine, por exemplo, uma situação em que você está conversando com um homem e ele afirma ter uma esposa. Você poderia perguntá-lo “Essa é sua única esposa?”. Talvez ele te olhasse espantado e provavelmente se ofendesse com essa pergunta. Ele responderia “É claro!”. No entanto, há diversos países no qual a poligamia é assegurada por lei. Se essa situação não fosse vivida no Brasil, e em um desses países, a reação deste homem seria diferente. Imagine uma segunda situação. Você está conversando com esse mesmo homem e, ao invés dele falar sobre sua esposa, ele afirma estar em um relacionamento. Talvez você se pergunte se ele namora um homem ou mulher, já que ele poderia ser tanto heterossexual, quanto homossexual. Embora a sociedade ainda seja extremamente preconceituosa e não legalize o casamento entre homossexuais, o relacionamento romântico entre dois homens é uma possibilidade real conhecida por todos. Desse modo, o casamento heterossexual foi relativizado – “o antigo status ‘é claro’ [...] foi colocado em cheque” (BERGER; ZIJDERVELD, 2012, p. 24). Ou seja, porque não um homem?

A relativização, desse modo, afeta os valores morais (BERGER; ZIJDERVELD, 2012). A exemplo disso pode-se citar as questões envolvendo discussões em torno do aborto, do casamento homossexual, da pena de morte, da redução da maioridade penal, do porte de armas, e etc. Enquanto que uns acreditam que o aborto é um direito da mulher, outros veem como assassinato. Enquanto que uns acreditam na liberação do porte de arma, outros creem que essa liberação provocará mais violência e mortes. Na medida em que a relativização interfere na compreensão dos valores morais, ela também afeta as religiões (BERGER; ZIJDERVELD, 2012). Neste cenário, percebe-se que o movimento “Cristãos contra o fascismo” se insere uma vez que também critica a posição religiosa acerca dessas temáticas. O movimento teve origem no ano de 2018, durante o período eleitoral brasileiro, com a criação da página e do grupo no Facebook. Um dos idealizadores é o publicitário e teólogo Tiago Santos, natural da cidade de Porto Alegre (RS).

Na página, foram publicadas as campanhas propostas pelo movimento que geraram repercussão dentro e fora da rede social. Como, por exemplo, teve a primeira campanha publicada na página denominada “A fé cristã”, com afirmações: “Minha fé combina com feminismo”, “Minha fé combina com amar o próximo”, “Minha fé combina com justiça

social” e com negações: “Minha fé não combina com machismo”, “Minha fé não combina com LGBTfobia”. Essas sentenças poderiam ser reescritas de outra forma como: “Sou cristão, mas não sou machista; sou cristão, mas não sou homofóbico; sou cristão, mas não sou xenofóbico”. Faz-se necessário, portanto, deixar claro que, embora esse indivíduo seja cristão, ele não concorde com tais atitudes, antes institucionalizadas na prática religiosa. O produto deste “mas” pode se distanciar “muito daquilo que a igreja deseja que seus membros acreditem” (BERGER; ZIJDERVELD, 2012, p. 35).

Entretanto, por outro lado, como uma reação adversa a esse relativismo e à agonia provocada por ele de ter que fazer escolhas o tempo todo, surge, dentre outras consequências, o fundamentalismo. Ao contrário do relativismo, o fundamentalismo buscará retomar o caráter absoluto dos fatos, o seu fundamento. Em se tratando de religiões, esse fenômeno ficou conhecido como fundamentalismo religioso. Muitas vezes esse movimento fundamentalista adotará posturas conservadoras não favoráveis à mudança de práticas religiosas ocasionadas pelo processo de pluralidade advinda da modernidade. Essas mudanças poderão ser vistas até mesmo como ameaças. “O fundamentalismo é um esforço para restaurar a certeza ameaçada” (BERGER, 2017, p.34).

Na conjuntura atual, percebe-se o fundamentalismo reforçado pelas falas de líderes religiosos e político, sobretudo na figura do representante legal do Estado, o presidente Jair Bolsonaro. Desde o início de sua campanha pela disputa a presidência, Bolsonaro defendeu os valores cristãos e morais, tais como a família e os bons costumes, já que, para ele, estes estavam em perigo. Alguns casos que podem se relacionar a essa defesa extremada de valores, supostamente cristãos, foram as medidas firmadas pela gestão atual, como a indicação de políticos evangélicos para cargos do governo, sendo defendido que somente esses seriam adequados para os cargos. Quando questionado sobre quem indicaria para o STF (Supremo Tribunal Federal), o presidente afirmou que indicaria um “ministro terrivelmente evangélico”<sup>6</sup>. Da mesma forma, quando o presidente, Christian de Castro, da ANCINE (Agência Nacional de Cinema), foi afastado, Bolsonaro defendeu que a função deveria ser ocupada por um evangélico que soubesse recitar “200 versículos”, além de ter “os joelhos machucados de tanto ajoelhar e que andasse com a Bíblia debaixo do braço” (BRANT, 2019, s.p).

Em uma *live* feita nas redes sociais do presidente, Bolsonaro afirmou que ANCINE

---

<sup>6</sup> URIBE G. **Bolsonaro diz que indicará para vaga no STF ministro 'terrivelmente evangélico'**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/07/bolsonaro-diz-que-indicara-para-vaga-no-stf-ministro-terrivelmente-evangelico.shtml>>. Acesso em: 23 nov.2019.

não liberaria recursos do FSA (Fundo Setorial Audiovisual) para projetos que fossem relacionados a questões envolvendo diversidade e sexualidade (BRANT, 2019, s.p). Dentro da lista feita pelo presidente, estavam filmes relacionados a pautas de grupos minoritários, sobretudo referentes à população LGBTQI+. A adoção dessas medidas foi defendida por Bolsonaro graças à justificativa da preservação dos valores cristãos.

Surgem conflitos, portanto, entre a relativização das práticas religiosas e a busca pela restauração de seu estado original, o fundamentalismo religioso. Nessas ocasiões, talvez se veja polarizações se formando. De um lado, aqueles que acreditam em um mundo sem questionamento, definido, padronizado, normatizado, enquanto que, do outro, estão aqueles que buscam romper com essas estruturas normatizadoras. Haveria, portanto, dois grupos cujos nomes poderiam ser “É claro” e “Porque não?”, sendo o primeiro mais fechado a mudanças e o segundo mais aberto, mais permissivo às diferenças. Se este homem, do exemplo citado anteriormente, pertencesse ao primeiro grupo, quando questionado se ele namora uma mulher, ele responderia: “É claro!”. Enquanto que, se o indivíduo que fez o questionamento pertencesse ao segundo grupo, ele retrucaria: “Porque não [um homem]?”.

O convívio com pessoas que possuem diferentes formas e estilos de vida, de religiões, de orientações sexuais poderá levar à tolerância. É possível inferir que pluralidade pode levar à tolerância. Poder, contudo, não significa que necessariamente haverá tolerância. Dado isso, faz necessário distinguir a tolerância positiva da negativa (BERGER; ZIJDERVELD, 2012). A tolerância negativa funciona como indiferença. Um indivíduo pode não se interessar pelo que o outro acredita, ele tem sua crença e o outro tem a sua. Os dois poderiam conviver no mesmo ambiente de trabalho e nunca conversar sobre as suas concepções de mundo, por exemplo. Esse tipo de pensamento é muito recorrente e demonstra um desinteresse pelo que o outro acredita.

Por outro lado, existe a tolerância positiva, expressa pela ideia de que se pode sempre aprender com o outro (BERGER; ZIJDERVELD, 2012). Um segundo sujeito poderia pensar: “Tenho minha crença, mas gostaria de saber mais sobre a sua”. Este, por sua vez, não teria “medo” ou receio de discutir acerca das concepções de mundo com o colega de trabalho, já que poderia modificá-las, complementá-las e até abandoná-las, se fosse o caso. Nessa segunda situação, há o interesse e respeito pela crença do outro indivíduo. Conseqüentemente, a tolerância positiva proporciona o diálogo entre sujeitos de posições políticas, ideológicas e religiosas divergentes. A tolerância positiva, portanto,

levará a atitudes ecumênicas e de diálogo inter-religioso.

Por isso, a seguir, explorar-se-á os conceitos de ecumenismo e diálogo inter-religioso, que são fundamentais para o estudo em questão.

## 2.2 O ECUMENISMO E O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

Ecumenismo é um conceito de origem grega<sup>7</sup> que provém de *oikoumene*, da qual se deriva diretamente a palavra ecumenismo, por sua vez significando terra habitada, mundo conhecido e civilizado, universo (NAVARRO, 1995). Dessa forma, pode-se entender que, primordialmente, *oikumene* era entendido como a terra conhecida pelos gregos e, posteriormente, pelos romanos. Num estreitamento do termo, a terra conhecida passa a ser identificada pelo Império Helênico e, a seguir, pelo Império Romano, ou seja, estão unificadas através de um elemento em comum.

Todavia, o sentido que se utiliza para ecumenismo, no presente trabalho, é uma ideia de relação entre igrejas de diferentes denominações cristãs. Esse conceito adquire essa conotação após a Conferência de Vida e Ação que ocorreu em Oxford (1937) a qual definiu ecumenismo sendo “[...] as relações amistosas entre diferentes igrejas” (NAVARRO, 1995, p. 12). Após a fundação do Conselho Ecumênico das Igrejas em 1948, que depois passou a se denominar Conselho Mundial de Igrejas (CMI), tornando-se a principal organização ecumênica a nível global, percebe-se que o ecumenismo é falado em um tom de “reconciliação das igrejas cristãs”, pensando na “universalidade do cristianismo” e “um sinal para que o mundo creia” (NAVARRO, 1995, p. 12). Isto é, um chamado aos cristãos separados para que se unam em prol da salvação do mundo atestada por meio de versículos<sup>8</sup> bíblicos.

Inicialmente, o ecumenismo não foi bem aceito por muitas igrejas católicas que se opuseram à tal concepção. No entanto, quando se compreendeu que para o movimento

---

<sup>7</sup> O termo advém de outros termos-raiz da mesma família linguística como *oikos*, que significa casa, lugar onde se mora, espaço habitável e habitado; *oikeiotes*, que representa relação, aparentado, amizade; *oikeiow*, que significa habitar, coabitar, reconciliar, estar familiarizado; *oikonomeô*, que representa administração, encargo, responsabilidade da casa; e, por fim, *oikumene* (NAVARRO, 1995).

<sup>8</sup> “Todos vocês são filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus, pois os que em Cristo foram batizados, de Cristo se revestiram. Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus.” (GÁLATAS, 3:26-28). “Minha oração não é apenas por eles. Rogo também por aqueles que crerão em mim, por meio da mensagem deles, para que todos sejam um, Pai, como tu estás em mim e eu em ti. Que eles também estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste.” (JOÃO, 17: 20 – 21). A Bíblia Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2ª ed. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

ecumênico não é necessário que as igrejas abram mão de suas convicções eclesiológicas para a construção de uma unidade cristã, o catolicismo se abriu para a discussão do assunto. De forma geral, o ecumenismo é expresso pela construção de uma relação e diálogo amigável entre igrejas de diferentes denominações, sendo elas católica, protestante ou ortodoxa. Em síntese:

O ecumenismo é uma atitude da mente e do coração que nos impele a olhar nossos irmãos cristãos separados com respeito, compreensão e esperança. Com *respeito*, porque reconhecemos como irmãos em Cristo e os consideramos antes amigos do que oponentes; com *compreensão*, porque buscamos as verdades divinas que compartilhamos, embora reconheçamos honestamente as diferenças na fé que há entre nós; com *esperança*, que nos fará crescer juntos num conhecimento e num amor mais perfeitos de Deus e de Cristo. (MEYER, 1965, p.35).

Em outras palavras, o movimento ecumênico busca uma articulação entre os irmãos de fé, que se encontravam separados pelas diferenças, através do respeito, compreensão e esperança. É preciso abandonar a visão de que aquele que tem outra concepção da fé é inimigo, é preciso olhá-lo, sobretudo, com respeito. Segundo essa percepção do movimento ecumênico, é preciso ter ciência que, apesar das diferenças que os afastam, todos buscam a mesma compreensão da verdade (MEYER, 1965). E, por fim, é preciso o olhar com esperança para crer que juntos eles poderão crescer a respeito do conhecimento e amor de Deus e Cristo (MEYER, 1965).

Dentre as organizações ecumênicas mais importantes no cenário mundial, encontra-se o Conselho Mundial de Igrejas, criado em 1948, em Amsterdam (Holanda), que facilitou a formalização do movimento ecumênico, a definição de seus preceitos e ações a serem promovidas. Entre uma de suas propostas, está a Semana de Oração pela Unidade Cristã (SOUC), promovida anualmente pelo CMI, juntamente com o Pontifício Conselho, para a Promoção da Unidade dos Cristãos, a fim de que os cristãos orem pela unidade das vertentes. No Brasil, o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC) é responsável pela divulgação do evento<sup>9</sup> em diversos estados do país, que, em 2019, teve o tema "Procurarás a justiça, nada além da justiça" (Dt 16.11-20), baseado no livro de Deuteronômio. Além da Semana de Oração pela Unidade Cristã, o CONIC promoveu, em 2016, a Campanha da Fraternidade Ecumênica (CFE)<sup>10</sup>, em conjunto com a organização Misereor. A campanha foi realizada em 2016, tendo como temática "Casa Comum, nossa responsabilidade" e

---

<sup>9</sup> CONIC. **Semana de Oração**. Disponível em: <<https://www.conic.org.br/portal/semana-de-oracao>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

<sup>10</sup> CONIC. **CF Ecumênica**. Disponível em: <<https://conic.org.br/portal/cf-ecumenica>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

como lema bíblico: “Quero ver o direito brotar como fonte e correr a justiça, qual riacho que não seca” (AMÓS, 5:24). Foi promovida a fim de arrecadar recursos financeiros para o Fundo Ecumênico de Solidariedade (FES).

Dentre as principais e fundamentais características do ecumenismo, destacam-se a originalidade, a atitude, o desejo de diálogo e a espiritualidade (NAVARRO, 1995). *Originalidade* já que é um fenômeno único na trajetória do cristianismo; *Atitude e desejo de diálogo* se demonstram em todas as ações do ecumenismo, uma vez que ele é essencialmente dialógico, mas ele também necessita de organização, estrutura e estudo sistemático. No entanto, o diálogo se torna uma característica axial no ecumenismo, já que é preciso troca de opiniões para que haja a construção de atividades ecumênicas em conjunto com vertentes distintas. Já a *espiritualidade* se mostra no sentido de que há uma busca espiritual para diminuir as divisões e diferenças entre as igrejas, que são insuperáveis, e a busca por uma unidade que só ocorre por obra de Deus. Há, portanto, uma procura em superar essas diferenças e buscar um senso de união através da cosmovisão cristã. Essa cosmovisão significa o modo de ver e de entender o mundo pela perspectiva cristã, que deveria ser equivalente em todas as denominações.

A fé cristã é um corpo total – uma cosmovisão – que implica também determinado comportamento ético e uma maneira de ver e enfrentar a vida. Contudo, as Igrejas cristãs se desuniram também nessas cosmovisões que transcendem os problemas meramente doutrinários. E, assim, cada comunhão cristã foi encarnando-se de tal maneira numa particularidade que a universalidade do evangelho sofreu deteriorações irreparáveis e foram gerando novos fatores de divisão. (NAVARRO, 1995, p.14).

Dentre as ações propostas pelo ecumenismo, pode-se destacar a unidade com base em elementos de união, tais como o batismo, a oração, a celebração da ceia, a comunhão, a compreensão mútua, a reciprocidade, para assim crescer juntos em unidade (HORTAL, 1996). O primeiro deles, o batismo, é um item de fundamental importância na vida do cristão, já que através desse ato, segundo a tradição cristã, demonstra sua fé em Jesus Cristo como seu único Senhor e Salvador. O batismo é um ato simbólico que, de acordo com a Bíblia, representa que o indivíduo foi sepultado com Cristo e, da mesma forma que Jesus morreu, esse morreu. Do mesmo modo, se Cristo ressuscitou na vida eterna, esse ressuscitará na eternidade, na qual não haverá distinção entre homem e mulher, branco e negro, pobre e rico, pois todos serão um em Cristo (GÁLATAS, 3:28)<sup>11</sup>. Da mesma forma, é importante a comunhão, isso é, o relacionamento entre os irmãos, evitando proselitismo,

<sup>11</sup> “Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (GÁLATAS, 3:28).



já que “se não amas quem vê, como amarás aquele que não vê” (1 JOÃO, 4:20)<sup>12</sup>. É necessário também que o cristão ore primeiramente pela unidade entre os irmãos, a fim de que, a partir dela, possam gerar ações que impactem no bem geral, promovendo igualdade e justiça social.

Já o segundo o conceito que se faz referência nesse trabalho, o diálogo inter-religioso, como o próprio nome já diz, expressa a ideia de diálogo e relação entre as diferentes religiões. Após a realização da oficina denominada "Religiões e Paz: A visão/teologia necessária para tornar possível uma Aliança de Civilizações e de Religiões para o bem comum da humanidade e a vida no planeta", no Fórum Social Mundial - FSM, em Dakar, no Senegal, em 2011, foram elencados os “Princípios básicos para uma convivência pluralista entre as religiões”. Entre alguns pontos, destacam-se:

8. Sustentar uma assimetria básica entre as religiões – a chamada assimetria de princípio – vai contra a dinâmica misteriosa dos dons de um Deus que abraça a diversidade.

9. A experiência de fé em um Deus criador, presente e atuante em todos os povos do mundo, implica em reconhecer sua presença viva e acolhedora entre as diversas tradições religiosas.

[...]

14. Longe de debilitar a fé, o diálogo verdadeiro abre horizontes novos e fundamentais para a sua afirmação em um mundo plural.

15. Acolher o pluralismo como um valor em si mesmo não só implica no diálogo entre as religiões, mas também na abertura e na complementaridade a outras formas de opções espirituais, seja religiosas, arreligiosas ou pós-religiosas.

O diálogo inter-religioso parte então da ideia de que toda religião é válida, rica, importante, e que Deus aceita essa diversidade. É preciso abandonar a relação assimétrica sustentada pelas religiões, defendida pela ideia de que uma é superior a outra. Isso é, buscam o convívio entre diferentes religiões sem uma se sobrepor a outra, havendo não só diálogo, como também uma complementaridade. Ações de diálogo inter-religioso surgem ao aceitar que é inevitável esse contexto plural no qual se vive atualmente na era moderna. Dessa forma, veem positivamente que o contato com percepções diferentes pode levar a novas formas de articulações.

Assim, foi possível perceber que o grupo do movimento “Cristãos contra o fascismo” é uma comunidade ecumênica e de diálogo inter-religioso, uma vez que participam dela indivíduos de diferentes religiões e de denominações cristãs, como espíritas, católicos, luteranos, anglicanos, evangélicos, que dialogam entre si e, supõe-se, que buscam uma articulação da cosmovisão cristã, isto é, o modo de ver o mundo que

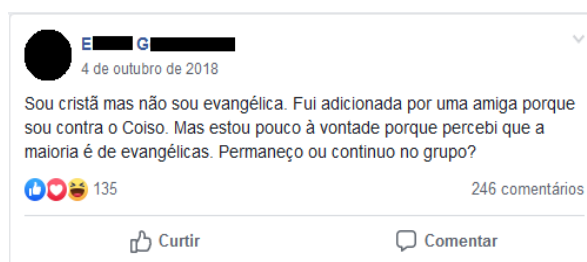
<sup>12</sup> “Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê.” (JOÃO, 4: 20).

deveria ser compartilhado por todos os cristãos, independente da vertente, mas que foi severamente deturpada no período eleitoral pela posição política de certos líderes religiosos. Tal posicionamento foi reforçado através de publicações na página, que é um espaço público e que permite a interação de pessoas de fora do grupo.

Já no grupo, que possui aproximadamente oito mil membros<sup>13</sup>, oriundos de diferentes regiões do Brasil, é um espaço mais informal, onde os participantes compartilham matérias, notícias e também as suas histórias de vida. Percebe-se que muitos deles acabaram saindo de suas igrejas durante as eleições por conta dos seus líderes religiosos apoiarem a candidatura de Bolsonaro e incentivarem os fiéis a votarem no até então candidato. Os que se opunham à figura de Jair, muitas vezes, eram criticados. Por conta disso, muitos buscaram outras comunidades com cristãos que compartilham do mesmo pensamento. O grupo, portanto, foi pensado para reunir cristãos e cristãs, quaisquer que sejam as suas denominações, que fazem oposição ao discurso fascista, às mensagens de ódio, ao preconceito e à intolerância, dessa forma, criando uma comunidade de apoio e resistência.

Para tentar reafirmar essa cosmovisão cristã e contrapor esses líderes, os fiéis criaram essa rede de acolhimento, apoio e mobilização. Pode-se ver, como exemplo, nessa imagem de uma participante do grupo, cujas iniciais são E.G, que é cristã, mas não evangélica, que estava com dúvida se poderia continuar participando do grupo, por isso ela questiona se deve permanecer.

Figura 1 - Participante questiona se deve permanecer no grupo

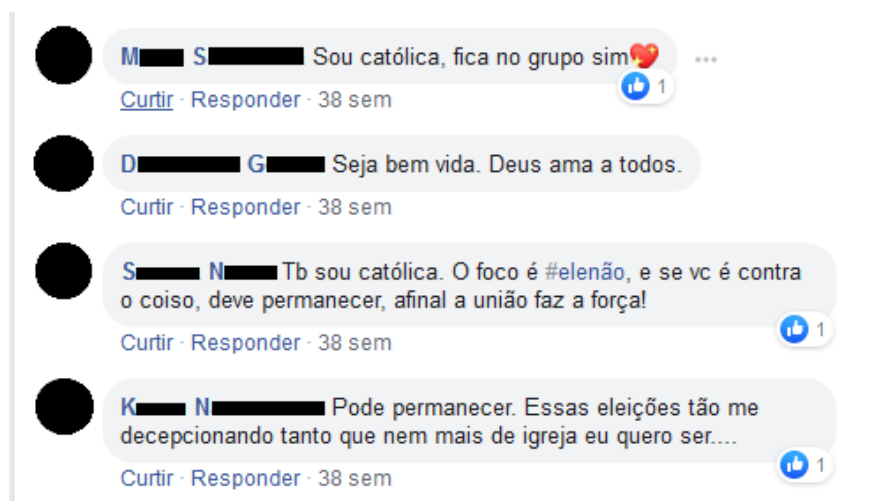


Fonte: Grupo “Cristãos contra o fascismo” do Facebook (2019).

Em resposta a E.G., os demais membros do grupo, nos comentários, solidarizam-se com ela e pedem que permaneça no grupo, já que também fazem parte de outras vertentes cristãs e o que importa ao movimento é que ela faça oposição ao Bolsonaro, “ao coiso”, (Figura 2).

<sup>13</sup> Dados retirados no dia 18 de novembro de 2019.

Figura 2 - Usuários comentam publicação no grupo



Fonte: Grupo “Cristãos contra o fascismo” do Facebook (2019).

Dessa forma, apesar de pertencerem a diferentes denominações, que em outros momentos não dialogariam, é possível haver união e, conseqüentemente, o diálogo através de um elemento que os unifica, isto é, fazer oposição à candidatura de Bolsonaro.

A internet, sobretudo as redes sociais, expandiram ainda mais o conceito de ecumenismo e de pluralidade, aproximando pessoas de diferentes vertentes cristãs, com diferentes idades, gêneros, orientações sexuais, que antes estavam separadas não só geograficamente, mas também por pertencerem a grupos sociais distintos (BERGER; ZIJDERVELD, 2012).

No entanto, no cenário atual, faltam autoridades, líderes religiosos, que incentivem e conduzam seus fiéis ao ecumenismo em suas igrejas. Muitas vezes, as diferenças que deveriam ser combatidas são reforçadas através de uma “demonização” da crença alheia. Pastores, padres, bispos alertam seus fiéis para não se enganarem, como se fosse preciso ficar atento para não se desvirtuar com propostas de outras fés para não correr o risco de “cair em pecado”. A barganha cognitiva e a troca de experiências proporcionadas pela pluralidade são vistas como falta de firmeza nos princípios e valores cristãos. Apesar de haverem ensinamentos bíblicos que conduzam os cristãos a superarem as diferenças e buscarem a união para a promoção da salvação do mundo<sup>14</sup>, muitos ainda veem o ecumenismo como blasfêmia, heresia, pecado.

<sup>14</sup> “A fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste.” (JOÃO, 17:21).

Percebe-se, na história do cristianismo, uma constante batalha permeada por desavenças, hostilidade, perseguição, até se chegar em possibilidades de um novo caminho iniciado com a tolerância, que leva à possibilidade de um diálogo e, por fim, de uma colaboração positiva. O diálogo, pautado pelos movimentos ecumênicos, visa superar esses desentendimentos por meio do respeito, da compreensão e da esperança (MEYER, 1965). É preciso ver o outro que tem uma compreensão diferente da fé não como um inimigo, mas como um aliado. Da mesma forma, é necessário ter compreensão com aqueles que têm divergências nas compreensões eclesiais, pois buscam a mesma verdade apesar das diferenças. Pode-se iniciar o diálogo destacando elementos de união comuns a todas as vertentes cristãs, tais como o batismo, a oração, a celebração da ceia, a comunhão, para assim poder se articular um diálogo (HORTAL, 1996).

O diálogo ecumênico tem particulares restritas a circunstâncias específicas. No entanto, a partir dessa compreensão de como é construído o diálogo em movimentos ecumênicos, é possível perceber indícios de caminhos possíveis a serem seguidos em um ambiente de polarização política tal como se vê na conjuntura atual agravado pelo processo eleitoral de 2018.

Entretanto, é necessário que o Estado tenha aparatos que assegurem a tolerância religiosa, já que com a pluralidade de religiões advinda da modernidade é de se presumir que ocorram conflitos quanto à matéria religiosa. A seguir, falar-se-á acerca do conceito de laicidade e de como ela opera na pluralidade, facilitando ou não a liberdade e a tolerância religiosa.

### 2.3 A LAICIDADE POSSIBILITA A PLURALIDADE E A LIBERDADE RELIGIOSA?

Para entender se a laicidade possibilita a pluralidade e a liberdade religiosa, antes, faz-se necessário compreender o que é a laicidade. O termo laicidade provém de laico, leigo. Laico, por sua vez, vem do grego *laikos* que significa povo, gente do povo (RANQUETAT, 2008). Inicialmente, utilizou-se esse termo para referirem-se aos fiéis cristãos membros do povo. Em meados do século XIX, começou-se a utilizar laico como tudo aquilo que foge do controle eclesiástico (BLANCARTE, 2011). Dessa forma, esse conceito ganha outro sentido com o processo de secularização, representando a separação entre Estado e Igreja, opondo-se à ideia de Estado Confessional. As instituições políticas do estado passaram a ser justificadas pela soberania popular e não mais asseguradas por

elementos religiosos e sagrados.

Em diversos países latinos americanos, como é o caso do Brasil, surgiram confessionais tendo o catolicismo como a religião oficial. Era comum que os Estados colonizadores como Espanha e Portugal, que possuíam colônias em outros continentes, utilizassem a Igreja como forma de dominação sob os povos colonizados. Desse modo, os estados colonizadores entravam em acordo com a Igreja, definindo que ela poderia implantar nas colônias sua crença, mas dispondo-se a se submeter aos domínios do estado. Tal sistema ficou conhecido como Regime de Regalismo. De modo geral, o estado assegurava a presença da Igreja Católica com a condição de que ela auxiliasse a reproduzir e a manter seus ideais. Assim, a Igreja legitimava através de sua influência os extratos sociais, tais como política, educação, formação do Estado, escolha do Rei, sendo assegurada pelo Estado como o único tipo de manifestação religiosa.

Com a passagem para a modernidade, o Estado Confessional começou a se deteriorar graças à secularização, que trouxe consigo a perda da força da religião, o afastamento da esfera pública, o definhamento de seus valores, que antes eram necessários à organização social, mas que agora não possuíam mais sentido. Ademais, a presença de uma religião oficial impedia atitudes de progresso, tais como o desenvolvimento científico, tecnológico, abertura do comércio e dos portos para imigrantes, dificultando as ações dos liberais. A laicidade, desse modo, aproxima-se do liberalismo, que pauta a democracia, a tolerância, os direitos humanos, mas sem se assemelhar a nenhum deles. “A laicidade não se confunde com a liberdade religiosa, o pluralismo e a tolerância. Estas são consequências, resultados da laicidade.” (RANQUETAT, 2008, p. 5).

Para se emanciparem das metrópoles e fugirem de seu domínio, no entanto, as colônias dos países europeus buscaram auxílio através da Igreja Católica para se legitimar como países independentes. Dessa forma, foi preciso, em uma instância inicial, uma reaproximação com a igreja. Essas novas nações foram geradas historicamente, socialmente, culturalmente vinculadas à Igreja Católica. O Brasil, por exemplo, só deixou de ser um Estado Confessional oficialmente em 1829. Porém, isso não significou que o catolicismo deixou de estar presente nas decisões políticas do Estado, pelo contrário, as instituições católicas sempre tiveram muita força e autonomia na organização política do país por conta do contexto histórico e cultural do nascimento da nação brasileira.

Dessa forma, o processo de laicização do Estado na América latina surge de uma exigência que não proveio da pluralidade religiosa, mas sim de extratos econômicos e do

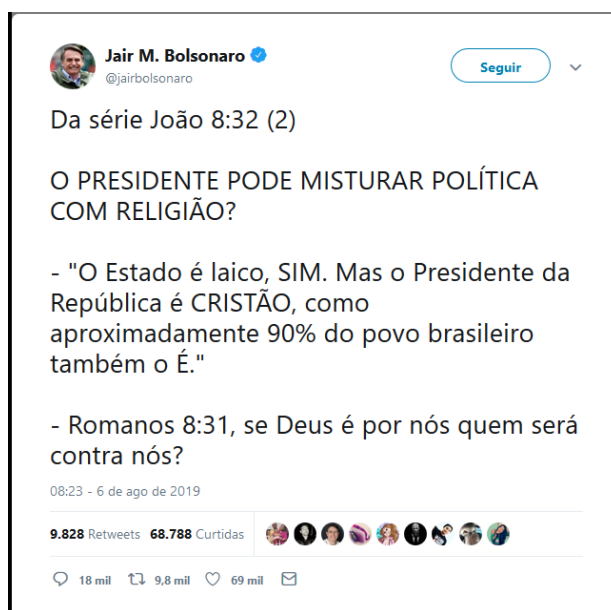
mercado que desejavam tomar medidas que eram más vistas pela Igreja Católica. O lucro, o comércio, eram atividades abolidas pela Igreja Católica latina, produzindo constrangimento no sentido comercial e, logo, impedindo seu desenvolvimento e expansão. Por outro lado, no contexto francês, a pluralidade de religiões advindas da Reforma Protestante proporcionou uma mudança para o Estado Laico. Ou seja, diferentemente do Brasil, foi uma necessidade sentida pela população que, assim, passou a reivindicar a separação entre Estado e Igreja, a fim de que houvesse a manifestação de outras religiões.

Em outros países europeus, ocorreu o que se denominou por laicidade combativa, também chamada de laicismo, que se trata de uma laicidade mais rigorosa e violenta. Quanto mais o Estado tentava se separar da Igreja, mais essa procurava retomar sua força e domínio. Isso provocou a necessidade de haver um movimento laicista mais rígido. Então, a laicidade não ocorre da mesma forma em todos os países, cada nação possui elementos históricos e culturais que produzem variações no processo de laicização. No Brasil, originou-se por necessidades econômicas, mas não de liberdade religiosa. Com a passagem do estado brasileiro confessional para um estado brasileiro laico, surgiu, então, a possibilidade de diferentes religiões ocuparem lugar no espaço público, através de uma laicidade não combativa, mas de coabitação, também chamada de laicidade de tolerância (PEISER, 1995).

No entanto, como se sabe, histórica e culturalmente, o catolicismo era presente e fortemente demarcado na sociedade. O surgimento de novas religiões foi extremamente conflituoso, principalmente para as religiões de matriz africana, tais como o Candomblé e a Umbanda. Imagine o contexto da época: em 1829, quando deixou de ser um estado confessional, o Brasil ainda estava em um regime escravocrata. Portanto, que liberdade teriam os escravizados para se manifestarem religiosamente se permaneciam sob o domínio de seu senhorio? Somente em 1888, quando a regente do país, a princesa Isabel, assinou a Lei Imperial conhecida como Lei Áurea, que determinou o fim da escravidão no Brasil, que começou vagarosamente a surgir liberdade religiosa para esses. Ainda assim, sabe-se que até hoje, em pleno século XXI, se guarda resquícios desse período escravocrata marcado por um racismo institucional. Portanto, a inclusão dessas novas religiões foi imensamente difícil, além de que, inicialmente, não eram consideradas religiões e suas práticas espirituais eram vistas como feitiçaria e charlatanismo, sendo legal denunciar e prender quem as praticasse. Do mesmo modo, a manifestação religiosa dos povos nativos indígenas foi severamente reprimida primordialmente pela vinda dos jesuítas catequistas.

Ademais, no contexto atual, a respeito da laicidade, o presidente Jair Bolsonaro publicou, em sua conta pessoal no *Twitter*, um *tweet* em que reforça sua posição, de que ele pode manifestar-se religiosamente, já que ele sendo cristão como a maioria da população também o é, logo pode publicar mensagens relacionadas à sua religião.

Figura 3 - *Tweet* do presidente Jair Bolsonaro



Fonte: Conta pública do presidente no *Twitter* (2019).

Percebe-se, ao analisar esse *tweet*, que Bolsonaro reforça fortemente sua posição religiosa pelo uso de passagens bíblicas: “E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (JOÃO, 8:32) e “Se Deus é por nós quem será contra nós?” (ROMANOS, 8:31), sendo uma delas utilizadas como slogan de sua campanha eleitoral. Entretanto, seu argumento, que justificaria sua manifestação religiosa, não possui lógica. Poderia a ex-presidenta Dilma, por ser mulher, favorecer somente essa parcela da população, já que se constitui como maioria? Poderia um presidente negro governar sancionando medidas que favoreçam somente os negros, justificando que essa é a maior parcela da população? No sistema institucional brasileiro, o presidente da república representa a autoridade máxima do Executivo de um Estado soberano. O presidente é o representante do Estado. O que simboliza então Bolsonaro postar em seu *Twitter* que pode se manifestar religiosamente, uma vez que a maioria da população é cristã? Pode-se entender que, para ele, o Estado não é laico de fato. A liberdade religiosa constitui um valor central da laicidade; no entanto, a laicidade não constitui um valor central da república (ORO, 2011).

Portanto, apesar do Brasil ser oficialmente um estado laico, que assegura pela constituição<sup>15</sup> a manifestação e a liberdade religiosa, sendo crime não permitir a liberdade de consciência e de crença, além de ofensas contra religião, raça, cor, etnia, ou procedência nacional, ainda assim não são asseguradas totalmente a pluralidade religiosa e a tolerância. Sendo que atitudes como essa do representante legal do Estado reforçam ainda mais que a laicidade não é efetiva de fato. Era de se presumir que, ao se viver em uma sociedade tão plural e diversa, e com a presença de leis na constituição federal que asseguram isso, que houvesse mais tolerância.

Analise, por exemplo, a situação atual do Brasil. Vive-se atualmente na era moderna em uma sociedade plural composta por distintos grupos raciais, étnicos, religiosos. No campo das religiões há o catolicismo, o protestantismo, o candomblé, a umbanda, o budismo, o islamismo. É de se concluir que se viva em uma sociedade plural. No entanto, a tolerância não é uma consequência espontânea. Os números de casos de intolerância religiosa comprovam esse fato. Em 2018, o número de denúncias<sup>16</sup>, no Disque 100<sup>17</sup>, canal do ministério Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, responsável por atender denúncias relacionadas a violações de direitos humanos, recebeu 213 casos de intolerância religiosa contra religiões de matriz africana, tais como Candomblé e a Umbanda, entre janeiro e novembro de 2018 (CAPETTI; CANÔNICO, 2019).

Segundo os dados do Disque 100, em 2017, o número de casos de intolerância religiosa foi de 145 e correspondia a 27% do total de denúncias do disque. Em 2018, essa porcentagem aumentou para 59%, isso é, 47% a mais que no ano anterior. Apesar de haver uma diminuição total no número de reclamações acerca de intolerância religiosa, os resultados demonstram um crescimento da intolerância principalmente contra as religiões afro-brasileiras. Dentre as formas de intolerância, as mais apontadas foram agressões verbais e físicas. Essa realidade é fácil de ser compreendida quando se observa a atual conjuntura política, na qual se vê um movimento conservador ligado a grupos evangélicos.

---

<sup>15</sup> Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Constituição Da República Federativa Do Brasil De 1988**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)>. Acesso em 19 ago. 2019.

<sup>16</sup> CAPETTI, P. CANÔNICO, M. **Denúncias de ataques a religiões de matriz africana sobem 47% no país**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/denuncias-de-ataques-religioes-de-matriz-africana-sobem-47-no-pais-23400711>>. Acesso em: 17 ago. 2019.

<sup>17</sup> GOVBR. **Disque 100**. Disponível em: <<https://www.mdh.gov.br/informacao-ao-cidadao/disque-100>>. Acesso em: 17 ago. 2019.



Segundo dados da pesquisa realizada pelo IBGE<sup>18</sup>, em 2010, o número de pessoas evangélicas cresceu de 15,4%, em 2000, para 22,2%, em 2010, sendo 60% pentecostais, 18,5% evangélicos de missão e 21,8% evangélicos não determinados.

Dessa forma, viver em uma sociedade plural não assegura a tolerância. Mas a pluralidade proporciona que pessoas distintas entrem em contato com maior frequência, dialoguem entre si, troquem experiências e, desse modo, percam as visões preconceituosas, estereotipadas, negativas que possuíam acerca de outros grupos sociais, através da contaminação cognitiva (BERGER; ZIJDERVELD, 2012). Com a ascensão da internet e, sobretudo, das redes sociais, a pluralidade alcançou proporções ainda maiores, possibilitando que pessoas distintas por religiões, etnias, orientações sexuais entrassem em contato. As redes alavancaram não só essa aproximação, bem como a participação e colaboração coletiva. Por outro lado, a intolerância também cresceu nesses meios. Como por exemplo, os casos alarmantes de discursos de ódio sendo proferidos contra grupos sociais minoritários, tais como negros, mulheres, LGBTQI+, indígenas, quilombolas, que são ofendidos, humilhados e rechaçados publicamente. Pode-se inferir que, conforme a pluralidade produz tolerância, concomitantemente, surgem reações adversas de intolerância e preconceito que tentam freá-la. Conclui-se que:

La anterior manera de definir la laicidad permite entender que esta, como la democracia constuye un proceso, más que un estado de cosas definitivo. Por lo mismo, así como no existe una sociedade absolutamente democrática tampoco hay un sistema político que sea total y definitivamente laico. (BLANCARTE, 2011, p. 186).

Tendo isso em mente, é de inferir que a laicidade no Brasil, assim como o processo democrático, ainda não se opera efetivamente em todas as instâncias, sendo um sistema a ser desenvolvido, já que permanecem antigas tradições regalistas que favorecem determinadas religiões, sobretudo o cristianismo, através de tratados e acordos, produzindo relações assimétricas em relação à atuação das demais religiões no espaço público e político. A exemplo disso, pode-se presenciar, no último período eleitoral, a relação que se estabeleceu entre o atual presidente, Jair Bolsonaro, os líderes de igrejas evangélicas e os membros da bancada evangélica, favorecendo, desse modo, a eleição de Bolsonaro.

Antes de partir para o capítulo seguinte, no qual se discutirá de forma mais aprofundada a relação entre o presidente e o protestantismo evangélico, é necessário

---

<sup>18</sup> IBGE. **Censo 2010**. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticia>>. Acesso em: 17 ago.2019.

recapitular o que foi visto até aqui. Percebe-se que, ao contrário do que os sociológicos da religião apontavam para a morte da religião na era moderna, há, no século XXI, uma profusão de novas religiões, seitas, cultos e revitalização das antigas religiões, sugerindo que modernidade não leva à secularização, mas sim à pluralidade (BERGER; ZIJDERVELD, 2012). A pluralidade, por sua vez, é um conceito expresso em que diferentes grupos sociais, étnicos, religiosos entram em contato e dialogam (BERGER; ZIJDERVELD, 2012). A presença de diferentes estilos e modos de vida faz com que os indivíduos reflitam sobre suas percepções e possam optar por cosmovisões diferentes.

Desse modo, a modernidade produz pluralidade, mas também relativiza. Antes definidos como absolutos, os conhecimentos passaram agora a ser questionados. Práticas pertencentes a instituições sociais, tais como a religião, puderam ser “desinstitucionalizadas”. Isso modificou a forma com que a religião se estrutura e a forma com que se articulam entre si. A religião, antes concebida como uma obrigação, é atualmente concebida como uma escolha individual na era moderna, na qual o indivíduo pode optar por uma, duas ou até mais, criando assim um mosaico de elementos provenientes de diferentes religiões.

Desse modo, a pluralidade proporcionou atividades ecumênicas e de diálogo inter-religioso, já que estreitou o espaço que antes separava grupos religiosos distintos. O ecumenismo, por sua vez, busca uma articulação das diferenças com base em elementos comuns à fé cristã: o batismo, a congregação, a oração, a celebração da ceia, a comunhão, para assim poder se articular um diálogo (HORTAL, 1996).

Contudo, como reação ao fenômeno da relativização, surge um movimento fundamentalista religioso que busca a restauração do que acredita ser o fundamento da religião cristã. Essas ações tiveram aporte em discursos proferidos por líderes religiosos e políticos, principalmente pelo representante legal do Estado, o presidente Jair Bolsonaro. Para ele, os valores cristãos e morais pautados na família e nos bons costumes estavam sob ataque; desse modo, tomou atitudes que favoreceram a parcela evangélica. As medidas tomadas por Bolsonaro abalaram um dos pilares ainda insólidos da democracia, como a não confessionalidade do Estado e, desse modo, a liberdade religiosa.

A seguir, ver-se-á mais a respeito do fenômeno polarizado, suas características e como essas afetam os processos dialógicos.

### 3 POLARIZAÇÃO POLÍTICA EM UM AMBIENTE DE PLURALIDADE

Neste segundo capítulo, pretende-se compreender o fenômeno da polarização política, as características associadas em cenários polarizados e como isso afeta os processos dialogais. Para isso, em um primeiro momento, foi preciso entender o que é a polarização política; em seguida, perceber quais características que recorrentemente estão associadas a esse processo e, por fim, como a polarização vem afetando as relações dialogais; sobretudo, quando se fala com pessoas de opiniões divergentes. É possível perceber não somente na conjuntura brasileira semelhanças no que tange à disseminação de *fake news*, o enfraquecimento da legitimidade dos meios de comunicação tradicionais, o ódio biopolítico<sup>19</sup> através da circulação de discursos de ódio e de intolerância nas redes sociais (BRAGA, 2019). Dessa forma, os autores norteadores são José Luiz Braga (2019), Nara Salles (2015), Carlos Ramulfo Fleix de Melo e Rafael Câmara (2012), Steven Levitsky e Daniel Ziblatt (2018).

#### 3.1 O QUE É POLARIZAÇÃO?

Durante o ano de 2018, período de eleições no Brasil, viu-se um forte movimento de polarização política alastrar-se e tomar conta do país. Por conta disso, ficou comum ouvir falar em polarização. No entanto, a temática da polarização não é tão recente; anteriormente à eleição de Jair Bolsonaro, já era comum falar em polarização, principalmente em relação às disputas presidenciais entre o PT (Partido dos Trabalhadores) e o PSDB (Partido da Social Democracia Brasileiro). Após o período de redemocratização do país, com o fim da ditadura, o Brasil observou uma efervescência de partidos políticos (SALLES, 2015). No entanto, as eleições presidenciais seguiram uma tradição advinda do período ditatorial de um sistema bipartidário.

Por isso, apesar da ampla variedade de partidos, o embate se fragmentava e a real

---

<sup>19</sup> Devido à extensão do presente trabalho, não se teve a pretensão de se prolongar no conceito de ódio biopolítico; contudo, entende-se que essa compreensão é necessária a este estudo. Dessa forma, a definição de ódio biopolítico que aqui é adotada compreende, através das contribuições de Dalmolin (2019) e Foucault (2014), que existem consequências ocasionadas pelos mecanismos de poder expressos principalmente pelas formas de controle da biologia e da sexualidade refletidas na cotidianidade dos indivíduos. A política se traduz essencialmente como biopolítica, levando a predominância do “privado sobre o público, das liberdades individuais sobre os bens coletivos” (DALMOLIN, 2019, p.1). Tal ódio biopolítico pode ser observado na circulação de discursos de ódio que tem como alvo aspectos biológicos tais como raça, etnia, gênero, orientação sexual, ou características consideradas destoantes das elencadas no padrão imposto pelo grupo hegemônico (DALMOLIN, 2019).

chance de vitória concentrava-se em dois partidos: o PT e o PSDB. Segundo Carlos Melo e Rafael Câmara (2012), apenas esses partidos demonstravam “vocação presidencial”, tendo lançado candidatos em todos os pleitos. Alguns eventos, no entanto, foram cruciais para agravar a divisão entre os partidos, sendo eles: os pleitos de 1989 e 1994, o naufrágio do PDT<sup>20</sup> (Partido Democrático Trabalhista), que despontava como um adversário do PT e, sobretudo, “a constru o da distin o efetiva entre seus ideais e projetos na arena política” (SALLES, 2015, p.35) que, até então, assemelhavam-se em alguns pontos.

Portanto, anteriormente, falar em polariza o política remetia   disputa bipartidária, principalmente entre PT e PSDB, partidos de posi es políticas divergentes.   de se questionar: o que   a polariza o? A polariza o política se trata de apenas uma disputa bipartidária? Em que a conjuntura atual se difere da anterior?   perceptível que, apesar das disputas travadas entre PT e PSDB, no jogo político e da clara antipatia que os partidos possuíam um pelo outro, ainda assim seus adversários eram reconhecidos como legítimos.   notável que essa situa o diferencia-se da polariza o que se tem na conjuntura atual, uma vez que não se trata mais de uma simples disputa bipartidária, mas de um embate no qual o partido opositor   visto como inimigo (BRAGA, 2019), perdendo, portanto, sua tolerância mútua. Graus extremos de animosidade levaram não são   cisão do eleitorado, mas a propaga o de ódio biopolítico (DALMOLIN, 2019; FOUCAULT, 2014), evidenciado na circula o de discursos de ódio e de intolerância nas redes sociais. Ademais, a dissemina o de *fake news* feita não são pelos eleitores, mas também por líderes políticos, corroborou para o enfraquecimento da legitimidade dos veículos de comunica o e acentuou ainda mais os conflitos entre os eleitores.

Antes de adentrar em outros aspectos dessa temática, porém,   necessário entender sua defini o. Segundo o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2008), polariza o   a a o de polarizar, ou seja, a o de transformar em polos. Um exemplo mais recorrente de quando se fala em polos   polo norte e polo sul, polos geograficamente opostos. Já na física,   comum falar-se em polo positivo e polo negativo, isto  , polos de cargas opostas.   interessante observar que a polariza o, então, pressupõe a existência de polos que são necessariamente opostos, contrários, inversos e não polos complementares. Já a a o do verbo opor, por sua vez, pode deduzir: “(1) colocar-se diante de, contra; (2) colocar-se

---

<sup>20</sup> O (PDT), partido brasileiro que possui orienta o política de esquerda, foi originado no período pós-ditadura militar durante o processo de redemocratiza o do país. Despontava assim como o PT como uma liderança da esquerda na década de 90, no entanto, a perda nos pleitos de 1994 fez com que o partido fracassasse como um possível competidor   presidência, agravando, dessa forma, a disputa PT e PSDB (MELO, 2012).

como antagonista, adversário; (3) apresentar argumento em sentido contrário; (4) apresentar ação para impedir ou combater algo; (5) ser contrário a; (6) mostrar resistência a” (HOUAISS, 2008, p.586).

Essas definições encontradas no dicionário ajudam a entender, em parte, como se configura a polarização política atual, pois não se trata mais da disputa eleitoral entre dois partidos, e sim de disputas nas quais o partido oposto é visto como inimigo. Um indivíduo pertencente a uma posição política pode pensar que o seu partido deve ser resistente à toda proposta feita pelo partido oposto, produzir esforços para argumentar contra ele, promover ações que visem combatê-lo, reforçado, assim, a visão de que aquele partido e seus adeptos são um perigo à sociedade.

Como se viu na definição de polarização há dois polos que são mutuamente opostos; portanto, suas características opõem-se uma a outra. Sendo assim, o esforço para se criar um diálogo é então facilmente abandonado, já que o único esforço feito serve para criticar o outro e, assim, diferenciá-lo ainda mais do polo a que se pertence. Oponho-me ao outro em tudo o que ele faz, pensa ou realiza (BRAGA, 2019). É visível que essa situação implica em afastamento e, logo, em dificuldades no estabelecimento de processos dialogais.

No entanto, como analisar a polarização política sob o viés comunicacional? Essa é uma dificuldade que foi apresentada inicialmente, já que a temática é geralmente estudada dentro do campo das ciências políticas. Desse modo, tornou-se elementar a fala dada pelo pesquisador José Luiz Braga no GT denominado “Polarização, Incivildades e Intolerância”, durante o III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídiatização e Processos Sociais (2019), visto que contribuiu para um novo olhar sob a problemática da polarização.

Para se compreender, no entanto, o fenômeno polarizado da conjuntura atual, é preciso entender como ele se configura. Os indícios da formação da polarização como se têm hoje, na conjuntura de 2019, são notados a partir de 2013, quando começou a se manifestar um forte sentimento entre a população de descrédito pelos representantes políticos, pelo sistema político e, principalmente, pela democracia brasileira. Ademais, esse período ficou marcado pelas manifestações populares em torno do descaso com os setores públicos, tais como saúde e educação e escândalos de corrupção, principalmente através das investigações que ficaram conhecidas como Operação Lava-Jato. As representações da mídia corroboraram para a população sustentar a percepção de ineficácia do Estado e de suas instituições. Posteriormente, essas reivindicações foram expressas através de um

discurso antipetista, por meio dos veículos midiáticos, que criticava o governo e citava desde já como inevitável um *impeachment*.

Além disso, os partidos de orientação de direita ou centro-direita estavam inconformados pelas quatro perdas seguidas nas eleições presidenciais. Em 2003, teve início o governo Lula, comandado por Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores, que teve o mandato renovado até o ano de 2011. Por sua vez, em 2011, o PT seguiu no governo por meio de Dilma Rousseff. Em 2016, contudo, Dilma foi impedida de continuar sua atuação através da instauração de seu processo de *impeachment*, que levou à sua destituição do cargo. As manifestações pró-*impeachment* foram notáveis em todo o Brasil, reunindo milhares de pessoas nos maiores centros do país. Dentre outras características, os protestos ficaram marcados pelo uso de roupas verde e amarela e o enaltecimento da bandeira do Brasil. Ademais, os manifestantes empunhavam cartazes com frases contra a corrupção, o governo federal e o PT. Era comum também a presença de bonecos representando Dilma Rousseff, juntamente com o boneco do ex-presidente Lula em vestes de prisioneiro, uma vez que havia sido pedida sua prisão preventiva devido aos seus envolvimento com a Operação Lava-Jato.

Nesse momento, destaca-se o evento marcado pelo voto de Jair Bolsonaro, na votação na Câmara dos Deputados, a favor do *impeachment* de Dilma. Na ocasião, Bolsonaro rememorou o golpe militar ocorrido em 1964, ao qual o mesmo já demonstrou ser a favor, e citou Carlos Alberto Brilhante Ustra, coronel do Exército de Caxias e torturador da ex-presidenta. Ustra foi chefe do DOI-CODI, Destacamento de Operação de Informação – Centro de Operação de Defesa Interna, principal órgão de repressão do exército durante a ditadura militar, responsável por atuar contra grupos de esquerda e de oposição à ditadura (FRIGO, 2018). Em 2008, Ustra foi julgado e condenado pela Justiça Brasileira pelos crimes de sequestro e tortura. Ao finalizar sua fala, Bolsonaro votou sim por “Brasil acima de tudo e Deus acima de todos”, lema que usaria adiante em sua campanha eleitoral.

O discurso de Bolsonaro foi, por um lado, severamente criticado e repudiado por fazer apologia ao período ditatorial, marcado tristemente na história do país pela repressão, censura e crimes como sequestros, torturas e assassinatos. No entanto, por outro lado, a atitude populista de Bolsonaro, que expressava os mesmos sentimentos de indignação contra o PT, a corrupção e os supostos maus causados pelo partido, aliada ao discurso que prometia retomar o Brasil para o povo e “limpá-lo” desses malefícios, começou aos poucos

a cativar um grupo do eleitorado, que passou a enxergar em Bolsonaro uma possibilidade de retirar o PT do governo e uma nova liderança para o Brasil. Midiaticamente, Bolsonaro começou a aparecer ainda mais nos noticiários devido às suas opiniões conservadoras, à sua posição de aversão ao “politicamente correto” e ao seu comportamento direto e “sem rodeios”, que ajudaram a lhe configurar uma imagem de alguém autêntico, que “fala o que pensa”. A presença de Bolsonaro nas redes sociais, sobretudo no Facebook e no Twitter, também corroborou para sua aproximação de seu público eleitor.

A respeito do posicionamento de Bolsonaro, através de seu discurso, o presidente já proferiu ofensas machistas, racistas e homofóbicas veiculadas na mídia, além de demonstrar um posicionamento contrário à legalização do aborto, às cotas nas universidades, ao direito do casamento entre homossexuais, à educação sexual, entre outras pautas. De acordo com Márcia Feliciani (2018), os comentários de maior repercussão proferidos por Jair Bolsonaro que discriminam, inferiorizam e até ameaçam, podem ser classificados da seguinte maneira:

- Homossexuais, como “Prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí” e “Não vou combater nem discriminar, mas, se eu vir dois homens se beijando na rua, vou bater”.
  - Mulheres, como “Jamais iria estuprar você [a deputada Maria do Rosário], porque você não merece” e “Eu não empregaria [homens e mulheres] com o mesmo salário”;
  - Negros, como “Eu fui num quilombo em Eldorado Paulista. Olha, o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas... Não fazem nada! Eu acho que nem para procriador serve mais” e “Eu não corro risco [de um filho namorar uma mulher negra] meus filhos foram muito bem educados”;
  - Pobres, como “Só tem uma utilidade o pobre no nosso país aqui: votar. Título de eleitor na mão e com diploma de burro no bolso”;
  - E opositores, como “Vamos fuzilar a petralhada aqui do Acre” e “Esses marginais vermelhos [os petistas] serão banidos de nossa pátria”.
- (FELICIANI, 2018, p. 25-26)

Pode-se, ainda, acrescentar as ofensas proferidas contra grupos indígenas enquanto Bolsonaro era candidato e após sua posse. Durante a disputa eleitoral, o presidente afirmou que, caso fosse eleito, não haveria mais “um centímetro de terra” para esses povos. Após os resultados do segundo turno, Bolsonaro afirmou, em entrevista ao programa Brasil Urgente da TV Bandeirantes, que se dependesse dele não haveria mais demarcação de terra indígena<sup>21</sup>. Em outra entrevista dada em Cachoeira Paulista (SP), o presidente afirmou não achar correto os indígenas viverem separados das demais pessoas e comparou as reservas

<sup>21</sup> RESENDE, S. 'No que depender de mim, não tem mais demarcação de terra indígena', diz Bolsonaro a TV. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/no-que-depender-de-mim-nao-tem-mais-demarcacao-de-terra-indigena-diz-bolsonaro-a-tv.shtml>>. Acesso em: 30 set. 2019.

indígenas a animais em zoológicos<sup>22</sup>.

Ademais, sua associação a políticos evangélicos e a constante presença nos maiores eventos evangélicos ajudou a construir uma imagem de um candidato aliado aos valores cristãos. Como consequência, teve o apoio de muitos líderes religiosos, padres, bispos e pastores, que começaram a se declarar a favor da candidatura de Bolsonaro. Como exemplo, o bispo Edir Macedo, líder da Igreja Universal e dono de um dos maiores veículos de comunicação do Brasil, a Rede Record. Edir, que realizou uma transmissão ao vivo no seu perfil do Facebook, durante o dia 29 de setembro de 2018, foi questionado em um comentário sobre o seu posicionamento frente às eleições. O seguidor perguntou “Queremos saber bispo do seu posicionamento sobre as eleições para presidente”, Macedo apenas respondeu: “Bolsonaro”. A relação entre Edir e Jair Bolsonaro se estreitou ainda mais no decorrer do período eleitoral. Após o atentado sofrido pelo presidente, a Record foi a primeira emissora a realizar uma entrevista com o até então candidato, em sua casa no Rio de Janeiro. O bispo chegou a visitar o presidente no seu leito no hospital Albert Einstein, onde ficou internado.

Figura 4 - Edir Macedo em transmissão ao vivo no Facebook



Fonte: Veja (2018).

<sup>22</sup> G1. **Índios em reservas são como animais em zoológicos, diz Bolsonaro.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2018/11/30/indios-em-reservas-sao-como-animais-em-zoologicos-diz-bolsonaro.ghtm>>. Acesso em: 30 set. 2019.



Além de Edir Macedo, outra figura influente que também manifestou apoio a Bolsonaro foi o bispo Robson Rodovalho, fundador e presidente da Fundação Neo-Pentecostal e Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, afirmando que ele era o candidato que tinha maior comprometimento com os ideais e valores evangélicos, ao contrário de outros competidores à eleição. Segundo Robson, que também presidia a Confederação dos Conselhos de Pastores do Brasil (Concepab), maior confederação que reúne igrejas e templos neopentecostais, somente Bolsonaro seria capaz de “colocar um freio de arrumação no Brasil”. Ex-deputado da bancada evangélica, Robson ainda possui muita influência entre seus ex-colegas e defendia, até então, a Reforma da Previdência, pauta que interessava aos demais deputados da bancada.

Outro político que demonstrou apoio a Bolsonaro foi o deputado Sóstenes Cavalcante (DEM - RJ), sendo também a favor da candidatura do presidente. Sóstenes, que teve atuação no processo de criminalização da homofobia, o qual pretendia incluir o crime de homofobia na Lei do Racismo, pelo Supremo Tribunal Federal (STF), sustentou o projeto de lei que qualifica homofobia em casos de homicídio e agressão; no entanto, permitindo que líderes religiosos expressassem suas opiniões a respeito das relações homossexuais. Havia grande preocupação entre os líderes e pastores a respeito da votação, já que se acreditava que a criminalização criaria uma “mordaza” nos líderes religiosos.

Marco Feliciano, pastor da Catedral do Avivamento e deputado brasileiro conhecido pela criação do polêmico projeto intitulado “Cura Gay” (CASTILHO, 2019), adepto ao pensamento conservador, demonstrou apoio ao presidente. Feliciano e Bolsonaro já eram amigos desde 2013, quando se conheceram na Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM) da Câmara de Deputados. Em entrevista, Feliciano afirmou que ele e Bolsonaro possuem “afinidade ideológica” e compartilhavam do mesmo problema, serem perseguidos pela esquerda. Os dois viajavam juntos em eventos oficiais do governo e realizavam transmissões ao vivo pelo perfil do presidente. Marco Feliciano tornou-se “porta voz informal” do governo, sendo responsável por aproximar Bolsonaro de líderes da Frente Evangélica. Na mesma entrevista, Feliciano afirmou estar sendo a ponte entre Bolsonaro e os evangélicos e ajudando o presidente a se inserir em eventos evangélicos nacionais.

Além disso, em 2018 confederações nacionais de importantes segmentos religiosos também aderiram à candidatura de Bolsonaro. A exemplo disso, pode-se citar a confederação dos Conselhos de Pastores do Brasil (CCPB), que justificou sua posição por

acreditar que, através do candidato, seria possível frear as forças da esquerda (ARIAS, 2018). As igrejas Assembléia de Deus, Igreja Universal do Reino de Deus, igrejas batistas, igrejas quadrangulares também demonstraram apoio ao presidente. Por outro lado, a Confederação Nacional de Bispos do Brasil (CNBB) decidiu não se manifestar a respeito dos candidatos à disputa eleitoral.

Através da aliança entre Bolsonaro e os evangélicos, algumas concessões políticas requeridas por esse grupo foram atendidas pelo presidente. Como exemplo, pode-se citar a transferência da embaixada de Israel<sup>23</sup>, antes localizada na cidade de Tel Aviv, para Jerusalém, defendida por líderes da bancada evangélica, segundo motivações teológicas. No entanto, Bolsonaro adentrou em conflitos muito mais profundos entre Palestina e Israel ao publicar em seu perfil pessoal do Twitter que reconhecia a legitimidade do Estado de Israel e criticando a Palestina, dizendo que, para ele, não é um país.

Figura 5 - Tweet do presidente Bolsonaro a respeito da transferência da embaixada de Israel



Fonte: Conta pessoal do presidente no *Twitter* (2019)

Fora da arena política, muitos dos pastores, padres e bispos a favor da candidatura de Bolsonaro acabavam reforçando em suas igrejas suas posições políticas e incentivaram os fiéis a votarem no mesmo. Parte dos que se opunham a Bolsonaro, bem como às ações preconceituosas propagadas pelo mesmo, foram rechaçados e até expulsos das suas igrejas. Esses indivíduos começaram a se denominar “desigrejados” e buscaram, através de outros

<sup>23</sup> G1. **Bolsonaro diz que Brasil transferirá embaixada de Tel Aviv para Jerusalém.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/11/01/bolsonaro-diz-a-jornal-israelense-que-brasil-transferira-embaixada-de-tel-aviv-para-jerusalem.ghtml>>. Acesso em: 30 set.2019.

meios, como as redes sociais, novos grupos de comunhão e de articulação. Muitos se associaram a movimentos de cristãos progressistas, evidenciando um “ativismo político evangélico não institucionalizado” (CUNHA, 2017, p.5), que busca articulações para combater as formas de opressão que são perpetuadas pela Igreja e seus membros, tais como: machismo, homofobia, racismo, xenofobia, entre outras. Como parte desse movimento, tem-se o grupo objeto deste estudo: “Cristãos contra o fascismo”.

Tendo em vista esses fatores, é possível concluir que Bolsonaro criou uma forte coligação entre políticos evangélicos e líderes religiosos influentes, que contribuiu para a sua vitória nas eleições, visto que os evangélicos - que são um grupo em ascensão na política - foram os que mais votaram em sua candidatura. De acordo com dados do IBGE (2018), 68% dos evangélicos votaram no presidente, seguido por 55% dos espíritas e 50% dos católicos. A associação entre o presidente e evangélicos expressava o mesmo discurso que defendia os valores cristãos, a família, a moral, os bons costumes, e que estavam, segundo eles, sendo degradados. Ao mesmo tempo, defendia que deveriam ser combatidas a educação com doutrinação esquerdista, a erotização das crianças, a educação sexual nas escolas e a aprovação do aborto como método legal para interrupção do processo gestacional. A relativização dos conhecimentos antes tidos como absolutos colocava em xeque a soberania das igrejas (BERGER; ZIJDEVERLD, 2012). Por conta disso, criou-se a imagem de que as igrejas e os valores, assim expressos por ela, estavam em perigo. Segundo Ricardo Mariano (2017), o sentimento de que as igrejas estão sob “ataque” favorece a ideia de que é preciso se unir e de que “irmão vota em irmão”.

Para alguns, o apoio de líderes religiosos às declarações de Bolsonaro demonstra incongruência com a fé cristã, que tem como valores axiais o amor, o respeito e a tolerância. No cristianismo, tem-se como consenso que é preciso ter atitudes que demonstrem coerência entre aquilo que se acredita e aquilo que se faz, entre mente e coração, palavras e obras, fé e ação. Logo, se um indivíduo crê em um Deus que não faz acepção de pessoas, como não tolerar o diferente? Do mesmo modo, se este sujeito acredita no amor ao próximo e que deve orar e abençoar aos que me perseguem, como odiar e perseguir seus adversários e até mesmo lhes afligir dor? Vive-se em uma sociedade majoritariamente cristã; no entanto, concomitantemente se vive em meio de extremos níveis de violência, intolerância e preconceitos. Não seria de se esperar que, se vivesse em uma sociedade pluralizada, na qual há paz cívica e interação social, logo, uma sociedade mais tolerante? (BERGER; ZIJDERVELD, 2012).

No primeiro capítulo, viu-se que, no entanto, muitas vezes os indivíduos tomam atitudes incoerentes. Não realizam aquilo que têm em sua cognição como correto e verdadeiro e, por vezes, fazem o contrário daquilo que acreditam, desse modo configurando uma dissonância cognitiva (FESTINGER, 1975). Esses passam, portanto, a buscarem formas de diminuir essa dissonância cognitiva ou até mesmo de justificá-la. Como se viu com o exemplo do cigarro, um fumante pode saber dos prejuízos causados pelo cigarro e, mesmo assim, optar por continuar fumando. Esse indivíduo pode até mesmo se tornar um conhecedor profundo sobre o cigarro e possuir razões do porquê continua a fumar. Do mesmo modo, um sujeito cristão que propaga atos de preconceito contra determinada minoria poderá encontrar uma forma de justificar tais ações sob o pretexto de estar fazendo o “correto”. Os indivíduos buscam uma consonância entre sua cognição e aquilo que fazem (FESTINGER, 1975).

Percebe-se que a polarização política, antes tida como uma disputa bipartidária na qual os partidos possuíam certo grau de antipatia um para com o outro, agora progrediu e, de certo modo, acabou por provocar essa cisão entre não só os fiéis das igrejas, mas entre a sociedade. De um lado, um grupo com fortes sentimentos de indignação com a política nacional, descrédito pelos representantes do povo que apoiaram Bolsonaro e, do outro, os que criticavam e viam sua candidatura como nociva à sociedade e, sobretudo, à democracia. Percebe-se, então, que a polarização política atual trata-se de um embate no qual o partido político oposto não é mais visto apenas como um adversário, mas como inimigo e, portanto, nocivo para a sociedade. Sendo assim, esse sentimento é preocupante, uma vez que pode ser utilizado para justificar a tomada de atitudes antidemocráticas e até autoritárias por parte dos líderes que se encontram no poder (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018). Se o outro partido é nocivo e um perigo estando no poder, ora posso então realizar todas as medidas possíveis para tirá-lo do poder e proteger a democracia. É de se questionar, então, o que isso implica na democracia?

### 3.2 A POLARIZAÇÃO E OS PERIGOS PARA A DEMOCRACIA

Em “Como as democracias morrem”, livro escrito por Steven Levitsky e Daniel Ziblatt (2018), os autores defendem que polarizações são perigosas, já que podem levar ao desmantelamento da democracia. Ao contrário do que se possa pensar, as democracias morrem de formas sutis, diferentemente do que ocorria no passado. Ao se imaginar o

término de democracias, pode lhe vir à mente imagens associadas a golpes políticos, repressão do exército e até tanques nas ruas. Tudo isso pode e está associado ao enfraquecimento e, conseqüentemente, à queda da democracia. No entanto, percebe-se que, tendo em vista eventos ocorridos na última década, os sistemas democráticos podem vir ao fim através dos próprios líderes políticos eleitos de forma democrática. (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018). “Democracias podem morrer não nas mãos de generais, mas de líderes eleitos – presidentes ou primeiro ministros – que subvertem o próprio processo que os levou ao poder.” (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p.35). As democracias são um sistema recente em diversos países latino-americanos, posto que a maioria deles passou, assim como o Brasil, por ditaduras militares, tendo o seu processo democrático, então, interrompidos. Devido a isso, é necessário que as medidas que a formaram e que a legitimam sejam constantemente reforçadas, além de que é preciso a presença de normas e árbitros a fim de regulamentarem o jogo político. (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018).

Quando se joga um jogo de tabuleiro, por exemplo, é essencial que haja regras que ditem limites aos jogadores do que se pode ou não fazer, se não a partida se tornaria um completo caos (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018). Do mesmo jeito que também é crucial que todos os jogadores, antes de iniciar a partida, estejam cientes desses limites. Do mesmo modo, dificultaria se, a cada nova partida, as regras fossem reinventadas. É preciso materializar as regras para dá-las legitimidade. Assim, em um sistema político, é preciso que haja normas regulamentando a atuação dos atores políticos. Nesse contexto, as normas escritas ganham o nome de constituições e são usadas para fortalecer ainda mais essas regras. Os árbitros asseguram que as regras do jogo sejam cumpridas por todos. Contudo, existe certo tipo de regras que não estão necessariamente escritas, mas são subentendidas por aqueles que participam da partida. Duas dessas regras informais que fazem parte do jogo democrático são a tolerância mútua e a reserva institucional (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018).

A tolerância mútua é a ação de reconhecer o adversário político como legítimo e possuir uma tolerância mínima para com o outro, a fim de desempenharem sua disputa política (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018). Embora nutram desavenças e certa antipatia um pelo outro, os partidos políticos possuem ou deveriam possuir tolerância mútua para com seus adversários, reconhecendo, assim, que eles também possuem o direito de disputar os cargos políticos e, conseqüentemente, de governar. Entretanto, na polarização política, os atores políticos perdem a capacidade de possuírem tolerância mútua. Os candidatos veem o

adversário não mais como um concorrente, mas como um inimigo. As ações do partido alheio são vistas como perigosas e até mesmo terroristas. O partido oposto é visto como nocivo à sociedade e não apto para participar do jogo político. Tal pensamento pode ser terrivelmente preocupante para o sistema democrático, uma vez que podem ser utilizados para justificar medidas antidemocráticas e autoritárias que visam “tirar do jogo” os partidos opositores (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018).

Jair Bolsonaro, por exemplo, já atacou diversas vezes a legitimidade da ex-presidenta Dilma Rousseff e do ex-presidente Lula. Em uma das ocasiões, em uma reunião realizada em 2016, na Câmara dos Deputados, que discutiu o processo de impeachment, Bolsonaro acusou Dilma de terrorista e de armar, juntamente com o ex-presidente Lula, um golpe terrorista para se manter no poder, além de ter acusado Dilma de fazer supostos acordos com Cuba, Venezuela e a guerrilha Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), os quais estariam ganhando dinheiro “do bolso do povo”. Bolsonaro chamou também o Partido de Trabalhadores de “facção criminosa”, além de em outros momentos ter se referido ao PT como corruptos, criminosos, bandidos, em atitudes evidentes para deslegitimar o partido adversário.

Os líderes políticos dessas situações podem justificar essas medidas pelo “bem da democracia” ou pelo “bem do povo”. Pode-se chamá-los de autocratas, isto é, líderes que realizam medidas que favorecem a si mesmos ou uma parcela da população. São atitudes que, embora sejam constitucionais, claramente infringem o espírito da lei. Assim, partir-se-á para o segundo ponto ressaltado por Levitsky e Ziblatt: a reserva institucional. A segunda norma informal necessária à manutenção da democracia é a reserva institucional. A reserva institucional é a ação de evitar atitudes que, apesar de respeitarem a lei, violem o seu espírito. Ou seja, as democracias morrem, muitas vezes, por meio de atitudes que, embora sejam constitucionais, degradam o seu fundamento. Constituições reúnem as normas do jogo; no entanto, não são perfeitas; pelo contrário, possuem brechas e lacunas abertas a interpretações.

Por conta disso, muitos sistemas políticos podem aparentar serem democracias, já que mantêm a constituição ou as Casas do Poder Legislativo, mas ainda assim proferindo medidas autoritárias que restringem os direitos dos cidadãos ou da imprensa. Ao não ter sinais visíveis de autoritarismo como um golpe político, a repreensão do exército ou tanques nas ruas, conserva-se a imagem de que ainda se vive em uma sociedade democrática. A prisão preventiva de Lula, às vésperas da eleição, pode ser configurada

como uma atitude contra a reserva institucional, já que é constitucional, ou seja, assegurada por lei, mas que infringe as “boas atitudes” que se espera durante o jogo político. O pedido de prisão preventiva do ex-presidente poderia ter sido efetuado em outro momento, no entanto, aquela ocasião era favorável para “tirar do jogo” um líder de potencial influência.

A fim de identificar possíveis líderes democráticos, o sociólogo e cientista político Juan Linz (1978) criou um teste que reúne os principais comportamentos e ações associadas a esse tipo de figuras. Juan dedicou-se a investigar como e porque as democracias morrem, sendo um dos seus principais livros “*The Breakdown of Democratic Regimes*” (1978). Baseados em Linz, os autores Levitsky e Ziblatt (2018) adaptaram o teste para quatro comportamentos de possíveis líderes autoritários. São eles:

Nós devemos nos preocupar quando políticos: 1) Rejeitam em palavras e ações, as regras democráticas do jogo; 2) Negam a legitimidade dos oponentes; 3) Toleram e encorajam a violência 4) Dão indicações de disposição para restringir liberdades civis de oponentes inclusive a mídia. (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p. 34-35).

A respeito do primeiro comportamento, **(1) rejeitam em palavras e ações as regras democráticas do jogo**, Bolsonaro declarou em mais de uma ocasião posicionamento contrário que infringe às normas democráticas. Em entrevista ao programa Brasil Urgente, o presidente afirmou ao apresentador José Luiz Datena não aceitar os resultados das eleições, caso ele não fosse eleito. Quando questionado se essa medida não seria antidemocrática, Bolsonaro afirmou que não e que tinha um “antídoto” para isso. No caso, o presidente fazia referência ao voto impresso, já que, para ele, as urnas eletrônicas seriam passíveis de fraudes.

Durante o período eleitoral em 2018, Bolsonaro fez também diversas afirmações que infringiam as regras do jogo democrático, como afirmar que o PT só poderia vencer as eleições caso houvesse manipulação nas urnas eletrônicas. Um dos filhos do presidente, Flávio Bolsonaro (PSL-RJ), publicou em seu perfil social, na rede social Twitter, um vídeo falso, mostrando um eleitor apertando o botão de número um e a urna preenchendo automaticamente o número 13 do candidato Fernando Haddad (PT). Posteriormente, o Tribunal Regional Eleitoral de Minas descobriu a farsa do vídeo e publicou uma nota alertando os eleitores que a informação era infundada.

Como visto anteriormente, Bolsonaro criticou diversas vezes a legitimidade dos oponentes, configurado como o segundo tópico elencado por Levitsky e Ziblatt, **(2) Negam a legitimidade dos oponentes**. Não é novidade, então, que o presidente tenha atacado a ex-presidenta Dilma, o ex-presidente Lula, bem como o Partido dos Trabalhadores em geral. A

respeito do terceiro ponto, **(3) Toleram e encorajam a violência**, é possível perceber que o presidente, em suas alegações, já pronunciou discursos que discriminam, inferiorizam e até ameaçam homossexuais, mulheres, negros, pobres, opositores e indígenas (FELCIANI, 2018). Em 2002, Bolsonaro alegou “Não vou combater nem discriminar, mas, se eu vir dois homens se beijando na rua, vou bater”. Sobre os opositores, durante viagem ao Acre, Bolsonaro afirmou “Vamos fuzilar a petralhada aqui do Acre” e “Esses marginais vermelhos [os petistas] serão banidos de nossa pátria”. Além de, em outras ocasiões, ter feito referência a violências físicas e simbólicas contra grupos sociais minoritários.

Por fim, sobre o último tópico, **(4) Dão indicações de disposição para restringir liberdades civis de oponentes inclusive a mídia**, Bolsonaro, além de ter se declarado a favor do golpe militar, já alegou em entrevista ao programa Câmara Aberta, em 1999, ser favorável à tortura. Quando questionado se Bolsonaro fecharia o Congresso Nacional, o presidente respondeu não ter a menor dúvida. Em outras ocasiões, Bolsonaro afirmou que o erro da ditadura foi torturar e não matar.

Além disso, Bolsonaro também atacou veículos de comunicação, afirmando que as informações publicadas seriam falsas ou manipuladas. Em entrevista dada ao Jornal Nacional, o presidente acusou o jornal Folha de São Paulo de publicar reportagens falsas relacionadas a sua imagem e ainda alegou que, no que dependesse dele, o veículo não teria mais apoio financeiro do governo federal.

Durante sua posse presidencial, certos veículos comunicacionais foram barrados na primeira entrevista coletiva como presidente eleito. Dentre outros, estava a Folha de São Paulo. Além disso, jornalistas que cobriam a posse presidencial tiveram que passar por situações degradantes<sup>24</sup> como ficar sete horas à espera do início da cerimônia, sem acesso a cadeiras para se sentarem. A locomoção dentro do Palácio do Planalto também foi restringida. Em resposta, a Abraji, Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, responsável por divulgar essas informações, demonstrou seu descontentamento nas redes sociais, afirmando que essas medidas eram antidemocráticas (RIBEIRO, 2019).

Geralmente, os indivíduos que correspondem ativamente a esse teste são os chamados *outsiders* populistas (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018). Os populistas são líderes políticos que dizem atuar “em favor do povo”, criticam a legitimidade do partido opositor, acusando-os de antidemocráticos e antipatrióticos. Dizem defender o povo e prometem

---

<sup>24</sup> RIBEIRO, J. **Sem banheiro ou água, jornalistas relatam restrições em posse de Bolsonaro.** Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/jornalistas-relatam-serie-de-restricoes-em-posse-de-bolsonaro/>>. Acesso em: 30 set.2019.



acabar com a “elite corrupta e conspiradora” (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p.35). Fazem declarações alegando que irão retomar o país e o tornar novamente como era em “épocas douradas”, na qual havia prosperidade econômica e social. A situação difícil que o país passa recai sobre um bode expiatório que pode ser um grupo social, racial, religioso ou um partido político, no caso brasileiro, a culpa de a conjuntura social estar dessa forma incidia sobre o PT.

Bolsonaro, portanto, possui claros indícios de ações associadas aos comportamentos de líderes antidemocráticos e autoritários. Os autores defendem que, nesses casos, é essencial não tomar essas promessas como blefes, como foi recorrentemente ouvido nessa última eleição. Muitos afirmaram que a preocupação em torno da figura de Bolsonaro era equívoca, já que ele não iria fazer tudo isso, pois estava blefando ou apenas brincando.

Desse modo, polarizações extremas podem levar ao enfraquecimento da democracia. “O enfraquecimento de nossas normas democráticas está enraizado na polarização sectária extrema – uma polarização que se entende além das diferenças políticas e adentra conflitos de raça e cultura.” (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p. 22). Percebe-se que, a polarização, que nos últimos anos era tratada apenas como uma disputa bipartidária, recorrentemente associada aos embates entre PT e PSDB, progrediu durante a última legislatura (2018) para um embate social que aciona conflitos de religião, de gênero, de raça, de classe social e de orientação sexual.

Para frear as ações de líderes antidemocráticos, associadas ao fenômeno de polarização, Levitsky e Ziblatt (2018) propõem que as forças contrárias devam formar coalizões pró-democráticas para, assim, assegurar a manutenção das regras e dos árbitros no jogo democrático. É necessário, portanto, superar, numa primeira instância, as diferenças, para assim se estabelecer uma articulação entre partidos com posição política divergentes, sendo que “As coalizões mais efetivas são aquelas que reúnem grupos com opiniões diferentes – e mesmo opostas – sobre muitas questões. Elas são construídas não entre amigos, mas entre adversários” (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p.241). Ou seja, é preciso formar associações entre grupos sociais distintos para que assim se perca a imagem reducionista de que um lado é visto. Por exemplo, um grupo pertencente à polarização é visto pelo outro como esquerdistas que defendem o aborto, a educação sexual, a doutrinação marxista. No entanto, nem todos os sujeitos que possuem viés ideológico de esquerda apoiam as mesmas pautas. Isto é, eles foram reduzidos a características específicas como se essas fossem definidoras totais, deixando de lado sua complexidade

(BRAGA, 2019). Logo, essa visão agrava a divisão entre os eleitores e, conseqüentemente, a polarização.

Para impedir, então, que líderes autoritários cheguem ao poder, coalizões sejam formadas por diferentes públicos, até mesmo por líderes de orientação política similar ao líder autoritário, é possível fazer com que a polarização diminua. Tendo isso em mente, é visível que os processos dialogais estão nas bases para a formação de alianças e para a superação dos empecilhos ocasionados pelo fenômeno polarizado. Faz-se, portanto, necessário entender o que é o diálogo e como a polarização o afeta. Porém, antes, é importante entender como a disseminação de *fake news*, isto é, notícias falsas, manipuladas ou forjadas contribuíram para o agravamento da polarização e da perda de legitimidade dos meios de comunicação.

### 3.3 FAKE NEWS E O FENÔMENO DA POLARIZAÇÃO POLÍTICA

Em 2018, nas eleições, pode-se notar um árduo embate nas redes sociais, através do compartilhamento de *fake news*<sup>25</sup> envolvendo os partidos do PT e do PSL, principalmente, em grupos do *WhatsApp*. Entre as notícias falsas mais memoráveis que envolviam o Partido dos Trabalhadores (PT), pode-se citar a entrega do Kit Gay nas escolas. Esse foi apresentado em circulação nas redes de trocas de mensagens como um livro destinado aos alunos de séries iniciais da rede pública de ensino. Essa notícia falsa era relacionada ao mandato de Haddad enquanto Ministro da Educação. Bolsonaro, em entrevista na Rede Globo, chegou a levar o livro denominado “Aparelho reprodutor e Cia”, da editora Companhia das Letras, e apresentá-lo na emissora. Além disso, a candidata à vice-presidência pelo PT, Manuela D’Ávila, também foi alvo de *fake news* ao veicularem uma imagem editada, na qual estaria usando uma camiseta com a frase “Jesus é travesti”, que posteriormente foi comprovada sua farsa pela postagem da fotografia original na conta pessoal da deputada.

Por outro lado, pode-se observar também *fake news* contrárias ao Partido Social Liberal (PSL) como a imagem em que o filho do presidente, Flávio Bolsonaro, estaria vestindo uma camiseta com a frase “Movimento nordestinos voltem pra casa. O Rio não é

---

<sup>25</sup> O termo *fake news* provém de *false news* conceito usado no início do século XX para representar notícias falsas difundidas pelos veículos de comunicação tradicionais, televisão, jornal, rádio. Atualmente, na era digital, o conceito ampliou-se, adquirindo um novo sentido ao não expressar somente a transmissão de informações falsas criadas pelos meios de comunicação de massa, mas por toda mensagem inventada, manipulada ou omitida compartilhada por qualquer pessoa (TEIXEIRA, 2018).

lugar pra jegue”. Sendo, em seguida, descoberta a manipulação da imagem que havia sido tirada em 2016, quando Flávio foi candidato a prefeito do Rio de Janeiro. Também houve postagens veiculadas no Facebook, atestando que o atentado sofrido por Jair Bolsonaro, em uma viagem à cidade Juiz de Fora (MG), teria sido forjado. Ainda sobre o atentado, foram compartilhadas fotografias editadas, contendo o autor do crime em manifestações nas quais o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva se fazia presente, numa tentativa de relacionar a autoria do crime ao PT.

Diversas foram as notícias forjadas compartilhadas nas redes sociais Facebook, Twitter e, sobretudo, no WhatsApp. Algumas delas reforçadas até mesmo pelo presidente em suas contas pessoais. No WhatsApp, foi onde ocorreu a maior circulação dessas informações falsas, já que essa rede não possuía, até então, nenhum sistema de verificação da autenticidade e da validade das informações. A popularidade do WhatsApp contribuiu para que mais brasileiros tivessem acesso a esse tipo de conteúdo. Segundo dados de uma pesquisa realizada, em 2017, pelo Datafolha, o aplicativo era o preferido por 89% da população, sendo o mais utilizado por aqueles que possuíam celulares e smartphones, superando o Facebook e o YouTube. Somente após as polêmicas em torno das *fake news* ganharem proporção não só no Brasil, o WhatsApp limitou o encaminhamento de mensagens para, no máximo, cinco contatos, numa tentativa de frear a disseminação de informações falsas.

Em uma pesquisa realizada pelo AVAAZ (2018), a respeito da percepção das *fake news* durante o período eleitoral, 74% da amostragem já tinham ouvido que Haddad era o responsável por implementar o Kit Gay nas escolas, sendo que 56% acreditavam que a matéria era baseada em fatos reais. Já a respeito da notícia forjada de que as urnas eletrônicas teriam sido fraudadas, 86% já tinham ouvido falar dessa história, sendo que 53% acreditavam que a notícia era baseada em fatos reais. Sobre notícias reais, 72% tinham ciência das acusações contra Fernando Haddad sobre corrupção, lavagem de dinheiro e formação de quadrilha, enquanto que 75% tinham ouvido falar que Bolsonaro havia espalhado *fake news* no WhatsApp, utilizando doações ilegais na campanha, configurando, assim, crime de Caixa 2. A respeito das acusações de Haddad, 69% da amostragem acreditavam ser verdadeira essa informação, enquanto que apenas 50% acreditavam na informação de que Bolsonaro havia sido responsável pela propagação de mensagens falsas contra o adversário.

A disseminação de *fake news*, portanto, corrobora para tornar a imagem do partido

adversário nociva, ao mesmo tempo que agrava o sentimento de polarização entre o eleitorado. Como visto anteriormente, a imagem de que um partido é perigoso para a sociedade pode levar líderes autoritários a tomarem medidas antidemocráticas, sustentados que assim estão fazendo o bem para o povo. A propagação de notícias falsas contribui para o enfraquecimento da legitimidade dos veículos de comunicação e promove um “ataque à imprensa”. A verdade é um dos pilares da democracia (KAKUTANI, 2018); no entanto, esse pilar está sob forte ataque, colocando em risco o sistema democrático.

Por fim, a seguir, partir-se-á para a última parte deste capítulo. Explorar-se-á o que é o diálogo e como a polarização o afeta.

### 3.4 COMO A POLARIZAÇÃO AFETA O DIÁLOGO?

Através da leitura deste capítulo, pode-se perceber que a polarização política afeta diretamente o estabelecimento de processos dialogais. Mas o que é diálogo? O diálogo é definido, segundo o dicionário Houaiss (2008, p.248), como a “(1) troca de opiniões, comentários, etc, alternando papéis de falante e ouvinte; (2) procurar entendimento, acordo (com)”. Ou seja, o diálogo é feito entre duas pessoas ou mais que possuam opiniões diferentes. Ora, se duas pessoas compartilham da mesma opinião, não estaria havendo uma troca, portanto, não estariam dialogando.

Do mesmo modo, é necessário que os indivíduos estejam abertos a ouvir os comentários do outro e não permaneçam o tempo todo “falando”. É crucial que haja alternância entre momentos de fala e momentos de ouvinte para que a ação se caracterize como diálogo. Por fim, os dois indivíduos podem chegar a um consenso, no qual haveria uma barganha cognitiva. No entanto, como se viu anteriormente, os indivíduos tendem a se afastar daquilo que seja diferente das suas concepções, posto que sempre buscam uma consonância cognitiva. Portanto, se afastam de pessoas que não possuam posições semelhantes a eles, do mesmo modo que não procuram ler jornais, livros e revistas que tragam uma posição divergente da sua.

No fenômeno da polarização, viu-se inicialmente que a temática da polarização era tratada como a disputa bipartidária entre os partidos do PT e do PSDB, que depois agravou-se para uma disputa na qual os adversários não são mais vistos como competidores, mas sim como inimigos. As falas de Bolsonaro acerca da ilegitimidade do Partido dos Trabalhadores e as acusações contra a ex-presidenta Dilma e o ex-presidente Lula ilustram

de forma promissora a perda da tolerância mútua que se tinha até então nas disputas eleitorais. A tolerância mútua que permitia minimamente o reconhecimento do partido alheio como um competidor, no jogo político, que tinha chances reais de ser eleito e até mesmo governar. A polarização extremada, tal como se viu tomando força nesse último período eleitoral (2018), dividiu o eleitorado entre dois polos que possuem pautas divergentes, vistas como excludentes e imiscíveis. A comunicação se torna um espaço não mais de articulação, mas do reconhecimento dessas diferenças (BRAGA, 2019). O único esforço realizado, portanto, é feito para se diferenciar do opositor, o inimigo.

Na polarização, entende-se que o polo oposto, o partido opositor, não é só mais um partido, mas um inimigo. O adversário, então, precisa ser construído recorrentemente (BRAGA, 2019). Um indivíduo pode pensar que seu adversário é aquele que usa camiseta vermelha ou aquele que usa camiseta da seleção verde e amarela. O sujeito imagina que o adversário seja o tio *bolsominion* a favor da liberação da posse de arma ou um jovem militante *petralha* a favor do aborto. O outro é reduzido, na sua complexidade, a características específicas que o classificam a um grupo ou ao outro. Essas características tornam-se demarcadores, já que são carregadas de valor simbólico. Assim, tem-se na mente a imagem de contra quem se está lutando ou contra quem estamos lutando (BRAGA, 2019). Se um indivíduo aparenta solidariedade com o partido inimigo, este é expurgado do grupo. As redes sociais tais como Facebook e Whatsapp, que foram recorrentemente utilizadas para a articulação dessas forças, permitiram que essas “expulsões” ocorressem de forma natural e automática.

Isto é, a tentativa para se estabelecer um diálogo nem chega a ser uma tentativa, já que é mais fácil excluir aquele indivíduo da lista de contatos ou deixar de segui-lo nas redes. “Mundinhos que giram em torno dessa voz centralizada expurgando toda voz que traga a menor possibilidade de desacordo.” (BRAGA, 2019, s.p). Essa voz centralizada ressoa através de discursos que tratam das mesmas opiniões acerca de pautas recorrentes. Então, qualquer indivíduo pertencente a esses grupos que profira uma opinião que os contraria é rapidamente excluído. Não há um empenho para se trabalhar a articulação das diferenças, que aceite a pluralidade (BRAGA, 2019). A polarização, contudo, não é a origem dos problemas de articulação de um diálogo, mas através dela há um agravamento dessa problemática.

Desse modo, a seguir ver-se-á como se dá a circulação de discurso em uma página de um movimento social ecumênico, buscando perceber quais sentidos adquirem esses discursos em uma ambiência de polarização política.

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Partir-se-á, então, neste capítulo, para a análise das publicações selecionadas da página “Cristãos contra o fascismo” no Facebook. Para isso, foi necessário dividir esta seção em três partes, sendo que a primeira aborda o percurso metodológico que será empregado para a análise. Na segunda parte, explicitou-se o movimento “Cristãos contra o fascismo” e o seu contexto de produção. Por fim, na terceira parte, realizou-se a seção analítica.

Utilizar-se-á a metodologia da circulação a fim de alcançar o objetivo geral que visa compreender como circulam os discursos religiosos na página de um movimento social ecumênico e quais sentidos adquirem em um ambiente de polarização política.

Da mesma forma, para compreender o percurso metodológico empregado no objetivo geral, no qual se procura entender como circulam esses discursos e quais sentidos adquirem, fez-se necessário entender a mediação e a circulação pelas contribuições dos autores José Luiz Braga (2006, 2012, 2018) e Antonio Fausto Neto (2010).

### 4.1 A MEDIATIZAÇÃO E A CIRCULAÇÃO DOS DISCURSOS

Ao estudar a mediação, percebe-se a divergência de concepções entre os autores acerca desse conceito, o que torna o debate ainda mais acentuado. Para compreender, então, o uso que se faria desse termo no presente estudo, optou-se por buscar, através das contribuições de José Luiz Braga e Antonio Fausto Neto, aquelas que seriam norteadoras do trabalho. A teoria da mediação, então, pode ser definida como processo, mas também como o modo que a sociedade se organiza segundo lógicas mediadas. Essa tese se apresenta como um progresso aos estudos da “sociedade dos meios”, na qual havia uma definição firmada entre emissor e receptor.

Esses papéis representavam funções dicotômicas, nas quais o emissor era responsável por produzir e emitir uma mensagem, enquanto que ao receptor apenas cabia receber a mensagem. Desse modo, o receptor era visto como sujeito passivo incapaz de reagir às afirmações do emissor, interpretando a mensagem segundo as suas intenções. Ele poderia ser, segundo essa interpretação, facilmente moldado. Não haveria, portanto, outras variantes que afetariam a interpretação, fazendo com que destoasse do seu sentido original. Quando se passa a ter a percepção de que o receptor é um sujeito ativo e não passivo, como

era o que antes se denominava, entende-se que esse indivíduo é constantemente atravessado de outras interferências que complexificam esse processo comunicacional. “A recepção *existe e age*” (FAUSTO, 2010, p.57, grifo do autor).

Com a ascensão da internet, observou-se que, cada vez mais, a linha que separava emissor de receptor tornava-se turva. Se na sociedade dos meios essa separação era feita entre produtores e receptores, na era digital a facilitação ao acesso de dispositivos eletrônicos, como celulares *smarthphones*, *notebooks*, *tablets*, permitiu ainda mais que os indivíduos tivessem acesso a formas de produção, mas também a ferramentas de edição, remixagem e redistribuição de conteúdo. A noção de comunicação como processo linear também se alterou graças a essas novas dinâmicas de interação. Isso possibilitou, desse modo, construções de novos vínculos entre produção e recepção, fazendo com que esses papéis fossem ressignificados (FAUSTO NETO, 2010, p.10).

Duas condições, então, foram fundamentais para o desenvolvimento da midiaticização, (a) a popularização de dispositivos tecnológicos que favoreceram a participação da população nos processos de produção, (b) o processo social decorrido de críticas sociais, reivindicações pela regulamentação dos veículos da indústria, ações sociais organizadas que visavam se inserir em espaços de produção, acionamento de críticas intencionais das mediações culturais e apropriações das interpretações desviantes da esfera da produção (BRAGA, 2012). Tal movimento social possibilitou a inserção dos indivíduos em “processos antes restritos à indústria cultural” (BRAGA, 2012, p.34).

A midiaticização, no entanto, não se resume à popularização desses aparatos tecnológicos como se esses fossem a explicação para as novas formas de interação e organização social. Foram as necessidades sentidas pelos indivíduos na sociedade pré-midiaticização que proporcionaram o uso das tecnologias para realizar novos modos de interações sociais. O elemento social é, portanto, tão fundamental quanto o tecnológico. O fenômeno da midiaticização pode ser expresso, desse modo, como um “conjunto de reformulações sócio-tecnológicas de passagem de processos mediáticos à condição de processualidade interacional de referência” (BRAGA, 2006, p. 9).

De acordo com Braga, a midiaticização pode ser definida como um processo interacional de referência que pode ser dividido em duas categorias: os processos interacionais de referência e os demais processos interacionais secundários (BRAGA, 2006). Os processos de referências, como se pode presumir, servem como modelos para os demais processos interacionais, os quais acabam se submetendo às suas lógicas. Ao



contrário do que se pode pensar, os demais processos interacionais não desaparecem, apenas são englobados pelos processos de referência e passam a operar de acordo com eles. Esse tipo de processo, para o autor (BRAGA, 2006), é fundamental para organização, funcionamento e estruturação social.

A fim de exemplificar esse fenômeno, pode-se citar a relação entre a cultura oral e a escrita. Na Europa, durante a ascensão da burguesia, foi possível constatar o uso da escrita como forma central, configurando, assim, um processo de referência para outras formas de interação. Desse modo, naquele período, a oralidade era entendida como “elemento complementar a serviço de processos e lógicas da escrita” (BRAGA, 2006, p.12). Foi apenas no século XX que esse cenário começou a mudar, após uma série de acontecimentos, na qual houve uma transformação do processo de referência para uma mediação de base tecnológica. Assim como os demais processos interacionais de segunda ordem, a midiatização surgiu por meio da necessidade do processo interacional de maior referência: a escrita. Portanto, alguns atos do processo midiático advieram de necessidades da sociedade pré-midiática como:

[...] maior abrangência de envolvimento, geográfica e populacional; maior rapidez nas comunicações; maior permanência das mensagens (registro); maior diversidade de captura, objetivação, transformação, transmissão e circulação de tipos de informações e comportamentos – possibilitando usá-los diretamente em interações sociais (v.g. sons, imagens, gestos, ambientes,...); busca de adesão mais direta e mais rápida a proposições dominantes (hegemonia); ampliação de consumo; maior agilidade e rapidez na captação de informações e de comportamentos sociais. (BRAGA, 2006, p.15)

Ou seja, a midiatização não originou certos anseios, mas deu sentido a necessidades que já existiam. Nesse sentido, Braga afirma que “[...] a midiatização aparece como processo social gerador de tecnologia” (2006, p.15) e não ao contrário como se está habituado a ouvir.

Dentre essas características citadas por Braga (2006), as que são rapidamente associadas à midiatização são a ampliação do alcance das informações, da duração - uma vez que estão inseridos em um espaço que não se deteriora -, maior abrangência de participantes - que antes estavam restritos geograficamente -, além da rapidez de circulação de materiais na web, fazendo com que o tempo e espaço diminua.

Outra particularidade associada ao processo de midiatização é a grande quantidade de conteúdos disponibilizados nas plataformas digitais, configurando assim um amplo acervo de dados. Devido a dimensão desse “acervo”, foram necessários esforços para sistematizá-lo, organizá-lo e classificar as informações contidas nele. Essa disponibilidade

de materiais facilitou, de certa forma, o acesso a conteúdos que antes estavam restritos geograficamente, ampliando, assim, seu alcance.

Esses conteúdos, por sua vez, devem estar facilmente à disposição e ao encontro dos internautas, tornando-se capaz de “recuperar informações objetivadas” (BRAGA, 2006, p. 20). A ampla disponibilidade desses materiais fez com que fosse necessário a criação de “bibliotecas”, bancos de dados, acervos - espaços nos quais esses conteúdos pudessem ser catalogados. Com o acesso facilitado a conteúdos diferentes, o modo com que os indivíduos participantes da sociedade interagem entre si e de como eles se relacionam com o acervo foi modificado. Em outras palavras: “Interagir em sociedade passa, crescentemente, a ser tratado ao modo de interações com o acervo dinâmico da rede informatizada e ao modo de referências a esse acervo.” (BRAGA, 2006, p.20).

Por outro lado, a abundância de informações disponível na internet proporcionou que essas fossem facilmente retiradas do seu contexto inicial, modificando o sentido original do conteúdo. Durante o período eleitoral, tiveram diversas notícias contendo afirmações e declarações de presidenciáveis veiculadas fora de contexto. A exemplo disso, pode se citar o vídeo<sup>26</sup> publicado por Carlos Bolsonaro (PSL-RJ), filho do atual presidente, em suas contas pessoais do Facebook e Twitter, no qual Fernando Haddad afirmava que o ex-presidente Lula voltaria ao cargo e subiria a rampa do Planalto. O material se tratava de uma fala real de Haddad; no entanto, fora feito antes da prisão preventiva de Lula e se encontrava descontextualizado, podendo levar os eleitores a interpretações equivocadas. Após decisão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Carlos Bolsonaro teve o vídeo retirado de seus perfis em ambas as redes sociais.

A midiática altera inclusive as formas da justiça lidar com esses novos tipos de crimes digitais que antes não eram tipificados como delitos. A Lei Brasileira 12.737/2012 ou, como ficou conhecida, Lei Carolina Dieckmann<sup>27</sup>, por exemplo, sancionada em 30 de novembro de 2012, durante o governo da ex-presidenta Dilma Rousseff, na qual foi realizada uma alteração do Código Penal devido a uma necessidade latente de delimitar o que é legal e o que é crime no ambiente virtual. A lei ganhou o nome da atriz após hackers invadirem a caixa de e-mails de Carolina Dieckmann e violarem dados particulares. É

---

<sup>26</sup> DE SOUZA, A. **TSE determina remoção de notícias falsas contra Haddad e Manuela no Facebook**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/tse-determina-remocao-de-noticias-falsas-contrahaddad-manuela-no-facebook-23157702>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

<sup>27</sup> G1. **Lei 'Carolina Dieckmann', que pune invasão de PCs, entra em vigor**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/04/lei-carolina-dieckmann-que-pune-invasao-de-pcs-passa-valer-amanha.html>>. Acesso em: 18 nov. 2019.

possível inferir, desse modo, que a midiatização é um fenômeno recente que atravessa outros campos sociais como, nesse caso, o judiciário.

Outra marca da midiatização são os chamados processos diferidos ou difusos, isto é, atualmente na era moderna, há uma gama de possibilidades de formas de se transmitir informações, por meio de imagens e/ou sons, objetos e situações (BRAGA, 2006). Como exemplo disso, pode se observar facilmente a variedade de formatos que circulam na web, tais como: audiovisuais, animações, audiobooks, podcasts, entre outros. Isso mudou a forma com que se interage socialmente, já que antes a interação se encontrava por meio da linguagem verbal, agora ocorre por meio de materiais de diferentes formatos. Em suma: “Assim, quando antes se construía a realidade através de interações sociais baseadas essencialmente na expressão verbal, é possível hoje objetivar e fazer circular imagens (referenciais ou imaginárias), sons e, particularmente, ‘experiência’.” (BRAGA, 2006 p. 19).

A internet e as redes sociais, principalmente, viabilizaram/aceleraram a interação difusa (BRAGA, 2006). Isto é, diferentemente de uma comunicação ponto-a-ponto, em que os agentes envolvidos no processo comunicacional têm como objetivo responder - dar retorno - ao que foi dito pelo outro sujeito, na comunicação difusa os sujeitos respondem uns aos outros visando a “*repercussão - redirecionamento- circulação de reações para âmbitos diferidos e difusos*” (BRAGA, 2006, p. 22, grifo do autor).

Outra característica imputada ao fenômeno da midiatização é a mudança ocorrida na compreensão do processo de circulação. Antes, os estudos dos meios compreendiam a circulação com esse espaço entre o emissor e o receptor e se empenhavam em verificar a coerência entre a mensagem transmitida e a interpretação da mensagem recebida. Quando se muda a noção de receptor passivo para receptor ativo, a percepção da circulação também se transforma, já que se entende agora que o receptor pode interpretar a mensagem de outra forma, isto é, se desviando do seu sentido original. A circulação, então, vai buscar este “espaço de reconhecimento e dos desvios produzidos pela apropriação (BRAGA, 2012, p. 38)”. Ou seja, a circulação passa a ser entendida, então, como o espaço do reconhecimento das diferenças entre a percepção da mensagem do emissor e a interpretação dada pelo receptor.

Através da dinâmica de interação presente nas redes sociais como Facebook, fica evidente a circulação por meio de comentários, reações, compartilhamentos, edições, paródias, etc. A circulação possibilitou que os “receptores” acrescentassem e destacassem

as suas impressões e reações ao conteúdo, criando o que Braga (2006, p.39) chama de um “fluxo adiante”. Esse fluxo pode ocorrer de variadas formas, podendo ser (a) “a reposição do próprio produto para outros usuários (modificado ou não)”; (b) a elaboração de comentários que podem gerar ou não novos produtos; (c) a retomada de ideia para gerar outros produtos (em sintonia ou contraposição); (d) incentivo a discussões, análises, críticas, além de outras formas.

#### 4.2 O MOVIMENTO “CRISTÃOS CONTRA O FASCISMO” E O CONTEXTO DE PRODUÇÃO

O movimento “Cristãos contra o fascismo” teve origem por meio da criação da página de mesmo nome, em 2018, durante o período eleitoral. Seu idealizador, Tiago Santos, nasceu em Porto Alegre (RS), é publicitário e bacharel em teologia pela Escola Superior de Teologia (EST), além de ser sócio fundador e diretor executivo da empresa “Abrigo, comunidade cristã ecumênica”. Tiago frequentou o Seminário Batismo do Rio Grande do Sul e atuou como teólogo na Igreja Batista Passo D'Areia (Porto Alegre-RS). Além de sua atuação como teólogo, Tiago está vinculado à criação do Libertas<sup>28</sup> – Rede de Igrejas Libertárias – projeto oriundo do “Cristãos contra o fascismo”.

Através da análise da página, pode-se perceber como uma das primeiras postagens que ganharam notoriedade dentro da circulação da rede social foi o audiovisual divulgado por meio do veículo comunicacional de comunicação alternativa, Mídia Ninja. No vídeo, aparecem cristãos de diferentes regiões e denominações religiosas do país, falando uma adaptação da oração de São Francisco de Assis<sup>29</sup>. Essa nova interpretação da oração rememorava temáticas e propostas recorrentes nas falas de Jair Bolsonaro, tais como o porte de armas, a pena de morte, o discurso de ódio, o preconceito contra a mulher, a

<sup>28</sup> ESQUERDAVIRTUAL. **Uma alternativa para os cristãos progressistas desigrejados**. Disponível em: <<https://www.esquerdavirtual.com/noticia/308/uma-alternativa-para-os-cristaos-progressistas-desigrejados>>. Acesso em: 01 jul 2019.

<sup>29</sup> Senhor, faça de mim, um instrumento da vossa paz. Onde houver pena de morte que eu leve a conversão e restauração. Onde houver a tortura, que eu leve a dignidade da vida humana. Onde houver ditadura e totalitarismo, que eu leve o livre arbítrio e a democracia. Onde houver a discriminação que eu leve o acolhimento aos sofredores e excluídos. Onde houver discurso de ódio que eu leve a misericórdia e a caridade. Onde houver preconceito contra as mulheres que eu leve o respeito e o amor. Onde houver culto às armas, que eu leve a promoção da paz. Onde houver esterilização de pessoas pobres que eu leve a defesa das famílias e da vida. Onde houver xenofobia e repulsa aos refugiados que eu leve a acolhida aos estrangeiros. Ó mestre, faça com que eu procure mais perdoar do que ser vingativo. Pacificar do que ser violento. Amar do que ser preconceituosa. É promovendo direitos que se têm direitos e é somente na fraternidade que se constrói a democracia. Nessas eleições não votem em candidatos que estimulem o ódio e a violência. Amém. (FACEBOOK, s.p)

xenofobia, a repulsa aos refugiados, a apologia à tortura, a ditadura, entre outros.

Figura 6 - Frame retirado do audiovisual produzido pelo movimento “Cristãos contra o fascismo” e o Mídia Ninja



Fonte: Página do Facebook “Mídia Ninja” (2018)

Concomitantemente ao lançamento do vídeo, foi divulgada uma carta-manifesto do movimento direcionada ao povo brasileiro, juntamente com uma petição que recebeu 1.084 assinaturas. Por meio dessa carta, o “Cristãos contra o fascismo” se posicionou como um movimento cristão contra a candidatura de Bolsonaro e aos discursos que incitam a violência, que fazem apologia a formas de repreensão e tortura, bem como opressões contra grupos sociais minoritários. Através do manifesto, o grupo declarou-se contra o retorno das ideologias fascistas e totalitaristas e a manipulação da fé, a fim de alcançar objetivos individuais de líderes políticos. Ademais, a carta ressaltou que a população deva se atentar para os discursos e candidaturas políticas que utilizam de reivindicações e inquietações da população para promover exaltação de líderes políticos como figuras messiânicas. Assim sendo, o “Cristãos contra o fascismo” salientou a importância dos valores do Evangelho pautados pela promoção à vida, aos direitos humanos, ao respeito e à tolerância.

A criação da página também foi marcada por outra publicação, comentada anteriormente, que auxiliou na notoriedade e na ampliação de seus valores dentro da rede. Essa campanha denominada “A fé cristã” era formada por uma série de imagens que continham afirmações como “Minha fé combina com amor o próximo”, “Minha fé combina

com feminismo” e negações do tipo “Minha fé não combina com LGBTfobia”, “Minha fé não combina com machismo”, “Minha fé não combina com racismo”, “Minha fé não combina com xenofobia” e assim por diante. A publicação tinha o intuito de salientar que a fé está relacionada com valores como o amor, o respeito, a tolerância, e não com formas de opressão e discriminação.

Ademais, a postagem caracteriza-se como um contraponto ao conservadorismo religioso e ao fundamentalismo evangélico, que ganhou notoriedade pelas posturas conservadoras no cenário político brasileiro. A publicação ganhou maior repercussão quando compartilhada pela página “Quebrando Tabu”, conhecida por abordar temáticas referentes ao feminismo, ao racismo e à lgbtfobia. Com o compartilhamento, a publicação recebeu ao todo 30 mil reações, sendo 22 mil curtidas, 8,5 mil “amei” e 163 “haha”. Já os compartilhamentos foram de 1,4 mil e 19 mil compartilhamentos.

Figura 7 - Compartilhamento da campanha “A fé cristã” pela página “Quebrando Tabu”



Fonte: Página do Facebook “Quebrando Tabu” (2018).

Dentre os projetos realizados pelo movimento, encontra-se o “Libertas – Rede de

Igrejas libertárias”, criado em março de 2019, que dá subsídios à formação de pequenas congregações cristãs progressistas/libertárias que discutam, por meio de estudos bíblicos, pautas de grupos sociais, tais como machismo, racismo, xenofobia, lgbtfobia, temáticas, que não são contempladas nos tradicionais ambientes religiosos. Assim, a proposta contemplava pessoas que acabaram saindo de suas igrejas por se sentirem inconformadas com a posição de seus líderes religiosos, além de agregar aqueles que não concordavam com a posição conservadora e opressora do meio evangélico. O Libertas surge, então, “em oposição ao modelo de igreja opressora, exploradora da fé e espoliadora da classe trabalhadora” (FACEBOOK, 2019, s.p.), proporcionando uma comunidade cristã alternativa. Em suma, a missão do projeto é descrita através dos itens:

1. Promover uma fé e uma postura cristã autocríticas.
2. Comunicar a realidade de quem é Jesus e demonstrar o seu amor através do resgate da dignidade e na luta pelos direitos humanos.
3. Compromisso inflexível com os mais pobres e as minorias.
4. Denunciar como o modelo hegemônico de igreja está afastado dos ensinamentos de Cristo.
5. Trabalhar para que outros cristãos e cristãs possam iniciar em suas cidades novos modelos de igrejas libertárias.
6. Instrumentalizar essas novas comunidades para que possam assumir a responsabilidade social e política da igreja em sua região.
7. Compromisso com a simplicidade, a linguagem popular e a cultura local. (FACEBOOK, 2019, s.p.).

A rede Libertas, em 2019, se encontra em todos os estados da região sul (Porto Alegre - RS, Joinville - SC, Mandirituba - PR, Curitiba - PR), em alguns da região sudeste (Cafelândia - SP, Marília - SP, São Paulo - SP, Rio de Janeiro - RJ) e em cidades espalhadas pelo Brasil (Belo Horizonte - MG, Dourados - MS, Campo Grande - MS, Rondônia, Bacabal - MA, Alagoa Nova - PB, Ilhéus - BH, Salvador - BH).

Através de uma análise inicial, foi possível observar que, em um primeiro momento, pré-eleição de Bolsonaro, a página propunha aos seus seguidores dialogarem com os opositores; no entanto, com o intuito de fazê-los mudar o seu voto. Contudo, embora incentivassem que os adeptos do movimento dialogassem, os administradores da página não se preocupavam em responder aos comentários de opositores em suas postagens, esse não participa da processualidade da interação. Na maioria das vezes, quem respondia e tentava dialogar com os indivíduos que se manifestavam contra as postagens da página eram os simpatizantes do movimento. Já em um segundo momento, quando Jair Bolsonaro foi eleito como presidente, o “Cristãos contra o fascismo” fez um movimento de se fechar para o diálogo com os simpatizantes de Bolsonaro.

Como parte desse primeiro momento, destaca-se uma postagem pertencente à campanha chamada “Vamos iluminar o Brasil: 40 dias de oração e serviço”, que tinha como objetivo provocar reflexões sobre a relação entre a fé e temas sociais e políticos atuais. A cada dia, eram publicadas imagens contendo orações e práticas diárias para exercitar o que se falava em cada lição e, assim, “iluminar” o Brasil. A lição do 12º dia continha o título “Maturidade nos relacionamentos”, cuja autoria pertence à Bianca Ramires.

O Desafio do dia<sup>30</sup>, então, propõe que os leitores exercitem a empatia com os outros, mas, sobretudo, com aquele “outro” que pensa diferente e propõe que os usuários ajudem tais pessoas, já que recorrentemente tende-se a distanciar-se daquele que possui opinião divergente, fazendo com que não haja diálogo, mas também se abstraindo de prestar auxílio a esses indivíduos. Percebe-se que o desafio trata-se da dificuldade de estabelecer um diálogo com pessoas de opiniões políticas opostas.

Figura 8 - 12ª lição da campanha “Vamos iluminar o Brasil: 40 dias de oração e serviço”



Fonte: Página do Facebook “Cristãos contra o fascismo” (2018).

Outras publicações da página que remetem a esse primeiro movimento de

<sup>30</sup> Oração: Que Deus nos amadureça a ponto de estarmos **preocupados uns com os outros, independente de quem o outro seja, de como pensa, de como age**. Que o sentimento de justiça pautada pelo amor, que reside no Criador, esteja sendo desenvolvido em nós nesses dias maus. Desafio do dia: Aproveite o dia para oferecer ajuda sincera para alguém cujas **práticas, opiniões, pensamentos e posturas sejam contrárias às suas**. Lembre-se que o compromisso de ser luz e exercer humildade sempre será daquele que julga-se saber mais. (RAMIRES, 2018, s.p., grifo nosso).



aproximação é uma das primeiras séries de imagens produzidas pelo movimento, a qual denomina-se “Ainda dá tempo de mudar”. Postada em 16 de outubro de 2018, após o ex-líder da Ku Klux Klan afirmar que existem semelhanças entre Bolsonaro e o grupo<sup>31</sup>, a série de *posts* continha imagens de indivíduos da Ku Klux Klan e questionava se o eleitor do Bolsonaro se identificava também com a seita, numa tentativa de convencê-los a refletir sobre o seu voto. A primeira imagem dessa série continha a sentença “Bolsonaro é como nós: Bolsonaro recebe elogios de David Luke, líder da Ku Klux Klan. E você se parece com eles?”. Já a segunda imagem dizia: “Seita racista diz que se identifica com as ideias de Bolsonaro. Você, eleitor do Bolsonaro, quando foi que começou a se identificar com as ideias da seita racista Ku Klux Klan? Ainda dá tempo de mudar!”.

Figura 9 - Post da campanha “Ainda dá tempo de mudar”



**KU KLUX KLAN  
SE IDENTIFICA COM BOLSONARO.**

**VOCÊ  
SE IDENTIFICA COM BOLSONARO.**

**QUANDO FOI QUE VOCÊ E A KU KLUX KLAN  
SE TORNARAM TÃO PARECIDAS?  
AINDA DÁ TEMPO DE MUDAR!**

**BBC** Fonte Portal de Notícias BBC: <https://goo.gl/BDHKYr>

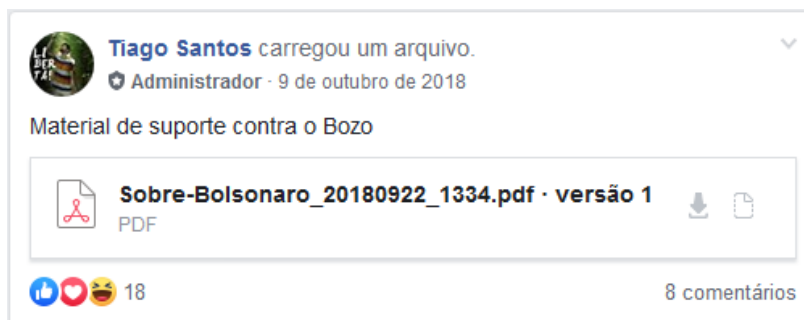
Fonte: Página do Facebook “Cristãos contra o fascismo” (2018).

Percebe-se que, da mesma forma que o movimento incentivava o diálogo na busca de uma mudança no cenário eleitoral, através de publicações na página, no grupo eram postados materiais que auxiliavam os participantes a convencer os bolsonaristas do despreparo de Jair ou que desmentisse *fake news* que o presidente propagava durante o

<sup>31</sup> SENRA, R. 'Ele soa como nós': David Duke, ex-líder da Ku Klux Klan, elogia Bolsonaro, mas critica proximidade com Israel. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45874344>>. Acesso em: 01 jul.2019.

período eleitoral. Um desses documentos era o “Sobre Bolsonaro - Um guia para o esclarecimento político sem *fake news*”, postado pelo idealizador do movimento, Tiago Santos.

Figura 10 - Postagem de Tiago Santos no grupo “Cristãos contra o fascismo”.



Fonte: Grupo do Facebook “Cristãos contra o fascismo” (2018).

Já no segundo momento, que tem como marco principal a vitória de Bolsonaro no segundo turno das eleições em 2018, há um afastamento entre o movimento e apoiadores do presidente. Percebe-se, por meio de uma análise da página, a mudança nas publicações que antes instigavam os eleitores a refletirem sobre o seu voto para postagens que utilizam de sentenças como “Eu avisei”, “Bolsonaro te enganou babaca”, “Essa culpa eu não carrego”.

Figura 11 - Postagem “Aceita que o Bolsonaro te enganou Babaca”.



Fonte: Página do Facebook “Cristãos contra o fascismo” (2019).

Em uma dessas publicações, realizada em 18 de fevereiro de 2019, é possível observar o comentário de uma seguidora que criticou a atitude da página, afirmando que tal tipo de postagem não tem efetividade e nem auxilia em “furar a bolha”, isto é, sair do meio que possui posições iguais para entrar em um espaço de diálogo com pessoas de posições políticas distintas.

Percebe-se, então, que a página adota um posicionamento de um lado desse cenário polarizado. Logo, ela nunca esteve em uma posição que se localiza entre esses dois pólos. A própria escolha do nome do movimento “Cristãos contra o fascismo” demonstra isso. Por um lado, o nome não representa somente uma oposição à figura de Jair Bolsonaro, do contrário se chamaria “Cristãos contra o Bolsonaro”; porém, inclui esse dentro da sua percepção do que seria o fascismo, mas compreende que o fascismo não pode ser resumido à figura do presidente, posto que abrange uma série de atitudes totalitárias, repreensivas e

intolerantes. Isto não significa, no entanto, que o movimento não pudesse dialogar com os opositores, até porque a dinâmica das redes sociais possibilita que pessoas de posicionamentos destoantes entrem em contato, mas que seus empenhos como página que articula ações em uma rede social não visavam a romper estruturas polarizadas.

Contudo, dentro do que se compreende por circulação aparece como uma potencialidade à articulação de diálogo entre os seguidores da página e os que apoiam, em certa medida, as atitudes do novo governo por meio dos comentários, demonstrando possibilidade para o rompimento de estruturas polarizadas. Portanto, percebe-se que a motivação que deu início a esse trabalho como uma hipótese teórica não veio a ser comprovada como correta em sua totalidade, uma vez que se via as estratégias discursivas da página como uma forma de incentivar o diálogo e, logo, acabar com a polarização. Essa proposição inicial entendia que a página tinha essa finalidade, “acabar com a polarização”, como objetivo a ser alcançado. No entanto, como a página se posiciona contra o fascismo, ela adota um dos lados da polarização, reforçando, em certa medida, a polarização, quando se distancia e se afasta do outro polo.

Tendo em vista isso, foi necessário reformular o foco dado ao presente trabalho, visto que a proposição inicial fora rejeitada. Por meio da análise da página e da circulação das postagens da mesma, verificou-se que as discussões presentes através dos comentários ativavam elementos religiosos para se obter um diálogo em meio à conjuntura política atual. Definiu-se, então, que se iria investigar como ocorre a circulação de discursos religiosos através dos comentários das publicações feitos pelos seguidores da página como formas de articular um diálogo em meio a esse ambiente polarizado.

A página possui 15.793 curtidas<sup>32</sup>, 16.052 seguidores, sendo que, segundo dados divulgados pelo movimento, 63% dos seguidores da página são mulheres e 37% de homens. Dentre as principais cidades que mais seguem a página, estão Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP), Porto Alegre (RS), Curitiba (PR), Belo Horizonte (MG), Brasília (DF), Fortaleza (CE), Belém (PA), Recife (PE), Manaus (AM). Já os países que mais acessam são Estados Unidos, Portugal, Argentina, Itália, Canadá, França, Espanha, Reino Unido e Angola.

Feita essa contextualização, em seguida, adentrar-se-á na seção de análise dos discursos.

---

<sup>32</sup> Dados do número de curtidas da página e das demais publicações analisadas foram retirados no dia 18 de novembro de 2019.

### 4.3 A CIRCULAÇÃO DE DISCURSOS NA AMBIÊNCIA DE POLARIZAÇÃO POLÍTICA

Para realizar a seleção das postagens, levou-se em consideração os arquivos carregados pelos administradores, encontrados na seção “Fotos”, da página “Cristãos contra o fascismo”, uma vez que, através desse mecanismo, é possível encontrar com mais facilidade publicações mais antigas. Teve-se como critério para a seleção das postagens as publicações que obtiveram mais interações por meio do número de reações, comentários e compartilhamentos. Após uma seleção ampla, selecionou-se aquelas cujas interações através de comentários fossem mais relevantes à análise. Desse modo, optou-se por trabalhar com quatro postagens publicadas respectivamente nas datas (15 de maio de 2019, 13 de março de 2019, 26 de setembro de 2019, 23 de setembro de 2018).

No quadro a seguir, estão relacionadas as quatro postagens selecionadas e as principais informações referentes a cada uma. Nele, constam:

Quadro 1 - Relação das postagens e suas informações.

POSTAGEM (LEGENDA)	DATA	CIRCULAÇÃO	LINK
“Pelo fim da balbúrdia! Todas e todos nas ruas hoje!”.	15 de maio de 2019	<b>Comentários:</b> 54	<a href="https://www.facebook.com/cristaocontraofascismo/posts/2702141453194011">https://www.facebook.com/cristaocontraofascismo/posts/2702141453194011</a>
		<b>Compartilhamentos:</b> 1,3 mil	
		<b>Reações:</b> 1,2 mil, sendo 783 curtidas, 428 “amei”, 15 “uau”, 6 “haha” e 1 “triste”	
“#ChegaDeArmas”	13 de março de 2019	<b>Comentários:</b> 169	<a href="https://www.facebook.com/cristaocontraofascismo/posts/2546683328739825">https://www.facebook.com/cristaocontraofascismo/posts/2546683328739825</a>
		<b>Compartilhamentos:</b> 1,6 mil	
		<b>Reações:</b> 762, sendo 385 “triste”, 320 curtidas, 34 “grr”, 15 “haha”, 5 “uau” e 3 “amei”-.	

Quadro 1 - Relação das postagens e suas informações (continuação).

POSTAGEM (LEGENDA)	DATA	CIRCULAÇÃO	LINK
“Eu queria entender como funciona o raciocínio de alguém que admira Jesus e Bolsonaro ao mesmo tempo...”.	26 de setembro de 2019	<b>Comentários:</b> 138	<a href="https://www.facebook.com/cristaocontraofascismo/posts/3060806760660810">https://www.facebook.com/cristaocontraofascismo/posts/3060806760660810</a>
		<b>Compartilhamentos:</b> 1 mil	
		<b>Reações:</b> 629, sendo 507 curtidas 56 “haha” 43 “triste” 17 “amei” 4 “uau” e 2 “grr”-.	
“O grupo ‘cristãos contra o fascismo’ mostrando o que não combina com a fé deles”.	23 de setembro de 2018	<b>Comentários:</b> 1,4 mil	<a href="https://www.facebook.com/quebrandoofascismo/posts/2138186552904387">https://www.facebook.com/quebrandoofascismo/posts/2138186552904387</a>
		<b>Compartilhamentos:</b> 19 mil	
		<b>Reações:</b> 30 mil, sendo 22 mil curtidas, 8,5 mil “amei”, 163 “haha”, 40 “uau”, 8 “triste”, 6 “grr”.	

Para a captura das imagens foi feito o uso da ferramenta “Captura de tela”. Optou-se por remover os nomes dos usuários envolvidos para se preservar a identidade desses por questões referentes à ética na pesquisa.

#### 4.3.1 Balbúrdia é...

A primeira postagem trata-se do compartilhamento de uma fotografia feita por uma estudante, na qual é possível visualizar alunos em um protesto realizado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), depois de divulgada a informação do contingenciamento de 2 bilhões de reais, reduzindo em 35% o orçamento da instituição. A postagem, publicada em 14 de maio de 2019, teve 54 comentários, 1,3 mil compartilhamentos e 1,2 mil reações, sendo 783 curtidas, 428 “amei”, 15 “uau”, 6 “haha” e 1 “triste” e continha a seguinte descrição: “Pelo fim da balbúrdia! Todas e todos nas ruas hoje!”.



Figura 12 - Postagem “Pelo fim da balbúrdia”



Fonte: Facebook “Cristãos contra o fascismo” (2019).

Na imagem capturada por uma aluna que estava presente na manifestação, é possível ver alunos carregando um cartaz com dizeres feitos à mão:

Balbúrdia é fazer arminha com a mão. Empregar miliciano. Assassinar vereadora, músico e portador de guarda-chuva. Balbúrdia é acabar com a previdência. É fechar a universidade e querer que os outros parem de pensar porque você não concorda. Balbúrdia é ter votado 17 e ainda não ter se arrependido (transcrição do texto presente no cartaz)

No cartaz, a utilização do termo “balbúrdia” faz referência à declaração do atual ministro da educação, Abraham Weintraub<sup>33</sup>, que afirmou que iria cortar recursos das universidades que não apresentassem desempenho acadêmico satisfatório e que estivessem

<sup>33</sup> AGOSTINI, R. **MEC cortará verba de universidade por 'balbúrdia' e já enquadra UnB, UFF e UFBA.** Disponível em: <<https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,mec-cortara-verba-de-universidade-por-balburdia-e-ja-mira-unb-uff-e-ufba,70002809579>>. Acesso em: 18 nov. 2019.



fazendo “balbúrdia”. Quando questionado a respeito do que se tratava a “balbúrdia”, o ministro afirmou que havia presenciado em universidades públicas situações como eventos políticos, manifestações partidárias e festas inadequadas, além de citar a presença de sem-terras dentro das instituições, bem como “gente pelada” transitando pelos campus (AGOSTINI, 2019).

Ironicamente, dentre as instituições que se enquadraram nesses “requisitos” de Weintraub, estava a Universidade de Brasília (UnB), a Universidade Federal Fluminense (UFF) e a Universidade Federal da Bahia (UFBA), universidades que obtiveram melhora no ranking universitário internacional, o Times Higher Education (THE), contrariando a alegação do ministro sobre a queda do desempenho das instituições (PALHARES, 2019).

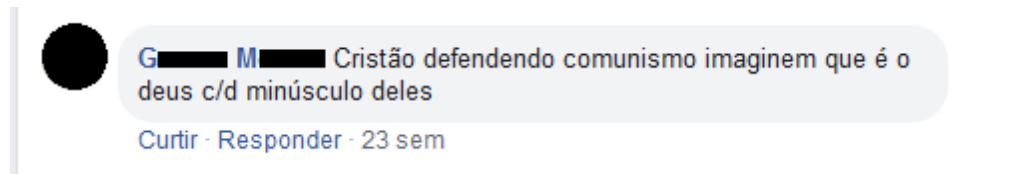
Dessa forma, o termo “balbúrdia” adquire um novo sentido, através da circulação, uma vez que é reinterpretado pelos estudantes. Se antes a “balbúrdia” de Weintraub referia-se a manifestações políticas e partidárias contrárias a sua, agora a “balbúrdia” dos estudantes faz alusão às atitudes tomadas pelo atual governo, do qual ele, o ministro, faz parte. A balbúrdia é o próprio contingenciamento dos recursos, “É fechar a universidade e querer que os outros parem de pensar porque você não concorda.” (Figura 12).

Apesar de se tratar claramente de uma postagem que não se relaciona a assuntos religiosos e se referir somente a temáticas políticas da conjuntura atual, ainda assim é possível verificar nos comentários a relação feita entre o conteúdo da postagem e elementos religiosos. Ficou evidente que os indivíduos criticam a legitimidade cristã da página com base na posição política que essa defende. A página “Cristãos contra o fascismo”, por defender temáticas progressistas, acaba sendo relacionada a um dos lados da polarização, isto é, ao “lado da esquerda”. Quando a página publica então uma matéria, notícia, imagem relacionada à alguma dessas temáticas relacionadas à esquerda, é feita automaticamente uma série de associações, mesmo que estas não sejam de fato verdadeiras.

Por exemplo, na postagem quando a página compartilha uma publicação afirmando que “balbúrdia” é fazer arminha com a mão - gesto feito recorrentemente por Bolsonaro e apoiadores -, votar B17, acabar com a previdência, “fechar” universidade, ela adota uma postura contrária a um dos lados envolvidos na conjuntura de polarização. Ou seja, por criticar o governo e as medidas adotadas por ele, ela é definida como opositora. Consequentemente, ela é associada a vertente política de esquerda, ao comunismo, ao socialismo e às temáticas associadas a esse grupo, como a descriminalização do aborto, a legalização da maconha, mesmo que essa não afirme defender tais pautas na publicação em

questão. Isso passa a ser, então, utilizado como forma de criticar a legitimidade da fé cristã defendida pelo movimento.

Figura 13 - Comentário do usuário conjecturando que o Deus dos cristãos comunistas é com “d” minúsculo



Fonte: Facebook “Cristãos contra o fascismo” (2019).

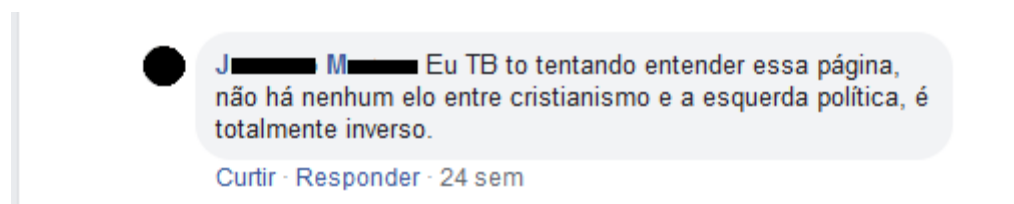
Figura 14 - Comentário do usuário criticando uma página cristã apoiando a esquerda



Fonte: Facebook “Cristãos contra o fascismo” (2019).

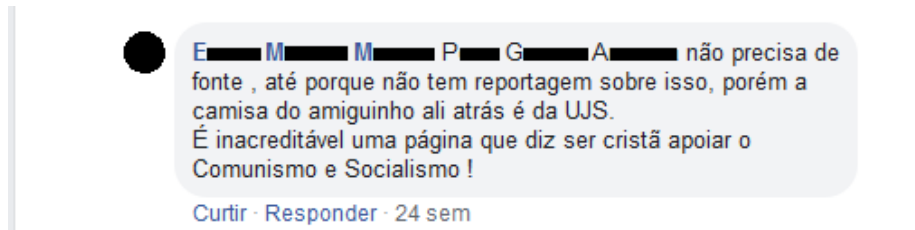
É possível verificar esse tipo de argumento em falas que afirmam ser incongruente ser cristão e comunista ou ser cristão e apoiar à esquerda.

Figura 15 - Comentário do usuário afirmando que não nenhuma ligação entre cristianismo e a esquerda política.



Fonte: Facebook “Cristãos contra o fascismo” (2019).

Figura 16 - Comentário do usuário afirmando que é inacreditável uma página cristã apoiar o comunismo e o socialismo.



Fonte: Facebook “Cristãos contra o fascismo” (2019).

### 4.3.2 #ChegaDeArmas

A segunda postagem trata-se da publicação de uma ilustração feita pelo chargista e ativista político Carlos Latuff, na qual é possível ver duas escolas, uma de frente para a outra, sendo que a primeira possui em seu topo uma bandeira dos Estados Unidos da América, enquanto que a outra possui uma bandeira do Brasil. Através da porta da escola estadunidense, escorre sangue que vai em direção à escola brasileira. No chão, estão duas armas e alguns cartuchos espalhados. Ao fundo, é possível ver apenas a mão de uma figura que faz gesto de arma e no balão de fala diz: “Estamos no caminho certo!”. A publicação foi postada com a descrição “#ChegaDeArmas” e obteve 169 comentários, 1,6 mil compartilhamentos e 762 reações - sendo 385 “triste”, 320 curtidas, 34 “grr”, 15 “haha”, 5 “uau” e 3 “amei”-.

Figura 17 - Publicação da charge feita por Carlos Latuff



Fonte: Facebook “Cristãos contra o fascismo” (2019).

A charge foi publicada após o atentado<sup>34</sup> ocorrido na Escola Estadual Raul Brasil, localizada na cidade de Suzano (SP), em março de 2019. No atentado, um adolescente e um homem, identificados como ex-alunos da escola, entraram na instituição e proferiram diversos tiros contra os estudantes. A ilustração também fazia, ao mesmo tempo, referência a atentados similares ocorridos nas escolas estadunidenses, e aos elogios dados por Bolsonaro à flexibilização da posse de armas nos EUA.

Gesto de arma feito com a mão, por sua vez, relacionava-se à figura de Bolsonaro, que recorrentemente fazia este sinal, tanto que se tornou sua “marca” e de seus apoiadores, principalmente durante sua campanha eleitoral. Um dos casos mais memoráveis ocorreu durante uma viagem do Bolsonaro à cidade de Goiânia, quando realizava sua campanha. O presidente, na época candidato à presidência, pegou uma criança no colo e, com sua mão, ensinou a menina fazer o símbolo de arma. O deputado delegado Waldir (PSL - GO), que acompanhava o presidente na viagem, defendeu que o gesto não representava uma arma para as “pessoas de bem”, somente para os “bandidos” e ainda afirmou que o sinal simboliza ser cristão e ser patriota (FERNANDES, 2018).

Figura 18 - Jair Bolsonaro ensina criança a fazer gesto de arma



Fonte: Mais Goiás (2018).

---

<sup>34</sup> CRUZES, M. **Dupla ataca escola em Suzano, mata oito pessoas e se suicida.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/tiros-deixam-feridos-em-escola-de-suzano.ghtml>>. Acesso em: 19 nov. 2019.

Para Waldir, a interpretação do sinal difere de acordo com a índole do sujeito. Para o “cidadão de bem”, ele representa coragem, honestidade, ser patriota, ser cristão, enquanto que para o bandido pode ser uma arma. O deputado reivindicou para si a popularidade do gesto feito por Bolsonaro, mas negou que esse quisesse fazer referência a uma arma (FERNANDES, 2018). O sinal já estava sendo utilizado no Congresso durante as reuniões da bancada da bala, do qual o presidente fazia parte enquanto deputado.

A bancada da bala ganhou essa denominação por ser uma frente parlamentar que defende pautas ligadas ao armamento civil, à flexibilização de leis relacionadas a armas e por se posicionar contra políticas desarmamentistas. Sendo que essas propostas faziam parte da campanha de Bolsonaro enquanto candidato à presidência. Após sua eleição, uma das medidas tomadas foi assinar o decreto<sup>35</sup>, em janeiro de 2019, que propunha reformulações no Estatuto do Armamento, flexibilizando a posse de armas.

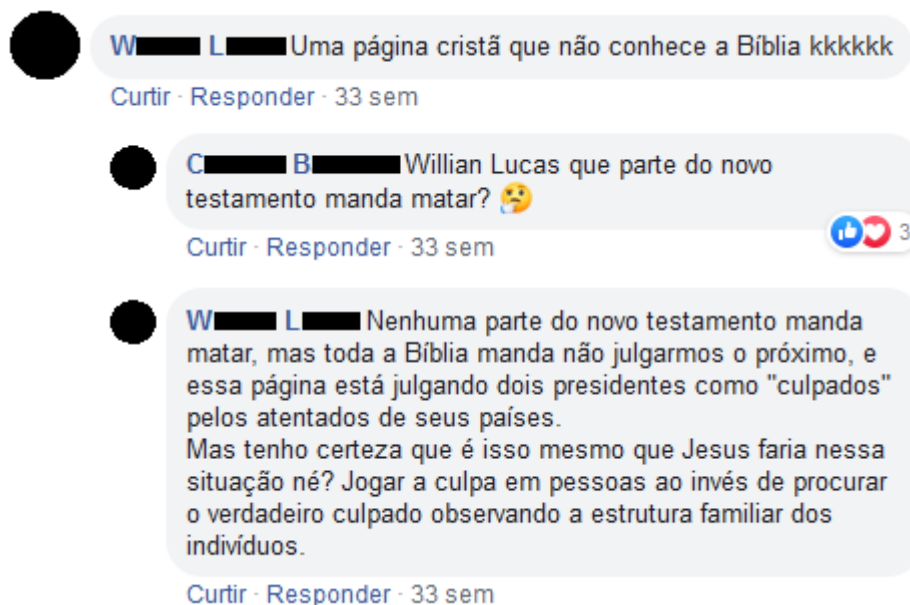
Nos comentários, do mesmo modo que a postagem anterior, é possível ver indivíduos criticando a legitimidade da fé e a interpretação bíblica. É possível ver o acionamento de valores cristãos que se relacionem com o conteúdo da postagem para corroborar com a opinião defendida pelo indivíduo. Em um desses casos, o internauta cujas iniciais são W.L ironiza a postagem ao comentar que uma página cristã desconhece a Bíblia (Figura 19). Como resposta ao comentário, C.B questiona onde estaria no Novo Testamento um incentivo a matar. W.L afirma que nenhuma passagem do novo testamento manda matar, mas que, em toda a Bíblia, é possível ver ensinamentos a respeito de não julgar os outros<sup>36</sup> e que, nesse caso, a página estaria julgando “culpados” os presidentes por conta de atentados violentos ocorridos em seus mandatos e que a possível causa de tais crimes era a estrutura familiar desses indivíduos.

---

<sup>35</sup> MAZUI, G; BARBIÉRI, L. **Bolsonaro assina decreto que facilita posse de armas**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/15/bolsonaro-assina-decreto-que-facilita-posse-de-armas.ghtml>>. Acesso em: 19 nov 2019.

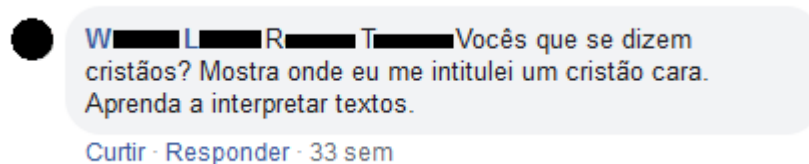
<sup>36</sup> “Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados.” (LUCAS, 6:37); “Portanto, és indesculpável, ó homem, quando julgas.” (ROMANOS, 2:1); “Não julgueis, para que não sejais julgados. Pois, com o critério com que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também.” (MATEUS, 7:1).

Figura 19 - Comentário do internauta W.L. ironizando a página



Fonte: Facebook "Cristãos contra o fascismo" (2019)

Figura 20 - Comentário do internauta W.L. afirmando não ser cristão



Fonte: Facebook "Cristãos contra o fascismo" (2019)

O internauta retoma ensinamentos bíblicos para o que ele considera um julgamento indevido e questiona: "Mas tenho certeza que é isso mesmo que Jesus faria nessa situação né?" (Figura 19). W.L, embora não se considere cristão (Figura 20), utiliza de referências que fazem parte de um repertório de elementos religiosos que são compartilhados pelos demais sujeitos cristãos. Então, ao fazer uso desses elementos (ensinos, passagens bíblicas), o internauta estabelece uma interação, por mais que não seja cristão, com base na relação que possui com esse repertório.

O indivíduo, desse modo, articula um diálogo por meio de referência aos elementos compartilhados com o outro sujeito, a bíblia, a fé. Por serem indivíduos com culturas, hábitos, posições políticas, ideológicas divergentes que, em outros momentos, não manteriam uma conversa, o indivíduo aciona esses conhecimentos que ele prevê serem conhecidos pelo outro numa estratégia de aproximação pelo que eles têm em comum. No caso, embora W.L não seja cristão (Figura 20), ele tem conhecimento de valores cristãos e

presumivelmente da Bíblia, fazendo com que ele use desses artifícios para manter um diálogo através dos comentários.

#### 4.3.3 “Eu queria entender como funciona o raciocínio de alguém que admira Jesus e Bolsonaro ao mesmo tempo...”

A terceira publicação, feita em 26 de setembro de 2019, trata-se de uma imagem do *tweet* publicado na conta pessoal do vereador Professor Tulio (PSOL - RJ), no qual o político escreveu: “Eu queria entender como funciona o raciocínio de alguém que admira Jesus e Bolsonaro ao mesmo tempo...”. A postagem obteve 138 comentários, mil compartilhamentos e 629 reações - sendo 507 curtidas 56 “haha” 43 “triste” 17 “amei” 4 “uau” e 2 “grr”-.

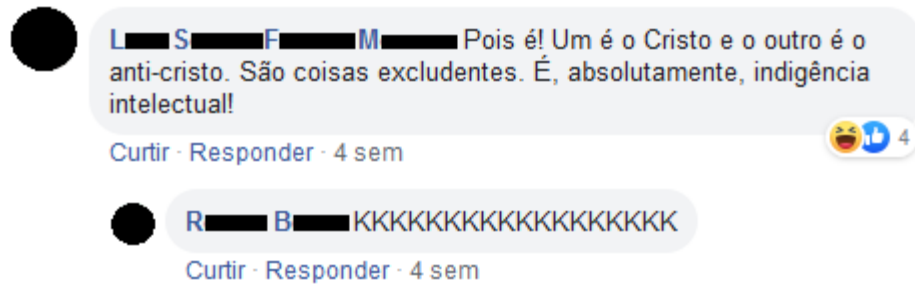
Figura 21 - Publicação do *tweet* do vereador Professor Tulio (PSOL)



Fonte: Facebook “Cristãos contra o fascismo” (2019).

Nos comentários da publicação, é possível ver, de um lado, indivíduos concordando com o questionamento levantado por Tulio e retomando a pergunta sobre como é possível admirar Jesus e Bolsonaro ao mesmo tempo. Há os que corroboram com a crítica do vereador, afirmando que é impossível realizar as duas proposições, já que se trata de uma incoerência.

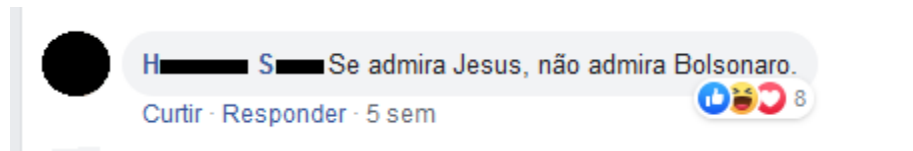
Figura 22 - Comentário do usuário comparando Bolsonaro ao anticristo



Fonte: Facebook “Cristãos contra o fascismo” (2019).

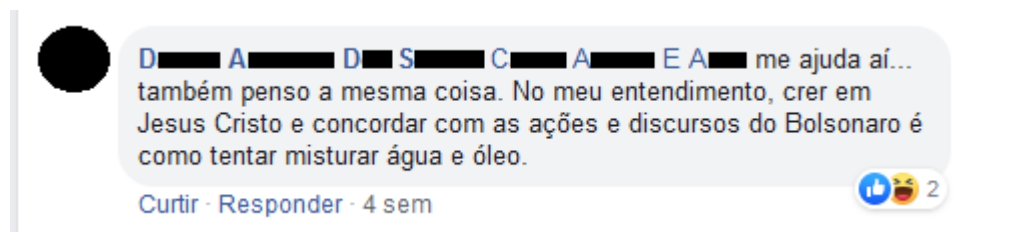
Outros defendem tal posicionamento como atitudes excludentes. Em uma das falas de um internauta, H.S., é possível visualizar esse argumento que “Se admira Jesus, não admira Bolsonaro” (Figura 23). H.S defende que as proposições “admirar Jesus” e “admirar Bolsonaro” são contraditórias, isto é, uma anula a possibilidade da outra ser verdadeira. Outro seguidor da página, D.A, comenta que se um indivíduo crê em Jesus e concorda com as medidas de Bolsonaro está tentando misturar água e óleo (Figura 24). Isto é, está tomando atitudes dissonantes.

Figura 23 - Comentário do internauta afirmando que se admira Jesus, não admira Bolsonaro



Fonte: Facebook “Cristãos contra o fascismo” (2019).

Figura 24 - Comentário do usuário comparando crer em Jesus e concordar com as ações de Bolsonaro como tentar misturar água e óleo



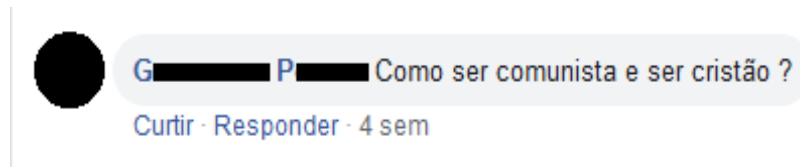
Fonte: Facebook “Cristãos contra o fascismo” (2019).

Por outro lado, nos comentários, é possível ver concomitantemente aqueles que criticam a postagem feita pela página e retornam a pergunta: “Como ser cristão e



comunista?” (Figura 25), “Como admirar Jesus e Lula?” (Figura 26), “Como admirar Jesus e Che Guevara?” (Figura 27), “Como ser cristão e defender o aborto?” (Figura 28).

Figura 25 - Comentário do usuário questionando sobre como ser comunista e cristão.



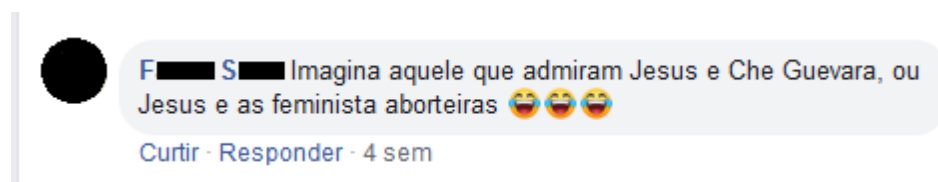
Fonte: Facebook “Cristãos contra o fascismo” (2019).

Figura 26 - Comentário do usuário criticando cristãos que admiram o Lula



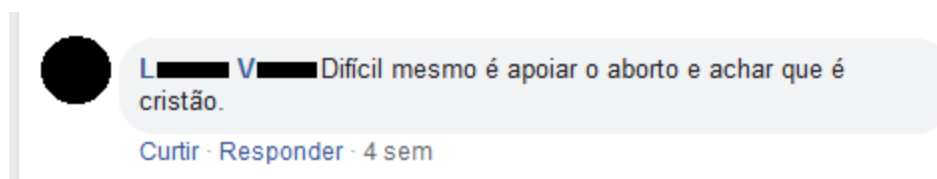
Fonte: Facebook “Cristãos contra o fascismo” (2019).

Figura 27 - Comentário do usuário criticando cristãos que admiram Jesus e Che Guevara



Fonte: Facebook “Cristãos contra o fascismo” (2019)

Figura 28 - Comentário do internauta criticando cristãos que apoiam o aborto

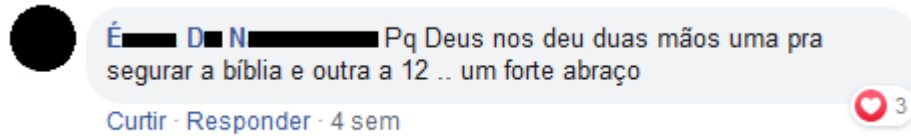


Fonte: Facebook “Cristãos contra o fascismo” (2019)

E outros que respondem o questionamento feito por Tulio no *tweet* e pelos demais seguidores da página. Uma das internautas justifica que é porque Deus permite que ela segure com uma mão a Bíblia e com a outra a “12” - referindo-se à espingarda calibre 12

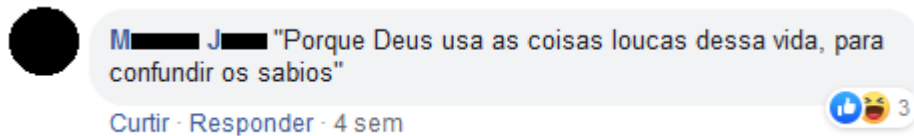
mm - (Figura 29). Outro ainda utiliza um versículo<sup>37</sup> para responder tal pergunta, declarando que Deus usa das coisas mais “loucas” para confundir os sábios (Figura 30).

Figura 29 - Comentário do usuário respondendo como admirar Jesus e Bolsonaro.



Fonte: Facebook “Cristãos contra o fascismo” (2019).

Figura 30 - Comentário de usuário que usa um versículo bíblico para justificar sua posição



Fonte: Facebook “Cristãos contra o fascismo” (2019).

E há aqueles que são categóricos e simplesmente afirmam que as duas proposições não funcionam juntas.

Figura 31 - Comentário do usuário afirmando que não funciona o raciocínio de quem admira Jesus e Bolsonaro.



Fonte: Facebook “Cristãos contra o fascismo” (2019).

Figura 32 - Comentário do usuário respondendo que não existe raciocínio em admirar Jesus e Bolsonaro.



Fonte: Facebook “Cristãos contra o fascismo” (2019).

Evidencia-se um embate travado entre aqueles que creem ser possível admirar Jesus e Bolsonaro e aqueles que defendem as duas proposições como dissonantes. Os que criticam a postagem buscam voltar o direcionamento para a página e seus seguidores, tomando automaticamente que essa possui viés político de esquerda. Ao fazer essa primeira

<sup>37</sup> “[...] pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes.” (1 CORÍNTIOS, 1:27).

associação, logo faz uma série de associações consecutivas, como ser a favor da descriminalização do aborto, da maconha ou ser contra a posse de arma, assim por diante. Então, mesmo que a publicação não aborde essas questões, são essas pautas entendidas como ligadas ao polo opositor, ao polo da esquerda, que faz com que os usuários critiquem a legitimidade da página ao se denominar cristã, já que esses seriam valores que atentam contra a moral cristã.

#### 4.3.4 Minha fé não combina com...

A última publicação trata-se do compartilhamento da campanha intitulada “A fé cristã”, pela página “Quebrando Tabu”, em 23 de setembro de 2018, com a seguinte descrição: “O grupo ‘cristãos contra o fascismo’ mostrando o que não combina com a fé deles”. A postagem recebeu 1,4 mil comentários, 19 mil compartilhamentos e 30 mil reações - sendo 22 mil curtidas, 8,5 mil “amei”, 163 “haha”, 40 “uau”, 8 “triste”, 6 “grr”. As imagens que foram compartilhadas tratavam-se das que afirmavam “Minha fé não combina com homofobia”, “Minha fé não combina com racismo”, “Minha fé não combina com misoginia”, “Minha fé não combina com xenofobia”.

Figura 33 - Compartilhamento da campanha “A fé cristã” pela página “Quebrando Tabu”



Fonte: Facebook “Quebrando Tabu” (2018).

Percebe-se que a página fez a escolha de compartilhar as imagens da campanha que

defendiam o que não combina com a fé, ao contrário de compartilhar as postagens em que afirmam com o que combina: amor, respeito, igualdade. Indivíduos afirmam que pregam o amor, o respeito, a igualdade, a justiça, mas mesmo assim justificam seus atos homofóbicos, desrespeito, machistas, xenofóbicos. Para muitos, essas atitudes demonstram uma dissonância cognitiva (FESTINGER, 1975).

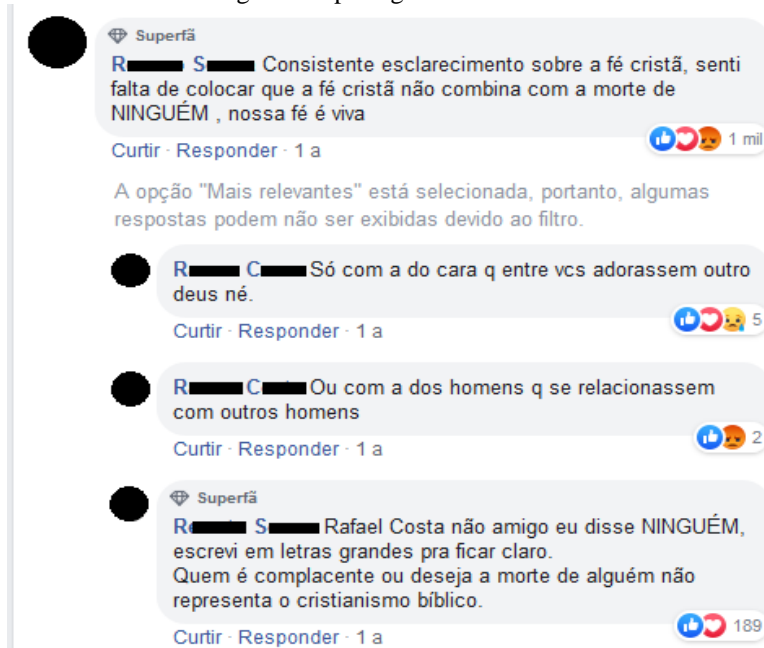
Por outro lado, quando os indivíduos tomam atitudes dissonantes, recorrentemente eles buscam justificativas para suas dissonâncias cognitivas. Nesse caso, é possível visualizar, através dos comentários, que os internautas defendem sua posição por meio de elementos bíblicos. Isso é, o indivíduo defende que é cristão, que acredita no amor e no respeito, mas também defende, por exemplo, que os homossexuais não podem congregiar na igreja.

Quando a página opta por compartilhar justamente essas negações, ela reforça que mais importante do que dizer com o que combina a fé, é dizer com o que ela não pode ser conivente. Nos comentários, é possível ver usuários concordando com as negações expressas nas imagens compartilhadas pela “Quebrando Tabu” e reforçando que a fé não pode estar associada a formas de opressão.

Diferentemente de outras publicações, em uma das interações, é possível ver um internauta sendo questionado acerca de questões teológicas. No caso, o diálogo ocorre através de perguntas a respeito da conduta de Deus no Antigo e no Novo Testamento, que são respondidas pelo usuário.

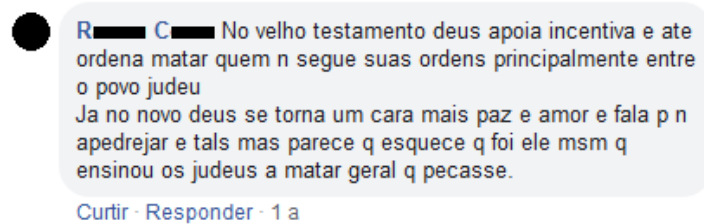
O internauta, cujas iniciais são R.S., elogia a postagem e defende que a fé cristã não combina com a morte de ninguém, dando ênfase à palavra ninguém. Em resposta, é possível ver usuários ironizando R.S., afirmando que esse só defende a morte de quem não acredita no mesmo Deus ou de homossexuais. Em resposta, é possível ver que R.S. retorna as respostas com base no “cristianismo bíblico”.

Figura 34 - Comentário do usuário elogiando a postagem.



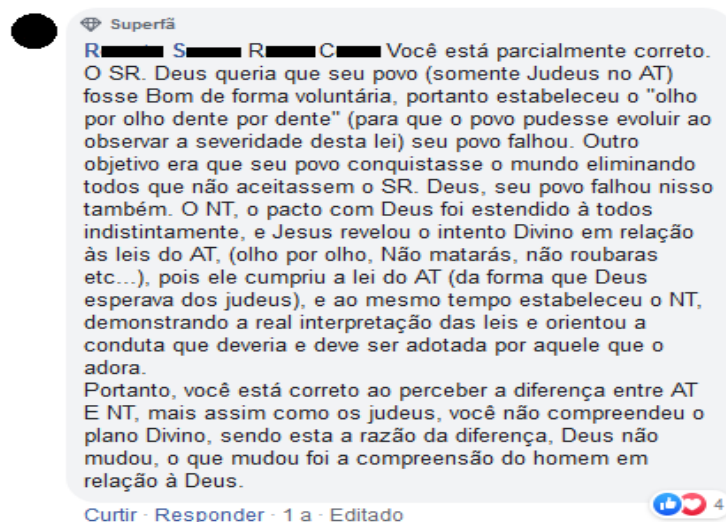
Fonte: Página “Quebrando Tabu” (2018).

Figura 35 - Comentário do internauta questionando sobre conhecimentos teológicos.



Fonte: Página “Quebrando Tabu” (2018).

Figura 36 - Comentário de internauta respondendo o outro com base em conhecimentos teológicos

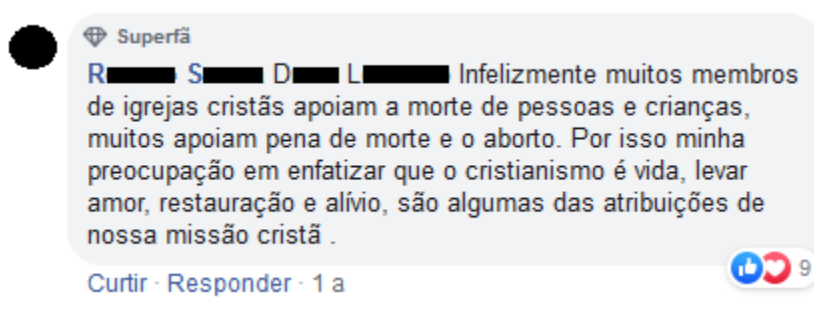


Fonte: Página “Quebrando Tabu” (2018).

Interessante observar que, ao responder o comentário do usuário sobre Deus ser uma figura má, que ensinou o povo a matar e que permitia que esses o fizessem, R.S. não optou por retornar de forma agressiva e categórica; pelo contrário, ele inicia sua colocação falando “Você está parcialmente correto” e, em seguida, discorre sobre os pontos corretos na fala do outro. Ele não desconsidera tudo o que o outro internauta pontua, simplesmente por esse pensar de forma diferente da sua. Ou seja, suas características não são tomadas como definidoras e, portanto, ele não é reduzido a um grupo, fazendo com que o diálogo ocorra. Desse modo, o usuário utiliza de referência aos elementos compartilhados com o outro sujeito, a bíblia, a fé, na tentativa de criar um diálogo com esse.

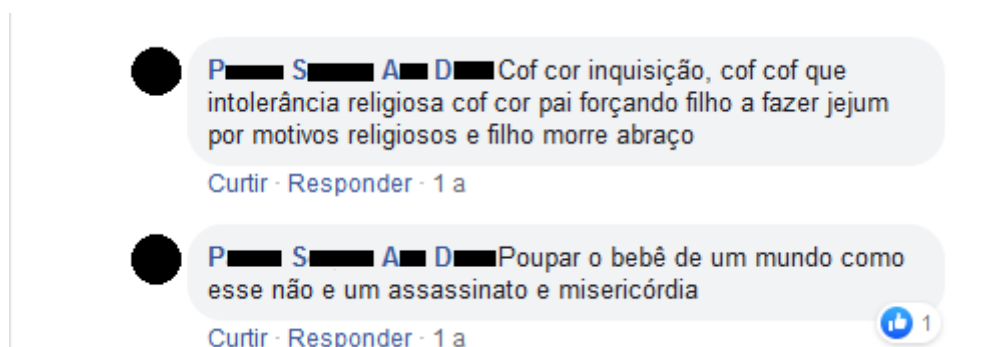
Outra interação entre esse mesmo sujeito, R.S., e outro internauta, P.S.A.D., que questiona a respeito da posição sobre o aborto. R.S. instiga P.S.A.D. a respondê-lo com base em argumentos do cristianismo bíblico, uma vez que, segundo R.S., verás que essa prática não retrata “a vontade de Deus”. O diálogo novamente, nesse caso, ocorre com base no acesso dos dois sujeitos ao repertório compartilhado: a Bíblia.

Figura 37 - Comentário do internauta sobre membros de igrejas defenderem a morte de pessoas e crianças.



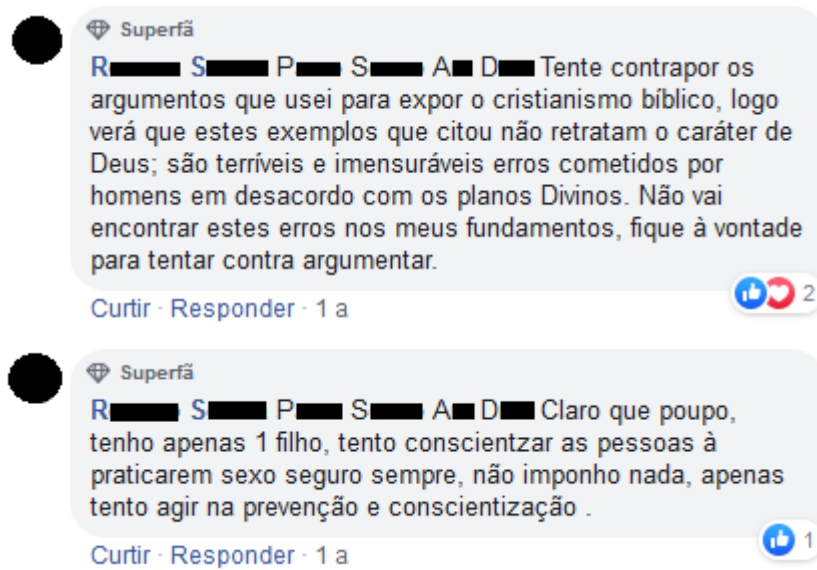
Fonte: Página “Quebrando Tabu” (2018).

Figura 38 - Comentário do usuário criticando a posição adotada pelo outro



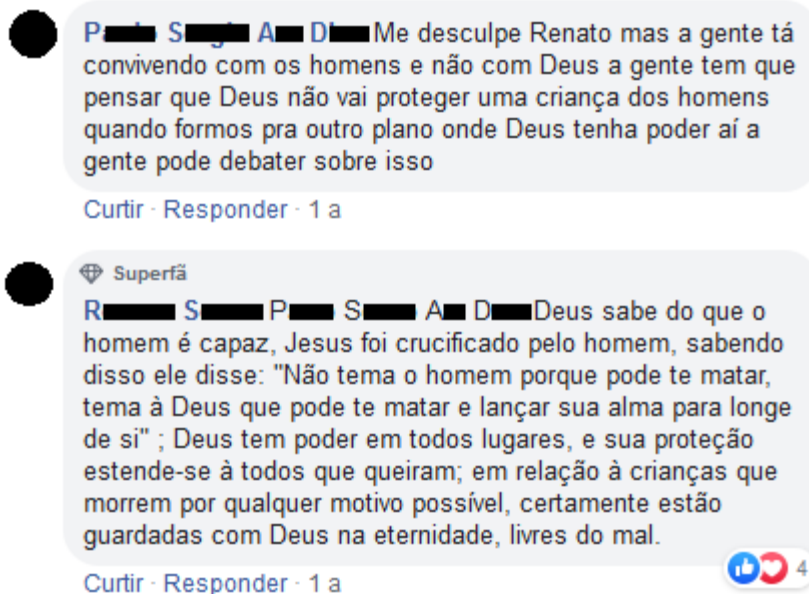
Fonte: Página “Quebrando Tabu” (2018).

Figura 39 - Comentário do internauta instigando o outro a respondê-lo com base em conhecimento bíblico.



Fonte: Página “Quebrando Tabu” (2018).

Figura 40 - Comentário dos usuários interagindo



Fonte: Página “Quebrando Tabu” (2018).

O usuário R.S., portanto, mantém um diálogo e responde questionamentos relacionados a questões seculares como a descriminalização do aborto, com base no seu entendimento do cristianismo bíblico. Do mesmo modo que, na postagem anterior, o interagente aciona versículos e valores bíblicos para justificar o seu posicionamento.

Nas postagens cujo número de comentários era menor, como nas três primeiras selecionadas da página “Cristãos contra o fascismo”, foi possível ler todos os comentários

presentes na publicação. No caso da quarta postagem compartilhada pela página “Quebrando Tabu”, dado a grande quantidade de comentários, optou-se por se ater aos 50 tidos pela plataforma como os mais relevantes. Ao analisar os comentários, foi possível fazer algumas considerações.

A primeira é a divergência de falas que não tem relação com o conteúdo publicado pela página. Concomitantemente, é feito o uso de *hashtags* relacionadas ao embate travado no cenário polarizado como “#ForaBolsonaro”, “BolsonaroTemRazao”, “#EleSim”, “#EleNão”, “B17”, “Lula Livre”. Esse tipo de argumento é ineficaz quando se trata de possíveis articulações de diálogo, uma vez que não expõe a opinião do interagente, não traz reflexões a respeito do que está sendo colocado em discussão pela página e não demonstra abertura a posições políticas divergentes.

A segunda constatação é o emprego de memes como um recurso humorístico para desqualificar ou depreciar: (a) a página, (b) o que está sendo dito pelo movimento ou (c) outro internauta nos comentários. Em alguns casos, o uso de memes e *gifs* é empregado para corroborar com a opinião defendida pela página ou por outro usuário, mas esse uso se apresenta menor recorrência. Da mesma forma, esses não se apresentam como potencialidades para o estabelecimento de diálogo, uma vez que majoritariamente ofendem e depreciam a imagem e/ou a fala de outro usuário.

A terceira colocação é o ódio biopolítico direcionado à esquerda, principalmente, aos cristãos de viés político de esquerda, justificados pelo fato dessas duas proposições serem consideradas pelos interagentes como dissociantes/opostas, posto que, segundo esses, partidos de esquerda defendem a ideologia de gênero, a sexualização infantil, a descriminalização do aborto, a legalização da maconha, ações que vão contra os valores cristãos. Ademais, há indivíduos que alegam seu ódio contra o viés político de esquerda porque, de acordo com eles, a esquerda deseja acabar com o cristianismo, pois são contra qualquer manifestação religiosa, uma vez que vê a religião como “ópio do povo”.

A quarta colocação que se pode fazer são os embates travados a respeito da definição do que é ser cristão e o combate sobre quem pode e quem não pode fazer uso dessa concepção. A quinta colocação trata-se das estratégias argumentativas baseadas em elementos religiosos. Foi possível perceber, através dos comentários, o acionamento de ensinamentos, versículos bíblicos como forma de (a) justificar a posição adotada pelo interagente, (b) criticar o posicionamento defendido pela página e por outros usuários e, talvez a mais otimista proposição, (c) a construção de um diálogo com base no discurso



religioso.

A seguir, explorar-se-á esses dois últimos apontamentos que vão ao encontro dos objetivos e do problema central desta monografia.

#### 4.3.5 Embates a respeito da definição de cristão

Em todas as postagens analisadas, foi verificado o embate travado, nos comentários, entre os interagentes sobre o que é ser cristão, quais práticas, atitudes, ações os definem como parte dessa denominação. Esse conflito pode ser decorrência do fenômeno da relativização, visto no primeiro capítulo como uma das consequências ocasionadas pela passagem para a modernidade (BERGER; ZIJDERVELD, 2012).

A religião funciona fornecendo pacotes que reúnem práticas, maneiras e estilos de vida para que indivíduos possam ter modos de enfrentamento da vida e não precisem ficar o tempo todo refletindo sobre que ações tomar, que práticas aderir, que opiniões ter sobre fatos da vida moderna (BERGER; ZIJDERVELD, 2012).

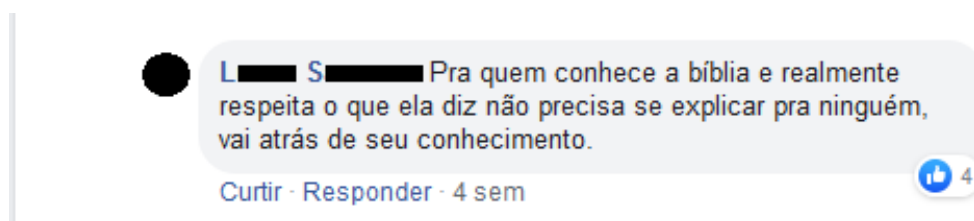
No entanto, a relativização faz com que os conhecimentos tidos como absolutos, naturalizados, padronizados, sejam relativizados, ou seja, postos em cheque (BERGER; ZIJDERVELD, 2012). Isso alterou a forma com que a religião se organiza no século XXI e no modo como ela é percebida pelos indivíduos. Antes a religião estava em um nível profundo, visto como uma aceitação natural, atualmente na modernidade se localiza num nível mais superficial, compreendida como uma escolha individual.

Do mesmo modo, práticas/conhecimentos religiosos antes institucionalizados foram desinstitucionalizados. Ou seja, as ferramentas fornecidas por esses pacotes não funcionam mais no contexto moderno. Porque a mulher deve ser submissa ao marido? Porque um homossexual não pode congrega dentro de uma comunidade de fé? Porque uma mulher não pode ser líder de uma igreja? Por conta de questões não respondidas por uma religião, os sujeitos passaram a buscar uma complementariedade das suas cosmovisões, através de outras religiões, doutrinas, cultos e seitas, originando ações ecumênicas e de diálogo inter-religioso.

Isso provocou uma mudança na compreensão do que é ser cristão e de quais práticas estão associadas a isso. Colocando em embate essa definição e quem pode apropriar-se dela. O conflito é percebido através de argumentos como “**se diz** cristão”, “**se diz** evangélico”, “pra **quem conhece** a Bíblia e **realmente respeita** o que ela diz” (Figura

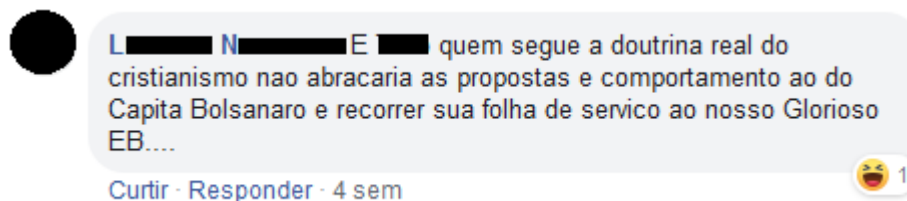
41), “[...] quem segue a **doutrina real do cristianismo**” (Figura 42), “Difícil mesmo é apoiar o aborto e **achar que é cristão**” (Figura 43), “**Vocês nem cristãos são** seus jumentos retardados ignorantes” (Figura 44), “[...] essa página **não é de cristãos**” (Figura 45),.

Figura 41 - Comentário do usuário afirmando que quem segue a doutrina real do cristianismo não concordaria com as propostas de Bolsonaro



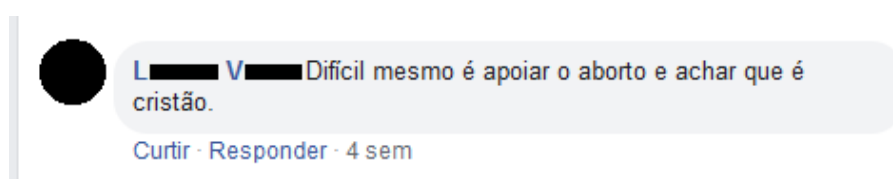
Fonte: Página “Cristãos contra o fascismo” (2019).

Figura 42 - Comentário do usuário afirmando que quem segue a doutrina real do cristianismo não concordaria com as propostas de Bolsonaro



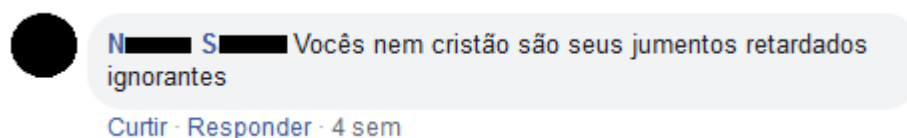
Fonte: Página “Cristãos contra o fascismo” (2019).

Figura 43 - Comentário do usuário criticando quem se denomina cristão e defende o aborto



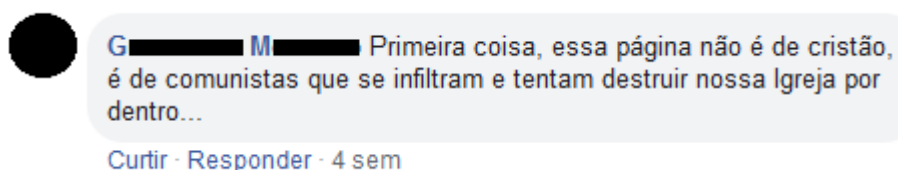
Fonte: Página “Cristãos contra o fascismo” (2019).

Figura 44 - Comentário de usuário proferindo ofensas contra a página



Fonte: Página “Cristãos contra o fascismo” (2019).

Figura 45 - Comentário do usuário afirmando que a página não é de cristãos, mas de comunistas



Fonte: Página “Cristãos contra o fascismo” (2019).

De um lado, há aqueles que compreendem que a fé cristã e que os cristãos devam defender o amor, o respeito, a tolerância, mas não aceitam, dentro dessa concepção de fé, mudanças de práticas já institucionalizadas. Por outro lado, outros internautas afirmam que a fé cristã e que os cristãos devam defender o amor, o respeito, a tolerância que abranja a todos os grupos sociais minoritários e, que faz parte da vida cristã, lutar contra formas de opressão, discriminação, intolerância, sendo essas muitas vezes reforçadas pelas próprias práticas institucionalizadas dentro da religião cristã.

As discussões travadas, então, irão buscar através de versículos, ensinamentos, valores bíblicos para justificar a posição empregada. É estabelecida uma relação de poder com base no quanto de conhecimento cristão ou conhecimento bíblico o indivíduo possui. Quanto mais conhecimento, mais autorizado ele está de se denominar cristão. Quando menos conhecimento, menos ele discorre do privilégio de fazer uso dessa concepção.

No entanto, foi possível perceber o uso do conhecimento cristão como esse espaço “em comum” entre indivíduos de posições políticas ideológicas divergentes na tentativa de criação de um possível diálogo. A seguir, ver-se-á melhor a respeito dessa categoria.

#### 4.3.6 Diálogo baseado em elementos religiosos

Como última consideração que se fez a respeito da análise das publicações, é possível visualizar as tentativas de se ter um diálogo tendo como base elementos religiosos (Figuras 35, 36 e 39). Busca-se superar as diferenças e olhar para aquilo que é comum, aquilo que une indivíduos de visões políticas, ideológicas e culturais diferentes. Para se criar um diálogo, é feito, então, um acionamento do repertório em comum entre os interagentes.

Em se tratando da circulação de discursos religiosos, percebe-se que os usuários optam por utilizar elementos que são em comum à fé cristã: os ensinamentos, os versículos bíblicos, os valores cristãos e a fé em Jesus Cristo como Salvador. Essa relação remete a forma com que o diálogo ecumênico se configura, como foi visto no primeiro capítulo.

No ecumenismo, os sujeitos de diferentes vertentes cristãs buscam a unificação em prol da salvação do mundo, rememorando os elementos que unem os cristãos, tais como: o batismo, a oração, a celebração da ceia, a comunhão. Trata-se da percepção mais promissora encontrada na análise, visto que compreende uma possibilidade no estabelecimento do diálogo em meio a uma ambiência de polarização política, na qual a comunicação reforça distinção, afastamento e até violência simbólica (BRAGA, 2019).

No segundo capítulo, viu-se o quão grave é um fenômeno polarizado às democracias, já que esses podem levar ao fim regimes democráticos. Na polarização política, tal como se vê na conjuntura atual de 2019, há a perda da tolerância mútua existente entre os competidores pela presidência, que passam a ver o outro como inimigo e não mais como um bom adversário. Essa visão de que o partido opositor é um inimigo, logo, um perigo para a sociedade, leva líderes autoritários tomarem ações antidemocráticas sob a justificativa de estar fazendo o bem pela nação, pelo povo.

A deturpação da reserva institucional, isso é, a realização de medidas que, embora sejam institucionais, violam claramente as regras do jogo democrático, também pode agravar aos poucos o esfacelamento da democracia. A prisão preventiva do ex-presidente Lula foi comprovada como uma ação para “tirar do jogo” um político com claras chances de vitória no último período eleitoral (2018). Através das informações vazadas por hackers do celular do ministro Sérgio Moro, divulgados pelo The Intercept, foram verificadas as intenções políticas envolvidas por trás da prisão de Lula, bem como da sua proibição de dar entrevista, por receio de auxiliar na eleição de Fernando Haddad (PT).

Os autores Steven Levitsky e Daniel Ziblatt (2018) defendem que, para frear as ações de líderes autoritários e salvar a democracia, é necessária a formação de coligações compostas por grupos distintos da sociedade, unidos por uma luta: defender a democracia. Ou seja, é preciso que haja o entendimento de que é preciso superar as desavenças que afastam grupos tão distintos e a retomada de elementos que os unem para que, assim, se possa lutar pelo bem da democracia e pelo direito de manifestação dessa pluralidade.

Indivíduos distintos acionando repertórios em comum para tentar trocar opiniões e dialogar. Embora os indivíduos retratados em questão possam não ter alterado suas convicções, não se deixando “contaminar” cognitivamente, ainda assim eles puderam, através da interação social, gerar uma articulação por meio de elementos em comum. Possivelmente eles tenham visto pontos em comum entre ele e o interagente, talvez tenham perdido parte da visão reducionista, negativa, que tinham a respeito das convicções do

outro por meio do diálogo que tiveram. A circulação de discursos na página “Cristãos contra o fascismo”, no Facebook, auxiliou a compreender de que forma é possível que isso ocorra.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi analisar a circulação de discursos religiosos na página do Facebook do movimento “Cristãos contra o fascismo”, procurando entender que sentido esses discursos adquirem numa ambiência de polarização política. Para isso, no primeiro capítulo, partiu-se da compreensão de como é criado um diálogo através de movimentos ecumênicos, visto que o objeto de estudo tratava-se de um movimento ecumênico. Percebeu-se que o ecumenismo, ao reunir cristãos de diferentes denominações, busca ressaltar elementos em comum com a fé cristã, tais como o batismo, a oração, a celebração da ceia, a comunhão, (HORTAL, 1996). Ou seja, embora diferentes, todos são um por meio da fé que os unifica. O ecumenismo possui, então, a percepção de que é preciso superar as diferenças que afastam os irmãos para que haja união e uma articulação buscando a salvação do mundo.

Fez-se, no primeiro capítulo, também um resgate dos conceitos como secularização, pluralidade, relativização, que ajudaram a compreender como a religião se configura hoje na modernidade (BERGER; ZIJDERVELD, 2012). Sociólogos da religião defendiam a chamada tese da secularização, que propunha que a religião não exercia mais força e autoridade na organização social, o que conseqüentemente a levaria ao seu fim. No entanto, o que se parecia como a morte da religião, na era moderna, tornou-se um avivamento das antigas religiões e de novos tipos de religião, seitas, cultos, corroborando para a tese de Berger e Zijderveld (2012) de que a modernidade não necessariamente seculariza, mas pluraliza. Ademais, a permanência de atitudes regalistas que favorecem uma religião, principalmente a cristã, contrariando a proposição do Estado laico, que deveria assegurar a não confessionalidade e a liberdade religiosa. A presença, cada vez crescente do protestantismo evangélico na arena política, sobretudo, nas últimas eleições, fez perceber que as relações entre a modernidade e a religião permanecem estreitas.

Já no segundo capítulo, buscou-se compreender o fenômeno da polarização política, como ele se configura desde a última eleição (2018), as características relacionadas ao fenômeno polarizado e quais suas conseqüências para o estabelecimento do diálogo. Foi possível constatar que a polarização política antes entendida como uma disputa bipartidária, conhecida principalmente pelo embate entre o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido da Social Democracia (PSDB), agravou-se para um cenário no qual se nutre, por ambos os lados, uma aversão pelo partido opositor, visto não mais como competidor, mas como um

inimigo (BRAGA, 2019). Dentre as características associadas a esse processo, percebe-se a disseminação de *fake news*, os ataques aos veículos de comunicação, a circulação de discursos de ódio e intolerância reforçados pelas falas dos líderes políticos envolvidos nessa conjuntura (BRAGA, 2019).

Por meio dos autores Steven Levitsky e Daniel Ziblatt (2018), pode-se inferir os perigos ocasionados por fenômenos polarizados, já que ao ver o partido como um mal a ser combatido são justificadas ações antidemocráticas e autoritárias, podem levar ao esfacelamento da democracia. Para evitar que líderes antidemocráticos tomem o controle e o agravamento da polarização, Levitsky e Daniel Ziblatt (2018) propõem que é preciso uma formação de coligações composta por grupos distintos para que haja uma união em prol da democracia.

Por fim, no último capítulo do presente estudo, realizou-se a análise da circulação das postagens feitas pelo movimento “Cristãos contra o fascismo”, buscando entender como esses discursos circulam e quais sentidos adquirem na ambiência de polarização política. Para isso, foi preciso realizar um resgate da origem da página e as nuances percebidas até aqui. Também se dedicou uma seção para explicitar o percurso metodológico utilizado para entender a circulação dos comentários, sendo que se optou por trabalhar com a análise da circulação através das contribuições dos autores José Luiz Braga (2006, 2012, 2018) e Antonio Fausto Neto (2010). Para realizar a seção da análise dos comentários, foram selecionadas quatro postagens, sendo três publicadas na página do movimento e uma compartilhada pela página “Quebrando Tabu”, dentre as que obtiveram maior interação verificada pelo número de reações, comentários e compartilhamentos.

Pode-se fazer algumas considerações através da investigação dos comentários. A primeira delas é o ódio biopolítico direcionado à esquerda e, sobretudo, aos cristãos de viés político de esquerda, justificados pelo fato da esquerda, segundo esses, defender pautas como a descriminalização do aborto, da maconha, os direitos de homossexuais, vistos como atitudes contra os valores cristãos. Ademais, os usuários que demonstravam repulsa ao viés político de esquerda defendiam suas posições por, de acordo com eles, esse ser contra a religião cristã.

Outra consideração que pode ser percebida foram os embates pela definição do que é ser cristão e de quem pode usufruir dessa denominação. Percebe-se que a modernidade, ao relativizar os conhecimentos antes tidos como absolutos e transformar práticas institucionalizadas como as presentes na prática religiosa, também relativizou a

compreensão do que é ser cristão e colocou, portanto, em debate quais atitudes, práticas, pensamentos podem estar associadas a essa denominação. Por conta disso, muitos usuários buscam defender suas posições com base na Bíblia, sendo essa uma forma de estimar quem pode ou não pode usar dessa denominação.

A última consideração que se percebe é o diálogo realizado com base nos ensinamentos, versículos, valores religiosos, ativando um repertório em comum para (a) justificar a posição adotada pelo usuário, (b) criticar o posicionamento defendido pela página e por outros interagentes e, talvez a proposição que se vê com maior positividade, (c) a construção de um diálogo com base no discurso religioso. Os interagentes, através do comentário, puderam manter uma interação, trocar opiniões, fazendo com que as diferenças que os desuniam, por um momento, fossem superadas através do diálogo. Percebe-se, portanto, similaridades na forma como o movimento ecumênico constrói uma interação e também diálogo, através de elementos em comum em sujeitos distintos.

Ao final deste estudo, pode-se compreender as potencialidades de um diálogo para o rompimento de estruturas polarizadas, e os possíveis caminhos a serem seguidos adiante.





## REFERÊNCIAS

- A Bíblia Sagrada.** Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2ª ed. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- AVAAZ. **Eleições e Fake News** (2018). Disponível em: <[https://secure.avaaz.org/act/media.php?press\\_id=917](https://secure.avaaz.org/act/media.php?press_id=917)>. Acesso em: 30 set 2019.
- BERGER, P. **Os múltiplos altares da modernidade rumo a um paradigma da religião numa época pluralista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- BERGER, P; ZIDERVELD, A. **Em favor da dúvida: como ter convicções sem se tornar um fanático.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- BLANCARTE, R. **América Latina: Entre pluri-confesionalidad y laicidad.** Civitas, Porto Alegre, v.11, n.2, p 182-206, maio-ago. 2011.
- BRAGA, J. GT **“Polarização, Incivildades e Intolerância” - III Seminário Internacional de Pesquisas em Mdiatização e Processos Sociais** (2019). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Dr4iXfxw0CU&feature=youtu.be>>. Acesso em: 1 jul 2019.
- BRAGA, J. L. **Circuitos versus campos sociais.** In: MATTOS, M. Â.; JANOTTI JR, J.; JACKS, N. (Orgs.). **Mediação & Mdiatização.** Salvador: EDUFBA; Brasília: COMPOS, 2012, p. 31-52.
- BRAGA, J. **Sociedade Mdiatizada.** In: Animus: revista interamericana de comunicação midiática/Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas - Vol. V, n..2 (julho/dez, 2006) - Santa Maria, 2006.
- BRANT, D. **Bolsonaro quer evangélico que 'recite versículos bíblicos' na Ancine.** Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/08/bolsonaro-quer-evangelico-que-recite-versiculos-biblicos-na-ancine.shtml>>. Acesso em: 22 nov 2019.
- CASTILHO, M. **O ethos mdiatizado de Marco Feliciano: uma análise discursiva acerca dos vídeos da hashtag ANossaFamíliaMereceRespeito no YouTube.** Dissertação, Pós-graduação em Comunicação. Santa Maria. 2019.
- CUNHA, M. **Política, mídia e religião: o ativismo progressista entre evangélicos brasileiros por meio do Facebook e do Twitter.** C&S – São Bernardo do Campo, v. 39, n. 3, p. 217-244, set./dez. 2017.
- DALMOLIN, A. A circulação dos discursos de ódio biopolítico e intolerância religiosa nas redes sociais. In.: CUNHA, M; STORTO, L. **Comunicação, Linguagens e Religiões: tendências e perspectivas na pesquisa.** São Paulo: Intercom/ Curitiba: Syntagma, 2019.

DEMORI, L; GREENWALD, G; DE SANTI, A; MARTINS, R; FISHMAN, A; AUDI, A; DIAS, T; DE LARA, B. **Um mês de #VazaJato: ouça agora áudio inédito dos arquivos do Intercept Brasil.** Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/07/09/vazajato-audio-inedito-deltan-dallagnol/>>. Acesso em: 30 set 2019.

FAUSTO NETO, A. **As bordas da circulação.** ALCEU - v.10 - n.20 - p.55 a 69 - jan./jun. 2010.

FAUSTO NETO, A. WESCHENFELDER, A. OKADA, C. BASTIAN, M. BEHS, M. **Mediatização, prática social - prática de sentido.** Encontro da rede prosul - Comunicação, Sociedade e Sentido. UNISINOS, PGCC, São Leopoldo 2006.

FELICIANI, M. **Humor e ódio biopolítico: A circulação dos vídeos do personagem Bolsonaro pela página de Bolsonaro no Facebook.** Dissertação (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

FERNANDES, L. **Bolsonaro ensina criança a imitar arma com a mão.** Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-ensina-crianca-imitar-arma-com-mao-22905093>>. Acesso em: 19 nov 2019.

FESTINGER, L. Introdução à Teoria da Dissonância Cognitiva. In: FESTINGER, Leon. **Teoria da Dissonância Cognitiva.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

FOUCAULT, M. Direito de morte e poder sobre a vida. In: FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 1: A vontade de saber.** São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FRIGO, D. **Circulação de sentidos e a memória da ditadura civil-militar no acontecimento o "Voto de Jair Bolsonaro" no impeachment de Dilma Rousseff.** Dissertação – UFSM. Santa Maria, 2018.

GEHLEN, A. **Man: His Nature and Place in the World.** Nova York: Columbia University Press, 1988.

HORTAL, J. **E haverá um só rebanho: História, doutrina e prática católica do ecumenismo.** São Paulo: Edições Loyola, 1996. 2ª ed.

HOUAISS, A; VILLAR, M. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. 3 ed.

IBGEEDUCA. **Quantidade de homens e mulheres.** Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html>>. Acesso em: 20 ago 2019.

KAKUTAMI, M. **A morte da verdade.** Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2018.

LEVISTSKY, S; ZIBLATT, D. **Como as democracias morrem.** São Paulo: Zahar, 2018.

LÜBBE, H. (1965), **Säkularisierung. Geschichte eines ideenpolitischen Begriffs.** Freiburg/München, Verlag Karl Alber. [Trad. italiana (1970), La secolarizzazione. Storia e

analisi di un concetto. Bologna, Il Mulino.]

MARIANO, R. **Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 2005. 2ª ed.

MARRAMAIO, G. **Poder e secularização: as categorias do tempo**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista (UNESP), 1995.

MELO, C; CÂMARA, R. **Estrutura da competição pela Presidência e consolidação do sistema partidário no Brasil**. Dados [online]. 2012, vol.55, n.1, pp.71-117. ISSN 0011-5258. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0011-52582012000100003>>. Acesso em: 27 set 2019.

MEYER, C. **Steps of of Cristian Unity**. Londres: Fontana Books, 1965, p. 35.

NAVARRO, Juan Bosch. **Para compreender o ecumenismo**. São Paulo: Editora Loyola, 1995.

ORO, A. **A laicidade no Brasil e no Ocidente. Algumas considerações**. Civitas - Revista de Ciências Sociais, vol. 11, núm. 2, mayo-agosto, 2011, pp. 221-237. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.

PALHARES, I. **Universidades acusadas de 'balbúrdia' tiveram melhora de avaliação em ranking internacional**. Disponível em: <<https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,universidades-acusadas-de-balburdia-tiveram-melhora-de-avaliacao-em-ranking-internacional,70002810148>>. Acesso em: 18 nov 2019.

PEISER, Gustave. **Ecole publique, ecole privée et la laïcité em France**. Disponível em: <[https://www.persee.fr/doc/cemot\\_0764-9878\\_1995\\_num\\_19\\_1\\_1239](https://www.persee.fr/doc/cemot_0764-9878_1995_num_19_1_1239)> . Acesso em: 16 jul 2019.

PIERUCCI, A. **Secularização Em Max Weber: Da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido**. Revista Brasileira De Ciências Sociais - Vol. 13 Nº37.

PIERUCCI, A. **Secularização segundo Max Weber**. In: SOUZA, Jessé. (Org.) A atualidade de Max Weber. 1. ed. Brasília, Unb, 2000. cap. 3,p. 105-162.

RANQUETAT, C. A. **Laicidade, Laicismo e Secularização: Definindo e esclarecendo conceitos**. Revista Sociais e Humanas (RSH). CCSH, UFSM. v. 21, n.1 (2008).

REVISTA IHU ON-LINE. **O barulho dos evangélicos. Entrevista com Ricardo Mariano**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/573620-o-barulho-dos-evangelicos-entrevista-com-ricardo-mariano>>. Acesso em: 18 nov 2019.

SALLES, N. **Do nacional ao local: A polarização entre PT e PSDB na perspectiva dos eleitores**. Dissertação Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. Área de atuação cultura, poder e instituições. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015.

TEIXEIRA, A. **Fake News contra a vida: desinformação ameaça vacinação de combate a febre amarela.** Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2018.

WILSON, B. **La religión en la sociedad.** Espanha: Labor, 1969. 1.ed.